

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

A COPA DO MUNDO E A MODERNIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS
BRASILEIROS.

Rafael Rangel Soffredi.

Brasília – DF, 2011.

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia

A COPA DO MUNDO E A MODERNIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS
BRASILEIROS.

Rafael Rangel Soffredi.

Dissertação de mestrado apresentada ao
Departamento de Sociologia da Universidade de
Brasília, como parte dos requisitos para a
obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Brasília – DF
Dezembro de 2011

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Sociologia
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Dissertação de mestrado

A COPA DO MUNDO E A MODERNIZAÇÃO DOS ESTÁDIOS
BRASILEIROS.

Rafael Rangel Soffredi.

Orientador: Doutor Edson Silva de Farias (UnB)

Banca: Prof. Dr. Aldo Antônio de Azevedo - FEF/UnB

Prof. Dr^a. Analia Laura Soria Batista - SOL/UnB

Prof. Dr^a. Sayonara de Amorim Gonçalves Leal Vargas – SOL/UnB (suplente)

Resumo

Nessa pesquisa, de modo geral, abordo a influência que um evento como a Copa do Mundo de Futebol exerce sobre um país como o Brasil. De modo específico, analiso os critérios que influenciaram na escolha dos estádios brasileiros que seriam modernizados devido à Copa do Mundo e como se deu essa escolha levando-se em conta os vários interesses envolvidos. Faço uma análise também a respeito da opinião de alguns torcedores da cidade de São Paulo sobre alguns aspectos da modernização dos estádios e outras influências da recente modernização no futebol.

A escolha pela cidade de São Paulo como alvo dessa pesquisa se dá devido a preferência da Fédération Internationale Football Association (Fifa) e do Comitê Organizador Local (COL) da Copa, presidido por Ricardo Teixeira, também presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), pela cidade como palco do jogo de abertura da Copa e pela importância econômica e política de São Paulo no cenário nacional.

A importância política e, principalmente, econômica de São Paulo foi o que fez com que a cidade se tornasse a preferida pela Fifa para abrigar o jogo de abertura da Copa. Uma vez que esse jogo é encarado como o mais importante de toda a competição, até mesmo do que o jogo final, ao menos financeiramente falando.

Por outro lado, vimos que, apesar de certas premissas presentes na ideia de modernização e na influência que os modelos europeus exercem nessa ideia sobre outros países do globo, o que mais pesou na decisão sobre a modernização dos estádios brasileiros para a Copa foram as disputas internas de interesses. Vimos também que os torcedores brasileiros, e parte da população em geral, apesar de concordarem com alguns aspectos da modernização, ainda não estão totalmente dispostos a arcar financeiramente com ela. Ou seja, além de uma consciência característica é necessário que haja também uma base material sólida para que determinados aspectos do futebol moderno, do modelo europeu, venham a se desenvolver no futebol brasileiro.

Abstract.

Generally, in the present study, I discuss the influence that an event like the Fifa World Cup has on a country like Brazil. Specifically, I analyze the criterion that influenced the choice of Brazilian stadiums that would be under the process of modernization due to the World Cup and how was this choice taking into account the various interests involved. Also do an analysis about the opinion of some fans in São Paulo on some aspects of the modernization of stadiums and other influences of the recent modernization in football.

The choice for the city of São Paulo as target of this study is because the preference of the Fédération Internationale Football Association (Fifa) and the Comitê Organizador Local (COL) da Copa, – Local Organizing Committee – led by Ricardo Teixeira, also president of the Confederação Brasileira de Futebol (CBF) – Brazilian Football Confederation – by the City as the venue of the opening match of the Cup and the economic and political importance of São Paulo on the national scene.

The political and especially economic importance of São Paulo was what made the city become the preferred FIFA to host the opening match of the tournament. Once this match is seen as the most important of the entire competition, even than the final match, at least financially speaking.

On the other hand, we saw that, although certain premises present in the idea of modernization and the influence that European models exercise on other countries of the world, which weighed more in the decision on the modernization of Brazilian stadiums for the World Cup were internal disputes of interests. We also saw that the Brazilian fans, and part of the general population, despite agreeing with some aspects of modernization, are not yet fully prepared to handle with it. In other words, apart from a characteristic conscious is also necessary to have a solid material basis for certain aspects of the modern football, as the European model, to be developed in Brazilian football.

Agradecimentos.

Agradeço primeiramente à minha família que me apoiou e deu o suporte necessário em todas as etapas dessa dissertação.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Edson Silva de Farias, pela paciência, orientação competente e motivação necessárias para a realização dessa empreitada.

À Capes pelo apoio financeiro necessário à execução desse trabalho.

À Mia pelo carinho e companheirismo durante à execução dessa pesquisa.

Ao pessoal da República Tcheca, república estudantil na cidade de São Paulo, que me acolheu e possibilitou a execução de parte dessa pesquisa na cidade de São Paulo.

Ao Gil, que me auxiliou na aplicação de alguns questionários em dias de jogo.

Aos colegas de mestrado, com quem trocamos informações e confidências acerca do árduo processo de pesquisa.

Aos demais professores do Departamento de Sociologia que nos instigam no debate acadêmico.

Aos funcionários do Departamento de Sociologia, sempre muito prestativos.

Sumário

Introdução	01
Capítulo 1. Aspectos da modernização do futebol brasileiro	05
1.1 O conceito de moderno e modernização	06
1.2 O futebol no Brasil	19
Capítulo 2. A modernização dos estádios	31
2.1 O jornal como fonte documental	31
2.2 A Copa do Mundo é nossa	34
2.3 A escolha das cidades-sedes	38
2.4 A abertura da Copa: o caso do estádio paulista	56
Capítulo 3. O que dizem os torcedores	91
Considerações finais.....	108
Referências bibliográficas	113
Anexos	118

INTRODUÇÃO

A Copa do Mundo de Futebol, a ser realizada no Brasil no ano de 2014, potencializou a discussão acerca da modernização¹ dos estádios de futebol brasileiros. Essa discussão já vinha ganhando força no cenário nacional, mas a Copa serviu como um catalisador dessa discussão e, principalmente, das ações para colocar em prática esse processo de modernização.

O discurso da dita modernização está presente nas mais variadas áreas na sociedade em geral e vem ganhando força especialmente a partir da década de 1990. “A década de noventa tem sido marcada, no Brasil, pela busca da modernidade. ‘Modernização’ é um dos termos mais frequentes no discurso dos governantes e nos noticiários da imprensa escrita, falada e televisiva”(PRONI, 1998, p.1, grifo no original).

O presente trabalho irá descrever os problemas enfrentados no processo de modernização do futebol brasileiro, especificamente o caso dos estádios, devido à organização de um evento como a Copa do Mundo de Futebol. Analisaremos, com base em matérias jornalísticas, como se deram as decisões acerca do processo de modernização dos estádios brasileiros. Mais precisamente analisaremos quais os critérios para a escolha das cidades e estádios que, segundo essas autoridades, merecem ser modernizados devido à Copa do Mundo de Futebol e como se deu essa escolha levando-se em conta os vários interesses envolvidos.

A análise dessas decisões será feita com base na pesquisa de artigos jornalísticos publicados no jornal Folha de São Paulo. Posteriormente, confrontaremos o resultado dessa análise e as medidas concretas resultantes desse processo com a opinião de torcedores de futebol dos três principais clubes paulistanos sobre alguns pontos desse tema: São Paulo Futebol Clube, Sport Club Corinthians Paulista e Sociedade Esportiva Palmeiras.

Devido ao fato de o Brasil ter sido escolhido como sede da Copa do Mundo de Futebol em 2014, as cidades que foram escolhidas para ser sede dos jogos da Copa e os estádios que estavam pleiteando abrigar jogos deste campeonato deveriam apresentar seus projetos de reforma ou construção de novos estádios dentro do padrão internacional designado pela entidade máxima do futebol, a Fédération Internationale Football Association (Fifa). Esse padrão é ainda mais rígido para cidades/estádios que pretendam sediar jogos importantes da Copa, como a abertura, jogos de semi-finais e/ou o jogo da grande final. Tendo o Comitê

¹ O Conceito de modernização é discutido, no Capítulo 1, de forma mais detalhada.

Organizador Local (COL) da Copa no Brasil, entidade responsável pela organização da Copa no Brasil, deixando clara a sua intenção de colocar a final da Copa na cidade do Rio de Janeiro, no estádio Jornalista Mario Filho, mais conhecido como Maracanã, restou à cidade de São Paulo, a mais populosa e importante economicamente do país, a intenção de sediar o jogo de abertura e pelo menos uma das semi-finais.

Depois de muita discussão a respeito, todas as cidades sedes já haviam decidido quais estádios seriam utilizados, tendo a maioria, inclusive, realizado as licitações e até mesmo iniciado as reformas em seus estádios, o Comitê Organizador Local² da cidade de São Paulo decidiu, após descartar o estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, estádio do São Paulo Futebol Clube, que o estádio que abrigará os jogos da Copa do Mundo na cidade de São Paulo será o novo estádio do Corinthians, a ser construído na Zona Leste da cidade, popularmente chamado de Itaquerão, em referência ao bairro em que será construído. No entanto, até o momento em que se está escrevendo este texto, como as obras ainda não iniciaram, para uma dúvida no ar sobre a execução do projeto e se esse será mesmo indicado pelo COL e pela FIFA como o estádio a ser palco da abertura da Copa.

Apesar de o novo estádio do Corinthians, a ser construído, ter sido escolhido como o palco para os jogos da Copa em São Paulo, outros estádios na cidade de São Paulo, estão sendo reformados ou estão com projetos de reforma no padrão internacional designado pela Fifa, como é o caso da Arena Palestra Itália, nome que passará a ter quando as reformas se encerrarem, estádio da Sociedade Esportiva Palmeiras, e do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, do São Paulo Futebol Clube, que apesar de não ser mais o estádio oficial da cidade de São Paulo para a Copa ainda continua com a ideia de realizar certas reformas³.

Esse processo de modernização, evidenciado nessa pesquisa por meio da modernização dos estádios, está ligado a toda uma nova ideia de organização do futebol enquanto parte da indústria do entretenimento. O que pode acabar gerando consequências inusitadas, como uma mudança no público frequentador dos estádios paulistas. Por outro lado, a modernização dos estádio para a Copa, além de ser uma obrigação da Fifa, está pautada em uma nova forma de enxergar o torcedor, agora como consumidor e fonte de capital. “O pertencimento clubístico é um capital afetivo, que compete à dimensão político-administrativa

² Existe um Comitê Organizador Local central, responsável pelas tomadas de decisão no âmbito nacional e cada cidade-sede tem o seu próprio Comitê Organizador Local, responsável pelas tomadas de decisão em âmbito local, sempre subordinados ao Comitê central.

³ Reformas dos principais estádios do Brasil serão citadas sempre que possibilitem um maior entendimento das reformas nos estádios paulistas, assim como ações de outros importantes clubes de futebol serão consideradas e comparadas com a dos clubes paulistas sempre que nos auxiliem na compreensão e na dimensão do fenômeno.

do clube converter em capital econômico, a fim de organizar times competitivos”(DAMO, 2007, P.58).

Outras áreas do entretenimento passaram por processos de modernização, com consequências no público frequentador, que podem guardar alguma semelhança com o fenômeno que pretendemos estudar. Por exemplo, conforme nos demonstra Ortiz (2001), com relação as mudanças ocorridas no mercado cinematográfico brasileiro, ao buscar encontrar as causas que podem ter influenciado nesse processo. Este teve um pico de espectadores em meados da década de 70 passada – tomando a frequência nas salas de cinema como correlata à curva de evolução do número de salas. Para explicar a diminuição no número de salas de cinema a partir da década de 70 e por correlação a diminuição do número de espectadores, o autor cita alguns pontos:

São várias as razões que concorrem para isso [a diminuição do número de espectadores nas salas de cinema]: o preço das entradas, o fechamento dos cinemas de bairro, sua concentração nos centros urbanos em zonas servidas por uma maior estrutura de lazer, como restaurantes, *shopping centers*, e, é claro, a concorrência de outros meios, como a televisão comercial, a cabo, e o videocassete, além de formas alternativas de lazer, como o turismo, os passeios, o automóvel (ORTIZ, 2001, p. 125, grifo no original).

Assim como ocorreu com o cinema tempos atrás, o futebol, principalmente a partir dos anos 90, vem passando por um novo processo de modernização. Processo esse que alguns países europeus já vivenciaram no caso do futebol, e que pode estar servindo de modelo para o futebol brasileiro (PRONI, 1998). A modernização no futebol se caracteriza por meio de alguns processos que estão ocorrendo no mundo futebolístico.

Este estudo teve como motivação original a tentativa de compreender esse processo de modernização, que se explicita na introdução de novas diretrizes gerenciais, na revisão da legislação esportiva, na transformação do futebol em um produto globalizado e na crescente aproximação com o mundo dos negócios – processo cujas consequências são ainda pouco claras e que aparentemente se tornou inexorável (PRONI, 1998, p.1).

As reformas nos estádios de futebol, então, fazem parte desse processo de modernização a que nos referimos. Apesar de a inquietação inicial dessa pesquisa ter se dado a partir das possíveis consequências que esse processo de modernização pudesse vir a acarretar no público, voltamos a enfatizar que o tema desse trabalho é demonstrar os problemas enfrentados no processo de modernização dos estádios devido a Copa do Mundo de Futebol.

Dessa forma, o problema de pesquisa é: quais os critérios utilizados na escolha das cidades e dos estádios que serão modernizados para a Copa do Mundo e como se deu essa escolha levando-se em conta os vários interesses envolvidos? Qual a opinião dos torcedores acerca de algumas medidas concretas advindas desse processo?

Os objetivos são:

- a) Analisar, com base em matérias jornalísticas, o processo que levou a Fifa a escolher o estádio a ser sede da Copa na cidade de São Paulo.
- b) Identificar quais fatores pesaram na decisão da Fifa e do COL.
- c) Analisar a opinião dos torcedores, por meio de questionários, acerca das reformas nos estádios e alguns outros pontos ligados à modernização do futebol.

A divisão do trabalho se dá da seguinte forma:

Nesta introdução, busco elucidar o tema e o objeto de estudo deste pesquisa, assim como os objetivos específicos que pretendo pesquisar.

No Capítulo 1, traço um breve histórico de como o futebol atingiu a popularidade que detém hoje na sociedade brasileira e de como surgiu uma cultura de massa no Brasil. Posteriormente fundindo a popularidade do futebol no Brasil com a cultura de massa. Por outro lado faço uma definição mais precisa do que entendo por modernização.

No capítulo 2, faço um histórico, baseado em artigos jornalísticos do jornal Folha de São Paulo, desde o dia em que o Brasil foi escolhido como sede da Copa do Mundo de Futebol, em 30 de outubro de 2007, até o dia em que o Comitê Organizador Local da Copa em São Paulo indicou o estádio do Corinthians como o estádio da cidade a ser usado na Copa, no dia 08 de novembro de 2010. Foram selecionadas mais de 1500 matérias jornalísticas com assuntos relativos à Copa e estádios nesse período. Após uma segunda análise o número de matérias jornalísticas teve uma significativa redução, buscando manter as principais matérias que nos ajudariam nessa reconstituição sem, com isso, deixar o assunto muito cansativo.

No Capítulo 3, há uma análise dos questionários respondidos pelos torcedores dos clubes paulistanos, buscando elucidar a compreensão que os mesmos têm do processo de modernização nos estádios e da importância de alguns desses aspectos de modernização na visão dos próprios torcedores.

No Capítulo 4, faço algumas considerações finais sobre os resultados obtidos.

CAPÍTULO 1

Aspectos da modernização do futebol brasileiro.

A importância dessa pesquisa se dá justamente por ser o futebol, e o ato de ser um torcedor e frequentador de estádios de futebol, um dos principais, se não o principal, lazer de uma grande parcela da população brasileira e o fato de as reformas nos estádios poder colaborar para uma possível mudança no perfil do público frequentador dos estádios. Devemos, então, descrever e analisar os critérios decisórios utilizados nesse processo.

Conforme buscarei elucidar no processo histórico de surgimento e difusão do futebol no Brasil e no mundo, o futebol surgiu como um esporte da elite econômica e voltado para essa elite, tanto enquanto prática, e posteriormente, enquanto espetáculo.

No Brasil, especialmente, a elite econômica do início do século XX fez um esforço enorme para manter sob seu controle, tanto quanto possível, as rédeas do incipiente esporte, buscando excluir da prática do esporte camadas sociais indesejadas. A elite utilizava-se de regras discriminatórias para excluir os indesejados da prática do esporte e do alto valor cobrado no preço dos ingressos para os jogos para excluí-los dos estádios de futebol. Buscava também excluir a presença de outras camadas sociais dos clubes esportivos, principais locais para a prática do futebol, por meio tanto da política de preços altos para ingresso nos clubes e mensalidades, como por leis e regras discriminatórias, que proibiam grande parcela da população de fazer parte desses clubes (PEREIRA, 2000).

No entanto, foi inevitável conter o crescente interesse da população em geral tanto pela prática do esporte — que passou a ser praticado em clubes surgidos nos subúrbios dos principais centros urbanos do país, ou mesmo em terrenos baldios ou qualquer outra área que se habilitasse para a prática do esporte — como pelo esporte enquanto espetáculo, principalmente após as disputas internacionais realizadas na década de 1920 na América do Sul e mesmo antes disso pelas disputas interestaduais realizadas entre os selecionados, principalmente, do Rio de Janeiro e de São Paulo (PEREIRA, 2000).

Desde então, princípios do século XX, principalmente a partir da década de 30, o futebol vem ganhando uma amplitude cada vez maior entre variadas camadas sociais na sociedade brasileira, e também mundial. No entanto, parece que o processo pelo qual vem passando o futebol brasileiro, a saber: a modernização dos estádios, tanto os que serão utilizados na Copa do Mundo quanto os que não serão, podem acabar influenciando no perfil sócio-econômico dos frequentadores do estádio, conseqüentemente excluindo uma parcela da

população que hoje frequenta o estádio com certa regularidade. Essa parcela a ser excluída dos estádios pode ser justamente a menos favorecida economicamente, visto que algumas dessas mudanças acarretarão em uma alta no preço dos ingressos, favorecendo um público com uma renda maior, com um perfil sócio-econômico mais elevado. É visível que, embora a modernização pareça ser irreversível e suas consequências imensuráveis, há uma grande parte da população preocupada com os rumos que esse processo tomará.

Apesar de as consequências desse processo serem possivelmente perturbadoras para uma grande parcela da sociedade, a principal preocupação desse estudo é com os critérios que estão sendo utilizados nesse processo de modernização.

1.1 – O conceito de moderno e modernização.

Por quais razões as reformas nos estádios se qualificam como processos de modernização? Por que utilizo o conceito de modernização para explicar esse fenômeno? Primeiramente, pela enorme frequência com a qual esse termo/conceito aparece em matérias jornalísticas que tratam do tema, assim como em artigos e trabalhos acadêmicos, mesmo quando esses não se dão ao trabalho de definir o conceito em termos sociológicos.

O termo modernização apresenta alguns problemas e críticas, apresentaremos algumas delas e tentaremos solucioná-las. Utilizar-se do termo modernização remete à ideia de que estamos vivendo na modernidade e os progressos que a sociedade apresenta se caracterizam como processos de modernização, ou conforme Kumar, modernizar são “processos econômicos e sociais da modernidade”(2006, p. 131). Ao falar-se em modernização, então, estamos acatando a ideia de que vivemos na Era Moderna, no que chamamos de modernidade. Se, conforme afirma Kumar (2006), é possível argumentar, e muitos autores concordam com essa ideia, que a modernidade é uma invenção do ocidente e a globalização tem um papel importante na difusão dessa ideia, então, “modernizar é ocidentalizar – tentar incorporar com todos os obstáculos e dificuldades, os padrões culturais que produziram a modernidade ocidental. [...] em um mundo cada vez mais globalizado, dominado como é pelas potências ocidentais, é possível que a modernização seja, como sugere Taylor, o destino inevitável das sociedades não ocidentais, quer se goste disso ou não” (KUMAR, 2006, p. 42).

Dessa forma,

Alguns estudiosos não ocidentais hesitam em aplicar o termo “modernidade” ao desenvolvimento que observam, temendo cair na armadilha de usar uma expressão ocidental que inevitavelmente coloca essas sociedades, como secundárias ou “subalternas”, em posição desfavorável em relação ao

modelo “mestre” do Ocidente. Se o termo deve mesmo ser usado – e é difícil perceber como evitá-lo de todo –, é preciso dar-lhe uma inflexão diferente e torná-lo portador de múltiplos significados (KUMAR, 2006, p.40, grifo no original).

Sendo assim,

Uma leitura “eurocêntrica” do termo dará lugar a uma leitura global, permitindo que os intelectuais mostrem o papel desempenhado por muitas sociedades, orientais e ocidentais, na lenta evolução do complexo a que hoje chamamos de modernidade (KUMAR, 2006, p. 41, grifo no original).

Seguindo esse ponto de vista, a globalização não implica, necessariamente, como pode ter parecido, um processo de homogeneização ou uniformização, nem mesmo um processo de ocidentalização. “O mundo pode estar se tornando um espaço, mas não necessariamente ‘um lugar’ – não, de qualquer maneira, se isso indica uniformidade e homogeneidade” (KUMAR, 2006, p.29). “Nem há qualquer necessidade de que a globalização signifique, a longo prazo, a ocidentalização, embora esta seja uma visão plausível da fase atual” (KUMAR, 2006, p.31). Da mesma forma, apesar de o ocidente ter criado a modernidade e influenciado outros cantos do mundo e outras culturas com os valores da modernidade – e com os atributos daí advindos, como: “sociedade civil, esfera pública, democracia representativa, um conceito de direitos humanos universais”(KUMAR, 2006, p. 41), isso não significa que esse padrão não seja revisto em outras localidades em que vier a ser adotado, “o ocidente inventou – é correto conceder-lhe a prioridade histórica – um padrão de modernidade que foi desde o início diversificado e capaz de abrigar múltiplas direções de desenvolvimento. As sociedades não ocidentais dão continuidade a esse padrão de diversidade” (KUMAR, 2006, p.40).

Apesar de o ocidente ter “inventado” a modernidade e reconhecermos que esses valores e práticas culturais foram influenciando outros cantos do globo e outras culturas, reconhecemos, também, que essas outras culturas não recebem esses valores de forma passiva, e conforme exposto acima, ajudam na constante reformulação do que é ser moderno. No entanto, o local que ainda continua a ter um maior peso quando nos referimos a questões de modernidade e modernização é o ocidente. A modernidade nasceu no e do Ocidente e, embora esteja agora em toda parte, o Ocidente continua a ser a principal câmara de compensação da modernidade.

A partir de quando o Ocidente passou a se caracterizar como vivendo na modernidade? Apesar de alguns autores, de acordo com Kumar (2006), buscarem na Renascença o surgimento da modernidade, o autor afirma que a ideia predominante na Renascença – apesar de haver na época uma busca pelo conhecimento racional, uma era de

luzes em contraposição à chamada Idade Média, ou das trevas, onde reinava a ignorância e as superstições – enfatizava o renascimento de formas antigas de pensamento, seguindo os passos dos grandes pensadores da Antiguidade, como: Platão, Aristóteles e Políbio; e não novas formas de conhecimento. Na Renascença o novo era preterido em favor das ideias antigas dos grandes pensadores, faltando-lhe, então, um dos principais pilares da ideia de modernidade, a busca pelo novo, a crença no progresso, no futuro. “Mas o que ela recuperou [a Renascença], o que reverenciou, não foi algo novo, nem alguma coisa que ela mesmo tivesse inventado. Esse fato forçosamente a levava, em um nível, a menosprezar suas próprias realizações como não mais que tentativas de alcançar as alturas já galgadas pelos antigos. Anões modernos, gigantes antigos” (KUMAR, 2006, p. 112-113).

Aqui a concepção do tempo na época da Renascença segue a mesma linha de raciocínio da Antiguidade, onde o tempo é caracterizado como cíclico, diferentemente da Idade Média, época na qual o tempo tinha um começo, um meio e um fim e o presente era simplesmente uma preparação para o futuro que cabia à providência. Dessa forma, apesar de a Renascença representar um rompimento revolucionário com a Idade Média, o que estava por vir era baseado nessa ideia de tempo cíclico, voltando, então, ao seu início, à Antiguidade. “A Idade Média podia ter passado, mas o que estava por vir não seria algo novo e diferente, mas um passado reformado, renascido [...] Não é, portanto, na Renascença que devemos procurar as origens da modernidade, como viemos a entendê-la” (KUMAR, 2006, p.113).

No Século XVII, alguns autores, segundo Kumar, como Montaigne, Bacon e Descartes começam a elaborar uma nova visão de tempo. O tempo deixa de ser interpretado como algo linear, no sentido concebido pela filosofia cristã, onde o presente é simplesmente uma preparação para o futuro, que é obra da providência, e deixa também de ser encarado como um tempo cíclico onde o novo é na verdade uma renascença de tempos áureos antigos. O tempo passa a ser encarado como um progresso. Os antigos, os que viveram num período distante, perdem gradativamente a sua importância. À ideia de que os antigos eram mais maduros em sabedoria surge uma contraposição, agora os modernos são considerados os antigos, pois são os modernos que mais se beneficiam com a história da humanidade em termos de conhecimento.

Apesar de alguns autores terem passado a acreditar, em meados do século XVII, na ideia de progresso e no futuro como algo que cabia à razão humana, ainda eram raros os que assim pensavam e essa ainda não era uma ideia muito difundida e aceita. “Ideias clássicas de tempo e história continuaram a dominar a mente ocidental até a segunda metade do século

XVIII. Enquanto persistisse essa situação não poderia haver um autêntico conceito de modernidade” (KUMAR, 2006, P.117).

Isso começa a mudar em fins do século XVII e início do século XVIII, para se concretizar em meados deste último. Foi necessário que a filosofia cristã da história deixasse de lado a expectativa apocalíptica do fim do mundo e, levando em conta as novas perspectivas científicas da época, se transforma-se em uma história secular, aderindo à ideia de progresso. A ideia de progresso surgida no século XVIII foi a base da nova ideia de modernidade. As divisões entre as eras Antiga, Idade Média e Moderna foram elevadas à categoria de estágios da história mundial, e aplicados a um modelo evolucionário da humanidade.

Os tempos modernos finalmente ganhavam vida. Não eram mais considerados simples cópias inferiores de tempos mais antigos, mais gloriosos; nem, também, apenas o último estágio de uma existência humana empobrecida que, ainda bem, acabaria com a história humana sobre a terra. Ao contrário, modernidade significava rompimento completo com o passado, um novo começo baseado em princípios radicalmente novos. E significava também o ingresso em um tempo futuro expandido de forma infinita, um tempo para progressos sem precedentes na evolução da humanidade (KUMAR, 2006, p. 118).

Alguns acontecimentos históricos influenciados por essa nova concepção da história, baseada fortemente na razão e na crença do progresso e do futuro como obras da humanidade, acabaram, também, por influenciar alguns conceitos importantes da época, como, por exemplo, a Revolução Francesa de 1789. Esta ao significar a criação de algo inteiramente novo, ao invés de ser considerada como um giro na roda que faz com que as coisas voltem a ser como eram no início, serviu de base para o novo conceito de revolução, onde passaria a significar necessariamente a criação de algo novo, nunca visto antes.

A Revolução Francesa, tornou-se comum dizer, levou o mundo para uma nova era da história. Marcou o nascimento da modernidade – isto é, de uma época que está em constante formação e reformação diante de nossos olhos. A modernidade em geral é concebida como um conceito aberto. Implica a ideia de continuação ininterrupta de novas coisas. Isto está implícito em sua rejeição do passado como fonte de inspiração ou exemplo. A modernidade não é apenas produto da revolução – em especial da Americana e da Francesa, mas é em si basicamente revolucionária, uma revolução permanente de ideias e instituições (KUMAR, 2006, p. 119).

Se, por um lado, a Revolução Francesa dá a modernidade sua forma e consciência características é com a Revolução Industrial que ela adquire a sua substância material.

Embora a modernidade esteja ligada ao capitalismo de forma mais ampla do que propriamente ao conceito mais estreito de industrialismo, “não obstante, parece razoável argumentar que só com a Revolução Industrial britânica, em fins do século XVIII, é que a modernidade recebeu a sua forma material. Isso aconteceu em parte por causa do caráter sumamente explosivo do fenômeno – uma aceleração da evolução econômica até um ponto em que acabou por assumir proporções revolucionárias (KUMAR, 2006, p. 121).

A partir de então, a modernidade passou a ser fortemente associada ao industrialismo, por seu caráter revolucionário, separando uma ordem pré-industrial da ordem industrial. Uma segunda razão, de acordo com Kumar, também foi importante para associar a modernidade ao industrialismo “só com a industrialização é que a sociedade ocidental tornou-se, com uma clareza crescente, uma civilização mundial” (2006, p.121). Dessa forma, por onde ia se propagando a ideia de uma sociedade moderna nos moldes ocidentais vinha junto a ideia da industrialização. “Para o mundo como um todo, tornava-se cada vez mais claro que ser uma sociedade moderna era ser uma sociedade industrial. Modernizar era industrializar – isto é, tornar-se igual ao Ocidente” (KUMAR, 2006, p. 122).

Essa associação muito forte entre a modernidade e a industrialização confunde alguns autores que, ao verem um declínio da maneira clássica de industrialização, enxergam o surgimento de uma nova era, podendo ser denominada de diferentes maneiras, dependendo do novo contexto que esses autores enxergam estar emergindo, como a Era da Informação, Pós-fordismo ou Pós-modernidade. “A estreita associação entre modernidade e industrialismo é uma razão por que há hoje pensadores que proclamam o fim da modernidade. O industrialismo, pelo menos da forma convencionalmente entendida, parece ter-se esgotado, ter chegado a seus limites” (KUMAR, 2006, p. 122). Mas talvez o erro em que alguns autores estejam caindo é o de ter um entendimento limitado do que se entende por industrialismo, já que este não pode ser entendido simplesmente como em sua visão clássica de ciência aplicada e tecnologia de grande escala, há outras características que o identificam com a modernidade.

Identifica-se com a modernidade no sentido de ter desencadeado no mundo um sistema que está em estado permanente de crise e renovação. ‘As mudanças revolucionárias na produção, a perturbação ininterrupta de todas as condições sociais, a incerteza e agitação eternas... Todas as relações fixas, imobilizadas... são varridas para longe, todas as recém-formadas tornam-se antiquadas antes de poder enraizar-se’”(KUMAR, 2006, p.122).

Nesse ponto a distinção entre dois conceitos que parecem sinônimos é útil. Modernidade e Modernismo. Modernidade, conforme vimos, designa uma nova concepção de

tempo, toda uma série de mudanças radicais nas ideias e condições sociais que abriram espaço para uma visão de mundo baseado na ideia de progresso, nas revoluções que trazem sempre algo novo. O Modernismo se caracteriza como um movimento cultural que nasceu na modernidade e destinado a criticar os valores desta. “Entendo por ‘modernidade’ uma designação abrangente de todas as mudanças – intelectuais, sociais e políticas – que criaram o mundo moderno. ‘Modernismo’ é um movimento cultural que surgiu no ocidente em fins do século XIX e, para complicar ainda mais a questão, constituiu, em alguns aspectos, uma reação crítica à modernidade” (KUMAR, 2006, p. 106, grifo no original).

Se a modernidade em suas esferas política, econômica, intelectual, entre outras, estava se voltando cada vez mais para o cálculo frio dos lucros, dos objetivos com vista aos fins, na racionalidade, o Modernismo buscava ir contra todos esses valores. “A razão era combatida pela imaginação, o artifício pelo natural, a objetividade pela subjetividade, o cálculo pela espontaneidade, o mundano pelo visionário, a visão mundial da ciência pelo apelo ao fantástico e ao sobrenatural.” (KUMAR, 2006, p.124).

Dessa forma, se a distinção entre modernidade e modernismo é razoavelmente clara, o mesmo não se pode dizer dos conceitos de pós-modernidade e pós-modernismo, pois esses são usados de forma indiscriminada para relatar as mesmas transformações. Uma das dificuldades em definir esses conceitos parte do princípio de que os próprios autores pós-modernistas tem uma aversão a qualquer tipo de definição mais geral. Talvez o próprio fato de não haver uma distinção clara entre os conceitos de pós-modernismo e pós-modernidade possa nos revelar algo sobre os conceitos. Pós-modernismo surgiu a partir de uma nova crítica, principalmente, à esfera cultural. Vinha a criticar a visão única de progresso defendida pela modernidade, que não dava voz às minorias e às particularidades. “Um impulso ‘democratizador’ semelhante ocorreu em numerosos movimentos culturais na década de 1960. Daí não é de surpreender que o termo ‘pós-modernismo’ tenha se firmado inicialmente na crítica cultural desses anos” (KUMAR, 2006, p.145, grifo no original). Essa crítica que surgiu na esfera cultural espalhou-se para outras esferas da sociedade, como a política, a economia, entre outras, daí talvez venha o uso indistinto entre pós-modernismo e pós-modernidade. Pois, se na modernidade havia um esforço e um reconhecimento de que as esferas da vida social tinham certa autonomia entre si, nas quais determinados valores eram valorizados em uma esfera, mas não necessariamente em outras, nos pós em questão há a ideia de que essas linhas divisórias se dissiparam e as esferas estão agora novamente misturadas. No entanto, não é um retorno à uma época pré-moderna, pois agora há um espaço e reconhecimento de legitimidade para todos os discursos presentes.

Originando-se sobretudo na esfera cultural, o conceito de pós-modernismo (ou pós-modernidade) espalhou-se para abranger um número cada vez maior de áreas da sociedade. Fala-se não só em pintura, arquitetura, literatura e cinema pós-modernos, mas também de filosofia pós-moderna, política, economia, família e mesmo em pessoa pós-moderna. A sugestão é que as sociedades industriais sofreram uma transformação tão vasta e fundamental que merecem um novo nome. A questão, portanto, torna-se a seguinte: estamos vivendo não apenas em uma cultura pós-moderna, mas em uma sociedade cada vez mais pós-moderna (KUMAR, 2006, p.150).

No entanto, se a cultura pós-moderna traz muitas críticas ao que ela chama de cultura moderna, e algumas das críticas principais são com relação às metanarrativas, à crença no progresso, numa ideia única de progresso, na razão humana como forma de atingir esse progresso, na falta de espaço às minorias, entre outras, buscando enaltecer como meta o oposto dessas ideias. Por outro lado, muitas dessas críticas podem ser encontradas em alguns dos movimentos dentro do próprio modernismo.

O caráter antinomiano, anárquico, anti-sistêmico do pós-modernismo parece compatível com a forma e o espírito de muito do que entendemos como modernismo, em especial aquele seu aspecto associado à teoria e prática da *avant-garde* [...] Peter Wollen, da mesma forma, vê o pós-modernismo não como rejeição ou substituição do modernismo, mas como ‘a subida tardia ao primeiro plano de aspectos subordinados do modernismo que sempre estiveram presentes’ (KUMAR, 2006, p. 147, grifo no original).

Muitas vezes os pós-modernistas tentam retratar a modernidade como uma forma toda coerente, não reconhecendo as críticas à modernidade que surgiram no próprio seio desta, como se pelo fato de a modernidade defender um certo modelo de progresso e de humanidade universais não houvesse dissidentes ou posições contrárias a essa na época.

Essa tendência [...] reflete outra característica comum do discurso pós-moderno, a elaboração de uma nova grande narrativa na própria rejeição ‘das grandes narrativas’ da racionalidade e do progresso consideradas centrais para as crenças modernistas (KUMAR, 2006, p. 246, grifo no original).

Alguns autores, entre eles Lyotard e Jameson, segundo Kumar, buscam fazer uma distinção entre os conceitos de pós-modernismo e pós-modernidade. Para eles o pós-modernismo seria a esfera cultural da época pós-industrial, ou como prefere Jameson, em alguns casos, do capitalismo tardio. Dessa forma, assim como o modernismo estava para a modernidade, o pós-modernismo está para a modernidade tardia (ou pós-industrial ou mesmo pós-modernidade, dependendo do autor). O problema, segundo Kumar, em se concordar com

esse ponto de vista, é deixar de enxergar uma clara distinção: enquanto que o modernismo se apresentava como uma crítica à modernidade, o chamado pós-modernismo tem, ao contrário, uma convergência ou complementariedade com a sociedade pós-industrial (vamos chamá-la assim por ora, para buscar entender a ideia dos autores que defendem esse ponto de vista).

Se na modernidade estava mais ou menos claro que a esfera cultural tinha uma autonomia frente outras esferas da sociedade, marcando aí uma certa descontinuidade, na sociedade pós-industrial, a esfera cultural, o pós-modernismo, não demonstra essa descontinuidade frente outras esferas, muito pelo contrário. A esfera cultural se fundiu com outras esferas sendo particularmente difícil estudá-las separadamente.

Cultura e comércio se fundem e se alimentam de forma recíproca. Isto é visto com maior clareza no papel decisivo da publicidade na cultura contemporânea e também na maneira como eventos artísticos e esportivos, tais como festivais de música pop e jogos nacionais e internacionais de futebol, tornam-se veículos para promover as grandes empresas (KUMAR, 2006, p.155).

Reconhecer essa fusão entre cultura e economia, ou sociedade de uma forma mais geral, dando à concepção de pós-modernismo algo mais amplo do que meramente uma transformação na esfera cultural, não necessariamente significa acreditarmos que estamos vivendo em uma época radicalmente nova, que houve uma ruptura com a modernidade. “Nós, de fato, parecemos estar em uma era na qual a cultura assumiu um poder extraordinário na vida social. Se essa situação está levando ou não a um novo tipo de sociedade, a uma sociedade pós-moderna, é algo ainda a ser verificado” (KUMAR, 2006, p157).

O que tem de ser reconhecido, contudo, é que os sistemas mudaram de forma radical. Absorveram novas forças e assumiram novas configurações. As velhas categorias não podem simplesmente ser pespegadas nas novas formas. Por mais que as sociedades modernas possam reter seus antigos princípios – e os próprios termos pós-moderno e pós-industrial indicam uma certa continuidade – esses princípios funcionam em um novo ambiente (KUMAR, 2006, p.159).

Mesmo entre os que se consideram autores pós-modernistas, ou os que assim são intitulados por terceiros, há uma grande divergência sobre o que isso realmente significa. Até porque mesmo o prefixo “pós” trás algumas ambiguidades. Para alguns o termo pós-industrial se refere à época criada depois e como resultado da Revolução Industrial. O que a maioria dos sociólogos identifica apenas como sendo a sociedade industrial. Para outros, o pós-industrial significa a sociedade que está emergindo após a sociedade industrial clássica. No entanto,

nessa concepção ainda há uma ambiguidade pois o termo deixa uma certa ideia de continuidade com a sociedade industrial. Nesse caso, outros autores preferem utilizar-se de termos como “super” ou “hiper” industrial, devido ao alto grau de continuidade. Especificamente com relação ao termo pós-modernismo ou pós-modernidade há autores que acreditam no surgimento de uma nova cultura e uma nova sociedade. Por outro lado há os que enxergam o pós-modernismo como a esfera dominante na lógica do capitalismo tardio, não significando uma nova sociedade. Bauman, por sua vez, segundo Kumar, enxerga a pós-modernidade, embora não com uma nova era, ao menos como uma nova situação na qual podemos observar melhor as manifestações gerais da modernidade. Enquanto Giddens e Beck não acreditam que estamos vivendo na pós-modernidade, mas reconhecem que estamos vivendo em uma modernidade avançada na qual foi atingido um alto grau de reflexividade (KUMAR, 2006). “Com isso, eles [Giddens e Beck] querem dizer que as sociedades modernas chegaram a um ponto em que são obrigadas a refletir sobre si mesmas e que ao mesmo tempo, desenvolveram a capacidade de refletir *retrospectivamente* sobre si mesmas” (KUMAR, 2006, p.179, grifo no original).

Há outras formas de interpretar a condição pós-industrial, como as que a consideram como o surgimento de uma nova era. Entre essas podemos ressaltar a chamada Era da Informação e o Pós-fordismo, que embora realmente demonstrem mudanças importantes ocorrendo na sociedade, seja, principalmente, nas comunicações e nas consequências daí advindas, no caso da primeira, e na flexibilização do fordismo e suas consequências, no caso da segunda, parece que ambas dão demasiado peso às mudanças que enxergam, principalmente ao afirmarem que uma nova ordem está emergindo nos moldes que elas a descrevem. Não entrarei numa discussão mais pormenorizada desses conceitos, mas há em Kumar (2006) uma boa argumentação que refuta a ideia, seja de uma Era da Informação ou Pós-fordistas na maneira defendida pelos adeptos a essas ideias. Basta, para nós, reconhecermos que muitas dessas mudanças estão realmente ocorrendo, e, que dependendo do ponto de vista, são encaradas como mudanças mais amplas da sociedade que fazem parte ou de uma nova sociedade que está por emergir sob o título mais geral de pós-modernidade ou são aspectos de modernização dentro da própria modernidade.

Para muitos pensadores de ambos os lados da controvérsia, a diferença é principalmente de ênfase, quando não apenas de terminologia. Os modernistas salientam a persistência de características passadas e a relevância, portanto, de análises antigas da modernidade. Os posmodernistas não negam a continuidade, mas impressionam-se mais com o fato de que

estamos agora em condições de levar em conta toda a experiência da modernidade, de uma maneira antes impossível (KUMAR, 2006, p. 215).

O fato de alguns autores, como Giddens e Beck, utilizarem-se de outros conceitos para explicar essa fase da modernidade, como modernidade tardia, radicalizada ou reflexiva, não invalida o argumento principal, na verdade reconhece a necessidade de um novo olhar para a modernidade frente a suas mudanças (KUMAR, 2006).

As linhas que unem – ou separam – modernidade e pós-modernidade, portanto, se tornam mais obscuras. É questão de gosto se vemos isso como expressão do poder e elasticidade da modernidade ou de seu fim e superação na pós-modernidade. A pós-modernidade pode, no final das contas, ter prestado seu melhor serviço ao revelar as faces ocultas da modernidade, sua capacidade de se renovar constantemente sob diferentes disfarces. Isso não impede o aparecimento de coisas que parecem tão diversas do que poderíamos denominar ‘modernidade clássica’ – as características predominantes da sociedade ocidental do século XVIII em diante – que nos sentimos forçados a inventar novos termos para descrever uma nova realidade (KUMAR, 2006, p.44, grifo no original).

Dessa maneira, talvez seja muito mais importante, ao invés de tentarmos esclarecer de forma indubitável se vivemos em uma sociedade moderna ou em uma nova era pós-moderna (ou posmoderna), compreendermos as continuidades e as discontinuidades da época e sociedade em que vivemos.

[...] a teoria posmoderna indica fenômenos inesperados e discontinuidades importantes na história da modernidade. Isso talvez não signifique o fim da modernidade, mas, de fato, parece sugerir que devemos repensar o projeto moderno e perguntar, mais uma vez, o que ele é (KUMAR, 2006, p.215).

O caráter reflexivo da modernidade torna-se, então, um aspecto muito importante nisso que podemos chamar de modernidade tardia, reflexiva ou mesmo pós-moderna, já que os autores sentem a necessidade de enfatizar uma mudança na modernidade, mas que ainda tem uma continuidade com a mesma, não uma nova era. “Não precisamos renunciar à promessa ‘emancipatória’ ou ao programa da modernidade. Temos simplesmente que reconhecer o caráter pragmático, culturalmente limitado, afetado pelo tempo, e, ao tentar executá-lo agir mediante persuasão, discussão constante e experimentação sempre repetida” (KUMAR, 2006, p.218, grifo no original).

A modernidade está se reiventando em todas as partes, mas no caso específico do futebol o modelo europeu ainda parece ter um grande peso. O futebol, assim como os esportes

em geral, só veio a se desenvolver com o advento da modernidade, é um fenômeno da modernidade (ELIAS, 1992). Por quais razões então estou falando em modernização dos estádios nesse momento?

Com relação aos estádios, apesar desses já se apresentarem como fenômenos modernos, as reformas nos estádios, caracterizadas por: criação de novos camarotes; inclusão de assentos mais confortáveis em todos os setores do estádio; acesso facilitado ao mesmo por meio de transporte público; acesso facilitado a portadores de necessidades especiais; diminuição do número de assentos, visando maior conforto; cobertura em todos os setores do estádio; instalação de restaurantes, bares e até mesmo salas de musculação, se apresentam como aspectos modernizantes devido ao ritmo e escopo das mudanças.

Diversas características estão envolvidas [na descontinuidade das instituições modernas frente às tradicionais]. Uma é o *ritmo de mudança* nítido que a era da modernidade põe em movimento. As civilizações tradicionais podem ter sido consideravelmente mais dinâmicas que outros sistemas pré-modernos, mas a rapidez da mudança em condições de modernidade é extrema. Se isto é talvez mais óbvio no que toca à tecnologia, permeia também todas as outras esferas. Uma segunda descontinuidade é o *escopo da mudança*. Conforme diferentes áreas do globo são postas em interconexão, ondas de transformação social penetram através de virtualmente toda a superfície da Terra. Uma terceira característica diz respeito à *natureza intrínseca das instituições modernas*. Algumas formas sociais modernas simplesmente não se encontram em períodos históricos precedentes [...] Outras têm apenas uma continuidade especiosa com ordens sociais pré-existent (GIDDENS, 1991, p.12. Grifo no original).

No entanto, mesmo quando alguma instituição moderna aparentemente apresenta continuidades com instituições tradicionais, essa continuidade da tradição não pode ser senão falsa. Já que na modernidade a reflexividade assume um caráter determinante, colocando em questão e analisando à luz de novas informações renovadas as práticas tradicionais. Dessa forma, uma instituição moderna não necessariamente precisa apresentar rupturas claras frente às instituições tradicionais, mas sua existência precisa ser sustentada pela reflexividade.

Com o advento da modernidade, a reflexividade assume um caráter diferente. Ela é introduzida na própria base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si. A rotinização da vida cotidiana não tem nenhuma conexão intrínseca com o passado, exceto na medida em que o que 'foi feito antes' por acaso coincide com o que pode ser defendido de uma maneira proba à luz do conhecimento renovado. Não se sanciona uma prática por ela ser tradicional; a tradição pode ser justificada, mas apenas à luz do conhecimento, o qual, por sua vez, não é autenticado pela tradição. Combinado com a inércia do hábito, isto significa que, mesmo na mais modernizada das sociedades, a tradição

continua a desempenhar um papel. Mas este papel é geralmente muito menos significativo do que supõem os autores que enfocam a atenção na integração da tradição com a modernidade no mundo contemporâneo. Pois a tradição justificada é tradição falsificada e recebe sua identidade apenas da reflexividade do moderno.

A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter. [...] Diz-se com frequência que a modernidade é marcada por um apetite pelo novo, mas talvez isto não seja completamente preciso. O que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada — que, é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão (GIDDENS, 1991, p.39).

Aqui o autor pontua que a continuidade de certas tradições aparece, na verdade, como falsa continuidade, uma vez que não é mais a tradição que a justifica, e sim a reflexividade. Dessa forma, se as reformas nos estádios apresentam alguma forma de continuidade com aspectos ditos tradicionais de outros estádios, isso não se dá devido a uma continuidade com a tradição, mas sim que a tradição foi posta à prova e que alguns de seus aspectos resistiram a esse processo de reflexividade, de modernização, enquanto outros não e esses serão modificados de acordo com os novos valores dominantes.

No caso específico dessa pesquisa tentaremos identificar o quanto desse discurso de modernização realmente significa algo como ocidentalizar, no sentido de copiar modelos de modernização dos estádios advindos dos países potências da Europa e qual o papel da Copa do Mundo nesse contexto. Por outro lado, buscaremos identificar quais as particularidades do processo brasileiro de se modernizar nessa área.

Um segundo ponto importante de toda essa discussão sobre a modernidade é a crítica mesma que ela recebe, entendida por uns como uma crítica pós-moderna ou, por outros, como uma crítica que já existia no interior da própria modernidade, a saber: a incapacidade ou impossibilidade de se construir uma visão holística a respeito da história, ou seja, uma crítica às grandes narrativas, que para serem elaboradas necessitam de fontes “confiáveis”, objetivas, com as quais se possa trabalhar. Tal visão do fazer história, ou melhor, do “recuperar” a história, acabaria por deixar de fora vários tipos de fontes tidas como não confiáveis e da mesma forma várias visões de mundo ou discursos sobre esse mundo. Sempre em busca de uma narrativa que desse conta de todo o processo.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que acatamos o conceito de modernidade aqui expresso para trabalhar a ideia de modernização, reconhecemos como válidas algumas das críticas a esse conceito, como o caso da negação de outras visões de mundo possíveis na

tentativa de elaborar uma grande narrativa da história, do progresso e da racionalidade das sociedades. Da mesma forma, apesar de concordarmos que modernizar-se não estará sempre ligado à ideia de ocidentalizar-se, não podemos deixar de notar que o Ocidente, por meio de suas principais potências, ainda exerce um papel decisivo nesse processo, reconhecendo, em certa medida, as particularidades de cada localidade.

No Brasil, por exemplo, o discurso da modernização dos estádios vai ao encontro de um discurso muito difundido no senso comum que associa a violência nos estádios às classes de baixa renda. A partir, principalmente, da década de 1990, a dimensão que o problema da violência atingiu nos estádios, mesmo havendo relatos de violência em estádios desde tempos remotos, e a importância cada vez maior que os clubes estão dando à uma administração empresarial, profissional, voltada para o lucro, podem estar servindo de argumento para o processo de modernização dos estádios. Visto que muitas vezes as classes baixas, os pobres, são identificadas como as principais responsáveis pela violência nos estádios e que é preferível um número menor de ‘espectadores’, talvez até em detrimento dos ‘torcedores’, que estejam dispostos a pagar um preço elevado dependendo dos serviços oferecidos. É a lei da oferta e da demanda, segundo os próprios dirigentes de clubes (TOLEDO, 1996).

Por outro lado, se os clubes estão optando por modernizar seus estádios, buscando requalificar o seu público, é preciso que se crie novos torcedores fiéis, uma vez que entre os torcedores mais assíduos estão os membros de torcidas organizadas, alvo, ao menos por parte da mídia, de críticas com relação ao seu comportamento, muitas vezes tido como violento nos estádios⁴.

Se esse é um dos discursos presente na ideia de modernização dos estádios, vários setores da sociedade passaram a se preocupar com suas consequências. Na sociedade em geral, e na mídia de forma específica, esse assunto vem ganhando notável relevância. Vários jornalistas esportivos, assim como colunistas e até mesmo torcedores, por meio de seus blogues, vêm demonstrando certa preocupação com as consequências que, principalmente, as reformas nos estádios podem gerar. Basta ligar a televisão num programa de futebol, abrir o jornal na seção de esportes, ou digitar termos correlatos a: preço, ingressos, elitização, reformas e/ou estádios em sites de busca na internet que ficará clara a amplitude que o tema já alcançou na sociedade em geral.

⁴ Para uma análise do discurso da mídia sobre as torcidas organizadas ver. TORO, Camilo aguiler. *O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. IFCH, UniCamp, 2004.

1.2 – O futebol no Brasil.

Para compreendermos o processo pelo qual nossos estádios estão prestes a adentrar, a modernização dos mesmos, é importante analisar como se deu o surgimento do futebol no Brasil.

Pereira (2000) ao analisar o surgimento do futebol no Rio de Janeiro no início do século XX nos traça um ótimo panorama de como era o contexto da época. O futebol fora trazido ao Brasil por filhos da elite econômica brasileira regressos dos estudos na Inglaterra. Era praticado também, concomitantemente, em clubes de membros ingleses espalhados pelo Rio de Janeiro. Trabalhadores ingleses, como marinheiros ou ferroviários, também praticavam o esporte nessa época pela cidade. Com o crescente interesse da elite econômica carioca, e também paulista na mesma época, assim como em outros estados mais distantes como Minas Gerais, Bahia e até mesmo Pará, o futebol começa a difundir-se no seio da elite econômica brasileira e vem a se tornar um evento social, no qual as mais requintadas famílias passam a se interessar e frequentar os estádios e clubes em dias de jogos (PEREIRA, 2000).

A popularidade que o futebol atinge nessa elite passa a chamar a atenção da população de uma forma geral. Com os campeonatos interestaduais entre São Paulo e Rio de Janeiro, a partir da década de 1910, e, logo depois, com os campeonatos sul-americanos de seleções, o interesse da população pelo esporte vai ganhando cada vez mais força.

Os proletários passam a criar seus próprios clubes de futebol e a reivindicar o direito de participar nas principais ligas de futebol da cidade. Alguns intelectuais passam a ver esse interesse da população com bons olhos. Por um lado, o esporte passa a ser visto como um importante meio para a educação corporal e moral dos jovens, por outro, o sentimento nacionalista evidenciado em jogos do selecionado brasileiro enche de entusiasmo alguns intelectuais e políticos brasileiros preocupados com a questão. Dessa maneira, a ideologia elitista dos primórdios do surgimento do futebol no país não suporta a pressão popular que também reivindica a sua prática e o direito de frequentar os estádios (PEREIRA, 2000).

Com o aumento do interesse da população em geral pelo esporte, é interessante notar também a passagem, concomitantemente, do futebol enquanto um esporte amador para um esporte profissional, o que dá condições para que indivíduos de baixa renda possam sobreviver do futebol se forem bem sucedidos em suas empreitadas, ao mesmo tempo que

impulsiona cada vez mais esses indivíduos a procurarem no futebol uma maneira de ascender socialmente.

O crescente aumento do número de clubes nos subúrbios e o crescente interesse da população em geral pelo futebol enquanto espetáculo, e mais especificamente de uma classe proletária recém engendrada no Brasil por meio do processo de industrialização pelo qual o país passava no início do século XX, mais precisamente após a década de 30, exercem uma pressão sobre os clubes e as ligas de clubes para que o futebol deixe de ser um esporte amador, dominado pela elite, e se torne um esporte profissional, sem restrições de classe ou raça, pagando salários aos seus praticantes.

Além do processo de popularização do futebol, três forças concretas convergem para a profissionalização desse esporte: 1) a pressão da imprensa; 2) a adesão progressiva de clubes simpatizando com a ideia da profissionalização – aqueles que parecem ter demorado menos tempo para entender que o futebol exibido entre públicos amplos poderia vir a ser um espetáculo e que para isso era preciso profissionalizar o grêmio, qualificá-lo e reestruturá-lo; 3) a apresentação do Programa de Reconstrução Nacional lançado pelo governo Getúlio Vargas em 1930; tal Programa tratava , no item 15, da criação do Ministério do Trabalho, órgão burocrático destinado, entre outras coisas, ao amparo e a defesa do operariado urbano e rural⁵ (TORO, 2004, p. 18).

Vê-se que uma série de fatores influenciaram na profissionalização do futebol, com especial destaque para a popularização do esporte e o surgimento dos proletários, principais entusiastas do jogo.

Visto de outro modo, o sucesso da profissionalização também respondeu ao aumento progressivo do consumo do espetáculo futebolístico entre a população urbana durante as décadas de 10 e 20. Por sua vez, tal aumento só foi possível na medida em que se constituiu um público amplo, o mesmo que, indiretamente, pagaria os salários que, por lei, os clubes deveriam pagar a seus jogadores. A resistência dos clubes à profissionalização tinha a ver – além do interesse em conservar o futebol entre as elites – com o fato de estes terem que se responsabilizar pelo pagamento de atletas profissionais. Além de motivos elitistas, os clubes resistiam a ideia da profissionalização porque num primeiro momento pensaram que afetaria sua sobrevivência econômica. Com a profissionalização, os clubes qualificam o espetáculo e, do mesmo modo, cobram mais alto seu consumo (TORO, 2004, p.19).

⁵ Os jogadores de futebol foram incluídos dentro da categoria de trabalhadores urbanos por tal Programa o que muito auxiliou na profissionalização do esporte ao permitir que jovens da classe baixa tirassem o seu sustento de uma profissão, agora, regularizada.

É importante ressaltar o papel que Getúlio Vargas teve na profissionalização do futebol, afinal de contas, foi durante o seu governo que o jogador de futebol passou a ser considerado um trabalhador urbano, com a criação em 1930 do Ministério do Trabalho, gozando, assim dos mesmo direitos e deveres que qualquer outro trabalhador urbano. A inclusão dos jogadores de futebol na categoria de trabalhadores urbanos não se deu por acaso, Vargas enxergava nesse incipiente esporte uma força motriz para a união dos brasileiros.

Ao registrar as impressões causadas por cada um dos jogos naquela Copa do Mundo [1938, a primeira Copa do Mundo, realizada no Uruguai], Getúlio mostrava-se atento para o grande potencial articulador do futebol: revelando-se capaz de levantar paixões e ódios, ele assumia a feição de uma força motriz da nacionalidade (PEREIRA, 2000, p. 14).

Iniciava-se assim, por meio do interesse de políticos nessa força motriz de nacionalidade do futebol, uma relação visceral entre política, futebol e Estado.

Apesar do aumento no consumo de espetáculos esportivos a partir da década de 1910 e 1920, é somente a partir da década de 40 que podemos “considerar seriamente a presença de uma série de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil”(ORTIZ, 2001, p. 38). É nessa época também que surgem as primeiras torcidas uniformizadas dos clubes de futebol, chamadas de charangas, demonstrando algumas mudanças na relação espectador/futebol (TOLEDO, 1996, 2000; PIMENTA, 1997; TORO, 2004). No entanto, nesse período, a sociedade brasileira ainda não pode ser considerada uma sociedade de massa, no interior da qual opera a indústria cultural, pelo fato dela ainda não ser uma sociedade totalmente integrada, onde as instituições e os valores centrais guiarão e legitimarão essas instituições. O Brasil ainda não havia completado o seu processo rumo a uma sociedade moderna, ainda se encontrava numa fase inicial da sociedade moderna (ORTIZ, 2001). Pelo menos ao que era considerado moderno na época.

Embora nas décadas de 40 e 50 o mercado de bens culturais já estivesse presente no cenário nacional, devido às melhorias nas redes e tecnologias de comunicação, juntamente com um mercado consumidor mais amplo, formado também pela nova classe social de operários com cada vez um maior número de horas de não-trabalho disponível, por si só esse contexto não foi suficiente para transformar o futebol num esporte-espetáculo. Era ainda necessário que a televisão viesse a se difundir por todo o território nacional, que houvesse uma sociedade de massa, globalizada, e o interesse por assistir/consumir os jogos pela televisão estivesse presente na população.

Assim, embora o esporte já pudesse ser considerado um fenômeno cultural disseminado por todas as classes sociais e por todos os cantos do planeta antes da Segunda Guerra Mundial, seria apenas com a difusão da televisão e o desenvolvimento da cultura de massa que a lógica do mercado invadiria definitivamente a organização esportiva (PRONI, 1998, p. 68).

Concomitantemente o lazer passa a ocupar um lugar cada vez mais importante na vida dos trabalhadores.

A ética fundada na valorização do trabalho foi cedendo terreno a uma ética fundada no consumismo. É o consumo que universaliza e, simultaneamente, personifica. Assim, o tempo de lazer se tornou crescentemente voltado ao consumo de bens e serviços produzidos em massa, só que cada vez mais esse lazer se dá em espaços privados e procurando estabelecer diferenças pessoais (PRONI, 1998, p. 65).

Mas para que a oferta desses serviços seja bem sucedida é necessário que exista uma demanda pronta para consumi-la, tal demanda se deu devido a mudanças nos hábitos dos indivíduos.

Podemos considerar, dizendo de outra forma, que o aparecimento das torcidas e o crescimento do público esportivo são fenômenos associados à formação de novos hábitos e práticas sociais, que vão se consolidando à medida que os indivíduos buscam nessas sociedades, oportunidades para estimular e dar vazão às suas emoções básicas (PRONI, 1998, p. 67-8).

A incipiente sociedade de consumo vivenciada nas décadas de 40 e 50 vem a se consolidar nas décadas de 1960 e 1970. É interessante notar que o Estado militar brasileiro da época, ao mesmo tempo que censura certas produções culturais, que a seu ver não estavam de acordo com os ideais da nação a ser construída, também é um grande incentivador da indústria cultural, desde que esta se sujeite às suas políticas. Dessa forma, há um grande impulso da indústria cultural no país, assim como do parque industrial de bens materiais (ORTIZ, 2001).

Segundo Damo (2007), devido ao uso que os Estados, representados por seus governos e governantes, fazem de algumas instituições delegadas, como o caso das instituições que gerem o futebol, faz com que haja uma confusão entre o que é público e o que é privado nessas esferas. O Estado militar brasileiro, assim como Getúlio no passado, intervieram fortemente na organização do futebol, aumentando a confusão entre público e privado nessas esferas.

Também contribuíram para esta confusão o trânsito intenso de dirigentes de futebol pelos interstícios do Estado – seja do aparato administrativo, legislativo ou judiciário –, o **uso de dinheiro público na construção de arenas** e até mesmo a intervenção nas federações e confederações, como ocorreu no Brasil e na Argentina por ocasião das ditaduras militares (DAMO, 2007, p. 38. grifo meu).

Na década de 1960, a criação da mídia de massa com alcance nacional une interesses do Estado, integrar as consciências coletivas, com interesses dos empresários, integrar os mercados locais. Dessa forma, o governo militar da época não foi simplesmente um censor das produções culturais que não o agradavam, mas também foi um grande incentivador de produções culturais que se sujeitassem às suas políticas (ORTIZ, 2001). Na mesma época, no âmbito do futebol, novos atores surgem, não por coincidência, são as chamadas Torcidas Organizadas. Essas se diferenciam das antigas charangas por se proclamarem independentes em relação aos clubes, e nascem com o intuito de exigir resultados de seus clubes. O surgimento dessas torcidas, com estatutos próprios, eleições, diretorias, etc. se dá, entre outras razões, segundo Pimenta (1997), devido à falta de participação popular no governo militar, então o povo passa a se organizar em organizações civis. Há, mais uma vez, uma mudança na relação entre torcedor/clube e espectador/espetáculo. O espectador passa, agora, a fazer parte do espetáculo, enquanto o torcedor passa a reivindicar autonomia frente aos clubes para assim poder cobrar dos clubes resultados.

Os programas de sócio-torcedor, a partir da década de 1990, mais uma vez vem mudar a relação torcedor/clube, agora não mais os torcedores são “patrocinados” pelos clubes como era o caso das charangas e também não mais querem autonomia frente aos clubes como no caso das torcidas organizadas, agora são os torcedores, mais do que em qualquer outra época, que sustentam os clubes, especialmente no aspecto financeiro. Mesmo que os clubes tenham outras fontes de renda que não advenham diretamente dos torcedores, elas estão, de alguma forma, relacionadas aos torcedores. E a busca por uma relação financeira mais duradoura é evidente na relação entre os clubes e os sócio-torcedores.

É, então, a partir da década de 1990, que uma outra importante transição se instaura no campo esportivo futebolístico: a da gestão amadora dos clubes para uma gestão profissional e

a aproximação do futebol com o mundo dos negócios, aspectos da nova modernização do futebol e dos clubes futebolísticos como citados anteriormente por Proni (1998)⁶.

Essa transição de um processo de gestão amadora para uma gestão profissional, uma nova modernização no campo esportivo, certamente sofre influência do processo que ocorreu com os clubes europeus e com a crise econômica pela qual passa o Brasil principalmente na década de 1980 (PRONI, 1998).

A aproximação do futebol, e dos esportes em geral, com o mundo dos negócios e o mercado globalizado, principalmente, a partir da década de 1990 traz mudanças significativas na organização desse esporte. A ideologia do mercado passa a ser predominante na organização do futebol.

Uma gestão empresarial do esporte supõe a existência de fontes de receitas que garantam a rentabilidade dos negócios, e exige um planejamento pautado em variáveis econômicas (comportamento do mercado, nível de concorrência, resultados financeiros, níveis de eficiência, taxa de retorno dos investimentos). Aqueles que não estiverem em condições de acompanhar o movimento de profissionalização da estrutura esportiva (e de competir segundo as novas regras do jogo) estão fadados a perecer ou a ficar excluídos do concorrido mundo do esporte profissional (PRONI, 1998, p.242).

Essa nova modernização do futebol passa necessariamente pela ampliação da sociedade de massa, o engendramento de consumidores desse evento, até mesmo em nível global, e a introdução de relações mercantis, principalmente através da comercialização dos eventos esportivos. Dessa forma, a espetacularização do esporte exige cada vez mais uma profissionalização dos aspectos relacionados a esse esporte. Essas mudanças ou necessidades de mudanças atingem todos os lugares onde o esporte encontra as características de esporte-espetáculo. No entanto, há particularidades que interferem no processo que será levado à cabo em cada caso.

Indubitavelmente, o processo de reformulação da estrutura global do esporte, em nível mundial, tem sido a principal referência para a modernização do futebol brasileiro. Isto não é uma peculiaridade nossa, é um processo geral. Mas, o futebol-empresa não é um modelo único, pronto para ser

⁶ Para uma análise do impacto da relação do mundo dos negócios com o mundo futebolístico nos clubes ver: AZEVEDO, Aldo. *Dos velhos aos novos cartolas: uma interpretação do poder e das suas resistências nos clubes, face às relações futebol-empresa*. Tese de Doutorado em Sociologia, UnB, 1999.

transplantado; ao contrário, cada país possui uma experiência própria, segue um caminho particular, na adoção da nova mentalidade de organização esportiva. Surge então a pergunta: que peso jogam os ‘fatores internos’, as características da nossa sociedade, no avanço rumo à modernidade? (PRONI, 1998, p. 244, grifo no original).

Vejamos como uma dessas particularidades, a violência, no caso brasileiro, foi utilizada como um discurso para defender a mudança no público dos estádios.

Os sócio-torcedores são uma categoria razoavelmente nova de torcedores, principalmente no Brasil. O primeiro programa de fidelização de torcedores nesse molde é do São Paulo Futebol Clube e data de 1999. O Sport Club Corinthians Paulista lançou o seu programa de fidelização, o Fiel Torcedor, em 2008. Enquanto a Sociedade Esportiva Palmeiras lançou o seu programa, o Avanti Palmeiras, em 2009.

O fato de o surgimento desses programas ter se dado em fins da década de 1990 e na primeira década dos anos 2000, guarda uma direta relação com o cenário do futebol nesse momento.

Um dos motivos que impulsionou os clubes na busca por novos torcedores e o consequente surgimento dos programas de sócio-torcedor está ligado a ideia de que o futebol-espetáculo passava por um momento de crise e de que, a partir daí, novas formas de gerenciar o futebol deveriam surgir.

As primeiras opiniões midiáticas de que o futebol-espetáculo estava em crise surgem a partir da década de 1970. No entanto, essa percepção é intermitente, sendo mais forte em alguns momentos e sendo deixada de lado em outros.

Não são poucas as matérias dedicadas a discutir o que a Folha de S. Paulo num momento chega a chamar de *decadência do futebol-espetáculo*. [...] É importante esclarecer que a percepção do futebol como sendo um espetáculo em decadência é intermitente; durante as fases finais dos campeonatos, especialmente quando os clubes paulistanos aparecem como protagonistas, tal percepção perde força (TORO, 2004, p. 48-49, grifo no original).

Tal crise, ou decadência, era evidenciada pela queda no número de espectadores nas partidas de futebol. Vários motivos eram apresentados como responsáveis por esse declínio no número de espectadores: a baixa qualidade dos jogos; a má qualidade da arbitragem; falta de estrutura e segurança dos estádios; e a violência entre torcedores (TORO, 2004).

Aparecem, então, basicamente, dois problemas centrais, um ligado à qualidade do espetáculo em si e o segundo, extra-campo, ligado ao comportamento das torcidas. A que

parece despertar maior interesse da mídia é com relação a diminuição no número de torcedores nos estádios, diretamente relacionado com o aumento da violência entre torcidas.

As causas do declínio [de público], assim, estariam em dois lugares: no jogo e na torcida, mas especificamente nas TO [torcidas organizadas], principais protagonistas da violência nos estádios paulistas já desde o final dos anos 70 (TORO, 2004, p. 49).

Dessa forma, a partir da queda do número de espectadores nos estádios, do crescente aumento no número de torcedores organizados no estádio e do aumento no número de episódios de violência envolvendo as torcidas organizadas, a mídia passa a associar a imagem das torcidas organizadas com a violência nos estádios e com o conseqüente afastamento do público em geral. As torcidas organizadas que eram associadas principalmente à alegria, festa e paixão, passam a ganhar novas conotações na mídia e na sociedade em geral.

Pela primeira vez desde sua existência, as TO aparecem, enquanto geradoras de atos de violência, como um dos fatores do afastamento dos torcedores dos estádios. Legitimadas enquanto tributárias de espetáculo, festa, alegria e paixão, as TO passam a ser fortemente censuradas enquanto artífices de violência (TORO, 2004, p.49).

Por outro lado, essa dupla associação das torcidas organizadas enquanto uma associação festiva e violenta se mantém até a década de 1990.

A rigor, a violência será uma *representação dominante* das TO a partir dos anos 90. No entanto, já nas décadas de 70 e 80 disputava este predomínio com outras representações, todas elas identificadas e caracterizadas ao longo desta análise: a torcida-festa, -alegria, -espetáculo, -fidelidade, -paixão, -amor (TORO, 2004, p.55, grifo no original).

A partir da década de 1990, o crescente aumento no número de episódios violentos envolvendo as torcidas organizadas na cidade de São Paulo, faz com que a mídia reveja sua postura quanto às organizadas e passe a associá-las principalmente a episódios violentos.

A partir de então diminui radicalmente o interesse pelo espetáculo das arquibancadas, primando as TO como conteúdo noticioso ligado a fatos de violência urbana e de desordem pública. Noticia-se a violência e também seus efeitos: o afastamento de público dos estádios. Na medida que a violência gerada pela TO é apresentada como a principal causa de baixa presença de públicos nos estádios, elas passam a ser tratadas como um elemento perturbador do futebol, nocivo e contrário à viabilidade deste espetáculo de multidões. Em outras e poucas palavras, as TO passam a ser ilegítimas, alvo de intensa e sistemática censura (TORO, 2004, p.59).

Os clubes, interessados em diminuir a violência nos estádios e a associação de suas imagens com grupos violentos e preocupados com o retorno do público ao estádio, aderem à ideia disseminada pela mídia e, com isso, o comportamento das torcidas organizadas passa a ser questionado também pelos clubes. Na década de 1990, algumas torcidas organizadas, como a Mancha Verde do Palmeiras e a Independente do São Paulo, chegam a ser consideradas ilegais pelo poder público devido ao grande número de incidentes em que se envolvem⁷.

Dessa forma, inicia-se uma campanha midiática para o retorno das famílias ao estádio, os clubes, inclusive, lançam ingressos, no campeonato paulista de 1995, a um preço quase três vezes superior ao do mesmo campeonato no ano anterior. No entanto, esse ingresso dá direito a um homem, uma mulher e até três crianças entrarem no estádio, buscando incentivar as famílias a irem ao estádio, o que causou indignação em grande parte da torcida, formada basicamente por homens. O ingresso poderia ser considerado como um preço justo se utilizado por toda uma família, mas se utilizado individualmente ele estava fora dos padrões de consumo da maioria dos torcedores (TORO, 2004).

Em um seminário realizado após vários incidentes violentos entre torcidas organizadas no ano de 1995, um jornalista presente dá a sua opinião sobre a mudança no público.

Chegou o momento de recuperar o futebol como evento social e esportivo [...] os grandes clubes, federações e a imprensa devem lutar por mais espaço para que as famílias voltem a frequentar os estádios, em paz e harmonia (Imprensa do Estado de São Paulo, 1996, p. 133, apud TORO, 2004, p.63).

Essa parecia ser uma nova tendência na mídia, “a preocupação da Folha de S. Paulo com a violência entre as TO é também a preocupação com a queda de público nos estádios, a qual, por sua vez, é apresentada como a preocupação pelo fim do futebol como fonte de lazer familiar *ao vivo*” (TORO, 2004, p. 67, grifo no original).

A questão da violência passa a ser associada, também, fortemente à questão de classe social, uma vez que a mídia tem a tendência à associar, com base em dados da Polícia Militar, os membros das torcidas organizadas com as classes baixas. Dessa forma, diminuir ou

⁷ Cf. TORO, Camilo aguiera. *O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. IFCH, UniCamp, 2004; TOLEDO, L. H. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996; PIMENTA, C. A. M. *Torcidas Organizadas de Futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações societárias*. Taubaté, SP: Vogal Editora, 1997.

erradicar a violência nos estádios passa pela diminuição ou erradicação de determinada classe social dos estádios, conforme podemos notar na passagem abaixo.

Ao apresentar a violência como inadmissível e, ao mesmo tempo, como sendo um fenômeno de classe, Juca Kfoury – e a Folha de S. Paulo através dele – não faz coisa distinta do que propor uma alteração do perfil sócio-econômico da torcida nos estádios. Assim, o aumento do valor do ingresso derivaria do banimento da violência nos estádios, como também no fim do futebol como fonte de lazer ao vivo exclusiva do ‘lumpen’, pondo, deste modo, o espetáculo futebolístico a disposição de uma outra classe, capaz de pagar ingressos mais caros (TORO, 2004, P.69).

É nesse cenário que começa a surgir uma nova visão do futebol, o do futebol-empresa, que deve tratar o torcedor como um consumidor, procurando qualificar seus serviços em busca de um consumidor sempre mais exigente e satisfeito. É nesse novo cenário que vai surgindo a ideia de uma requalificação do espetáculo esportivo e da família como público alvo. “Em suma, trata-se de fazer do estádio um shopping, cujo consumidor paradigmático seria a família. Assim como a Folha de S. Paulo e muitos outros meios de comunicação paulistas, o marketing vê na família o público-alvo por excelência do futebol ao vivo”(TORO, 2004, p. 94).

No entanto, mais do que famílias esporádicas frequentando o estádio, o que se precisa é uma relação de fidelidade, consumidores que sejam assíduos. Nessa perspectiva o marketing esportivo ganha destaque.

Tarefas centrais do marketing esportivo seriam, entre outras, conhecer o perfil dos consumidores e criar estratégias de comunicação mais direta com os torcedores. Na linguagem mercadológica, como explica Pozzi, estas ações são chamadas de marketing de relacionamento. Através dele, como o especialista recomenda, seria viável a figura do sócio-torcedor (TORO, 2004, 95).

Dessa forma, as mudanças percebidas no futebol brasileiro, principalmente a partir da década de 1990, e os discursos advindos dessa nova situação fizeram com que os clubes tivessem que voltar sua atenção para a formação de um novo público consumidor – certamente há outros fatores que influenciaram nesse processo, como o caminho de sucesso desenvolvido por clubes europeus, por exemplo. O programa de sócio-torcedor foi uma das saídas apontadas, juntamente com a ênfase na família.

O campo futebolístico é repleto de disputas internas, essas são influenciadas tanto por fatores internos, inerentes ao próprio campo, como fatores inerentes a outros campos, como econômico e político, tanto nacional como internacional.

Quais seriam as características de um campo para que o mundo esportivo e especialmente o do futebol se enquadrasse dentro dessa categoria?

Os campos se apresentam à apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas) [...] Um campo, e também o campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputas e dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos [...] Para que um campo funcione, é preciso que haja objetos de disputas e pessoas prontas para disputar o jogo, dotadas de *habitus* que impliquem no conhecimento e no reconhecimento das leis imanentes do jogo, dos objetos de disputas, etc (BOURDIEU, 1983, p. 89).

Dessa forma, o campo futebolístico se apresenta como um campo específico com seus agentes e instituições próprias que defendem suas ideias de acordo com a posição que ocupam no campo, dominantes ou dominados. O embate entre amadorismo X profissionalismo foi uma importante mudança na relação de forças do campo, assim como a mudança atual na ênfase entre gestão amadora X gestão profissional e esporte prática X esporte espetáculo, na qual as ideologias que sustentam a gestão profissional e esporte espetáculo tornaram-se dominantes dentro do campo.

No caso específico dessa pesquisa, a disputa em questão gira em torno das decisões acerca da Copa do Mundo. O direito de sediar a Copa do Mundo é o próprio objeto em disputa entre os países da América do Sul. Posteriormente, a disputa se dá entre as cidades brasileiras, postulantes a cidades-sedes dos jogos da Copa, e, por último, uma disputa específica na cidade de São Paulo em torno de qual seria o estádio a ser utilizado nesta cidade, possível palco da abertura da Copa. Uma série de fatores influenciaram nessas decisões, a importância econômica e política das cidades parece ter tido um peso importante nas decisões, enquanto que a objetividade relacionada a alguns pré-requisitos exigidos pela Fifa, muitas vezes, parece ter ficado em segundo plano, conforme veremos no Capítulo 2.

Por outro lado, as disputas e mudanças no campo futebolístico não podem ser compreendidas sem que se compreenda o contexto maior no qual este campo está inserido.

É preciso relacionar esse espaço de práticas e de disputas com o espaço social que se manifesta nele, sem o que não se compreenderia o sentido mais profundo na mudança das organizações e no conteúdo de determinadas modalidades. Sem dúvida, tanto a oferta quanto a demanda de bens e serviços esportivos guardam alguma relação com a conjuntura econômica, social e política na qual estão inseridas (PRONI, 1998, p. 38).

No entanto, o campo esportivo não está completamente subordinado ao nível econômico, social ou político, ele tem certa autonomia frente essas esferas.

Se é verdade, como minha interrogação parece sugerir, que o sistema de instituições e de agentes vinculados ao esporte tende a funcionar como um campo, segue-se daí que não se pode compreender diretamente os fenômenos esportivos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica (BOURDIEU, 1983, p.136).

Por outro lado, apesar da ideia de campo de Bourdieu nos ser útil para compreendermos como se portam os indivíduos dentro de um determinado campo, nos parece que devido ao inflacionamento da esfera cultural nas últimas décadas, campo esportivo, e futebolístico particularmente, está, na prática, tão fundido com outros campos, como o político e o econômico, que se a distinção de autonomia entre os campos pode ser feita em termos teóricos, dificilmente pode ser feita em termos práticos. Cabendo, no máximo, buscar compreender quais as forças que estão atuando mais fortemente em determinado momento de disputa.

CAPÍTULO 2

A modernização dos estádios.

2.1 O jornal como fonte documental.

A opção pela pesquisa em matérias jornalísticas do Jornal Folha de São Paulo tem uma ligação com as críticas ao ideal da ciência moderna, uma vez que como fonte de informações o jornal foi, durante muito tempo, dentro da disciplina de História, relegado ao posto de fonte não confiável, considerada uma fonte tendenciosa e não objetiva. Justamente o que aumentou o nosso interesse por trabalhar com o jornal.

Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas “enciclopédias do cotidiano” continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas (DE LUCA, 2005, p. 112).

E é justamente por ser o jornal uma “enciclopédia do cotidiano”, com influxos de interesses, compromissos e paixões que optamos por usá-lo, já que estamos interessados em reconstruir o período das disputas e decisões acerca da Copa, justamente levando em conta as disputas, as paixões, os discursos, por muitas vezes contraditórios, que deram base e justificaram ou criticaram cada etapa desse processo.

Reconhecemos que o jornal não tem, como fonte histórica, a objetividade pretendida de outrora, mas qual fonte histórica detém essa objetividade com relação à verdade?

É preciso perceber que qualquer história é reinterpretação, reinvenção, reescritura. Não há possibilidade de recuperação do passado tal como ele se deu: o passado é inteligível nas fimbrias das narrativas que ele mesmo compôs. O que o historiador faz é um ato ficcional, não no sentido de que aquilo que descreve não tenha se dado, mas considerando sempre o grau de invenção, composição, interpretação, inserção do sujeito pesquisador que compõe a história a ser interpretada. Não há possibilidade de isenção diante de qualquer construção humana (BARBOSA, 2004, p.4).

Há, com relação às formas de enxergar as fontes e conseqüentemente a reconstrução de processos históricos, um embate entre teorias que defendem essa objetividade no tratamento das fontes e na recuperação do passado e teorias que reconhecem o passado como multifacetado, podendo haver várias reconstruções desse passado a partir da fonte, do discurso, que se toma como referência. Há aqui um embate entre teorias ditas modernas e pós-modernas.

Com efeito, a insatisfação com as teorias de viés holístico existentes – ou a dificuldade para construí-las – a fim de explicar a realidade social e as mudanças colocaram dificuldades ao paradigma “moderno”. Ao mesmo tempo, ensejaram as alternativas ou respostas, ao seu modo, do novo paradigma. Assim, em perspectivas mais relativistas da corrente “pós-moderna” a própria noção de que deva existir uma teoria global é vista como problemática ou superada. O suposto colapso dos valores, a afirmação da impossibilidade de metanarrativas (Lyotard) fariam com que a hierarquização dos discursos fosse indesejada. A possibilidade de realizar uma macroanálise seria uma ilusão cientificista.

Propõe-se então – neste extremo relativista do paradigma – a feitura de diferentes discursos, “histórias” sobre ou para grupos particulares. História, frequentemente de teor interpretativo-hermenêutico, que pode aproximar-se da literatura e do subjetivo, enfatizando mais a empatia e a elaboração da linguagem do que a questionada objetividade científica e a idéia de produzir sínteses abrangentes. Ao contrário do que pode parecer, os supostos dessa perspectiva aparentemente “anti-teórica” apóiam-se em um amplo conjunto de pensadores, como os contemporâneos Foucault, Deleuze e Geertz (ROMANCINI, 2005, p.5).

Dessa forma, a nossa opção é por reconstruir esse período histórico por meio de seus discursos presentes nos jornais. “Em termos mais amplos do paradigma, tem-se um retorno à narrativa, ao fato (ou acontecimento, evento), às micro-análises e é dada grande importância à interpretação das mediações simbólicas que configurariam primordialmente o social, em diferentes contextos históricos” (ROMANCINI, 2005, p.5-6).

Buscamos, então, nos jornais, uma narrativa construída por diversos atores e que nos desse informações para uma reconstrução, dentre as várias possíveis, do campo de disputas acerca de fatos relativos à Copa do Mundo de 2014. Primeiramente com relação à escolha do país-sede, posteriormente, a escolha das cidades-sedes e, finalmente, a escolha do estádio sede da cidade de São Paulo, provável palco de abertura da Copa.

A análise das matérias jornalísticas da Folha nos parece ser um ótimo instrumento para a análise das disputas em torno das questões referentes à Copa, justamente por serem os jornais um palco onde, muitas vezes, as disputas existentes na sociedade se manifestam em forma de discurso escrito.

Nos casos de estudos envolvendo a história política o papel da imprensa avulta em importância, tendo em vista o caráter em geral lacônico que caracteriza muitos dos documentos oficiais no que tange às disputas e aos confrontos de natureza político-partidária. Nos jornais, ao contrário, estes conflitos encontram seu espaço de propagação, chegando o jornalismo a servir como elo de ligação ou agente de combate entre diferentes tendências político-ideológicas (ALVES, 2001, p.4).

Apesar de não estarmos falando de disputas político-partidárias, a fala acima se encaixa bem no que nos propomos fazer nesse capítulo. Embora tenhamos uma preocupação com os fatos ocorridos, não há uma história que narre de forma objetiva, sem interesses, como se deram as disputas e as decisões acerca dos objetos em disputa, por isso, nossa preocupação maior passa a ser com relação aos discursos que dão base e justificam ou criticam cada tomada de decisão.

Se o Jornal Folha de São Paulo, e as matérias que nele são divulgadas, podem representar uma visão tendenciosa dos fatos, por outro lado, as opiniões acerca das questões relacionadas à Copa são divergentes na sociedade de uma forma geral e muitas dessas divergências aparecem presentes também nas matérias jornalísticas e nos artigos publicados na Folha de São Paulo. Dessa forma, ao analisarmos opiniões divergentes de jornalistas sobre temas como: financiamento público dos estádios; critérios para escolha das cidades sedes; critérios para escolha dos estádios. Estamos, de alguma forma, analisando algumas das opiniões existentes na sociedade a respeito desses temas.

Assim, o discurso escrito é, de certa forma, parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc. [...] Pois, de certa forma, o texto é uma produção coletiva, haja visto que sofre a interferência de ideias de muitos agentes sociais. Da mesma forma o jornal. Um diálogo entre jornalistas (intelectuais), leitores e o contexto como um todo (SOUZA, 2009, p.3).

Estamos, então, ao reconhecermos a história como multifacetada e a analisarmos com base em discursos presentes nos jornais, criando, nós mesmos, um discurso acerca desse passado.

Na sua Escrita da História, Certeau diz que é fundamental sublinhar, ao fazer história, a singularidade de cada análise. Fazendo isso estamos questionando a possibilidade da sistematização totalizante e considerando como essencial a pluralidade de procedimentos que adotamos na operação historiográfica. Sublinha ainda que o que se produz ao fazer história é um discurso que “enquanto fala da história, está também situado na história”. Ou seja, o

discurso que fala da história é ele mesmo histórico e produzido a partir de um contexto preciso (BARBOSA, 2004, p. 10).

2.2 A Copa do Mundo é nossa.

Dia 30 de outubro de 2007 a notícia que todos esperavam, e já sabiam, é dada: O Brasil é escolhido como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014. Já sabiam, pois o país foi candidato único para sediar a Copa de 2014. “EIS QUE o Brasil será novamente sede de uma Copa, vencendo por W.O.”⁸. Em um acordo entre os dirigentes das confederações de futebol da América do Sul, continente da vez no rodízio de continentes estabelecido pela Fifa para sediar a Copa, rodízio que, inclusive, chega ao fim após a Copa de 2014, ficou acertado que o candidato único do continente sul-americano seria o Brasil.

A Colômbia está oficialmente fora da disputa pela Copa de 2014, e o Brasil tem a maior moleza das últimas décadas na luta para sediar um dos dois maiores eventos do esporte.

O país é agora candidato único para abrigar o torneio da Fifa daqui a sete anos. Os cartolas colombianos mandaram carta à entidade explicando a desistência, justificada pela ‘análise dos temas inerentes à organização da Copa do Mundo’.

O Brasil só não recebe a competição agora se não atender às exigências da Fifa, que anuncia no final do ano sua escolha⁹.

No entanto, a própria Fifa não foi muito criteriosa na análise da infra-estrutura do país, se preocupando principalmente com algumas questões de ordem burocrática.

‘Na conclusão, na opinião desta equipe de inspeção, o Brasil está bem estabelecido para sediar uma excepcional Copa do Mundo’. É a frase que encerra o resumo do relatório de inspetores da Fifa sobre a candidatura brasileira ao Mundial-2014, divulgado ontem. O documento aponta que o país tem condições de atender às exigências da entidade máxima do futebol em todos os itens: segurança, transporte, hotelaria, hospitais etc. Também mostra que a CBF já abriu mão, por exemplo, de lutar pelas receitas de ingressos — a Fifa e o comitê organizador as dividiram na Alemanha. E que o governo brasileiro, excluído do comitê da Copa, assinou todas as garantias de alterações de lei pedidas pela Fifa. Nesse cenário, o resultado do relatório praticamente sela o Brasil como sede da Copa — o anúncio será na próxima terça-feira. [...] Os inspetores da entidade enxergaram de forma positiva até itens em que o país tem apresentado grandes falhas. Um exemplo é o setor aéreo brasileiro. Na opinião da Fifa, o Brasil tem 18 ‘bons aeroportos’ nas

⁸ Cf. “*SONINHA*”, Folha de São Paulo, 30 de out. de 2007.

⁹ Cf. “*Colômbia desiste, e só Brasil quer Copa 2014*”, Folha de São Paulo, 12 de abril de 2007.

cidades-sedes. Assim, os inspetores acrescentam que 'a infra-estrutura do sistema de transporte aéreo é um elemento-chave da candidatura'¹⁰.

A Fifa foi alvo de críticas, por parte da imprensa, até com relação à objetividade com que elaborou o relatório final que aprovou o Brasil como país sede da Copa.

O país 'possui o potencial necessário e demonstrou que é muito capaz de organizar uma Copa excepcional', reitera [citando trechos do próprio relatório].

'Demonstrou' como, caras-pálidas?

Um relatório objetivo, baseado na inspeção das condições atuais e na análise de promessas e projeções para o futuro distante, não deveria jamais se aventurar no território dos adjetivos. 'Excepcional'? [...] o rigor das normas em si não parece ser o mesmo dos autores do relatório. Para começar, eles verificaram pessoalmente 5 das 18 cidades candidatas. E em visitas breves. Foram nove dias no total. [...] Há lugares em que nem pisaram. [...] O relatório é contraditório em si mesmo. A conclusão final é a de que temos 'boa infra hoteleira e em número suficiente nas possíveis cidades anfitriãs'. Mas o capítulo específico sobre estadia diz que 'é preciso se esforçar para fazer frente ao déficit que ainda existe' e identifica uma insuficiência 'em particular, no caso de São Paulo'¹¹.

Apesar da pouca disputa na escolha da sede e, mesmo assim, do resultado ter sido questionado em certos pontos, o Brasil foi escolhido como sede e o rodízio entre continentes parece ter atingido o seu objetivo. O rodízio entre continentes teria sido adotado justamente para dar chance a países de continentes menos favorecidos nesses eventos, conforme nos informa a matéria jornalística, "ele [Joseph Blatter, presidente da Fifa] não escondeu que o sistema de rodízio foi adotado para permitir que África e América do Sul sediassem o Mundial, mas reiterou que é necessário ter estrutura de país grande para organizar um evento desse porte"¹². Para justificar o fim do rodízio após a eleição do Brasil, Blatter argumenta, "é uma candidatura forte, sem dúvida. O Brasil é cinco vezes campeão, fornece milhares de jogadores para o mundo, os melhores jogadores, e não organiza uma Copa desde 1950. Mas faltou competição. E futebol é competição"¹³.

Alguns jornalistas e especialistas na questão comemoraram o fato de o Brasil ter sido escolhido como sede da Copa, como atestam algumas matérias jornalísticas, "O BRASIL tem

¹⁰ Cf. "Fifa aprova até pontos fracos do Brasil", Folha de São Paulo, 26 de out. de 2007.

¹¹ Cf. "SONINHA", Folha de São Paulo, 30 de out. de 2007.

¹² Cf. "Acordo para favorecer Brasil encerra rodízio", Folha de São Paulo, 30 de out. de 2007.

¹³ Cf. "Acordo para favorecer Brasil encerra rodízio", Folha de São Paulo, 30 de out. de 2007.

condições de fazer uma bela e organizada Copa”¹⁴ e comemoraram também as melhorias que a organização de um evento desses pode trazer para o país,

os interesses são grandes, e prazos, metas, orçamentos e compromissos têm que ser cumpridos. Assim, a Copa é uma boa oportunidade para o Brasil experimentar coletivamente novos conceitos e melhores valores[...] A Copa é uma chance rara de nos obrigarmos a construir e cumprir minimamente esse plano estratégico. Os ganhos em termos de emprego direto e indireto, na cultura, na segurança e em outros domínios são conhecidos¹⁵.

Por outro lado, mesmo entre os otimistas, já havia uma certa preocupação com os rumos da organização do evento,

Uma competição internacional desse nível traz óbvias vantagens ao país, porque exalta a nacionalidade e, mais importante, estimula governo e setor privado a promover investimentos que vão muito além do futebol [...] A Copa é bem-vinda, porque representa uma oportunidade para firmar a imagem brasileira de potência emergente. Não se deve, portanto, correr o risco de que esse evento exponha o país a vexames internacionais¹⁶.

Para além das comemorações houve também muitas críticas, com tom irônico, inclusive, “o show só está começando. Nos próximos sete anos teremos mais. Em breve, virão arenas, quanto mais suntuosas melhor. Novos palcos para o esporte bretão e, quem sabe, para que o Imperador [o presidente da CBF, Ricardo Teixeira] solte seus leões para devorar aqueles, cada vez em número menor, que ousam criticá-lo, bobos da corte sem graça”¹⁷.

A falta de condições salta aos olhos nos primeiros movimentos realizados rumo à indicação e, a partir de agora, à organização desse megaevento. Ao verificar as lideranças que ameaçam tomar frente do processo, é possível antecipar o futuro de apropriação do bem coletivo, da personificação maliciosa da obra social difusa, da preponderância de interesses indignos e ilegítimos em benefício de si mesmos, de seu pequeno grupo e na defesa do podereco que eterniza essas práticas no futebol (e no país). O comitê organizador da Copa 2014 é o melhor retrato (conforme informação desta Folha): uma só pessoa, que tudo pode e a ninguém presta satisfação e contas. Um déspota!¹⁸

¹⁴ Cf. “*Hoje a festa é do São Paulo*”, Folha de São Paulo, 31 de out. de 2007.

¹⁵ Cf. “*Preparação e superação dos problemas*”, Folha de São Paulo, 03 de nov. de 2007.

¹⁶ Cf. “*FisCopa*”, Folha de São Paulo, 06 de nov. de 2007.

¹⁷ Cf. “*Dom Ricardo leva séquito e esquece rei*”, Folha de São Paulo, 31 de out. de 2007.

¹⁸ Cf. “*A quem serve a Copa no Brasil?*”, Folha de São Paulo, 03 de nov. de 2007.

“A sensação mais ou menos difusa é a de que o Brasil está condenado a ser vítima permanente de maracutaias. Logo, elas ocorrerão também em tudo o que se relacionar com a Copa 2014”¹⁹.

QUALQUER VISITANTE estrangeiro que chega hoje a uma das maiores cidades do país — São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife — tem dificuldade em se orientar, se locomover ou obter informações básicas. Os transportes públicos em geral são confusos, mal distribuídos e mal sinalizados. Malandros e criminosos estão de olho em cada movimento do recém-chegado, esperando o momento certo para aplicar-lhe algum tipo de golpe. Nas cidades menores, a ameaça de violência é mais baixa, mas a infra-estrutura é ainda mais precária.

Por que estou repisando numa coluna de futebol tudo isso que o leitor está cansado de saber? Porque a Copa 2014 será disputada nesse Brasil real, não no Brasil de mentirinha da CBF e da TV Globo²⁰.

As preocupações vão desde a infra-estrutura disponível no país, passando pelas preocupações acerca da capacidade do Brasil melhorá-las, pelo menos as mais defasadas dessas infra-estruturas, até o uso do dinheiro público em determinadas obras e a corrupção que daí pode advir.

No decorrer das discussões acerca da escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo um fato que poderia abalar a indicação do Brasil para a Copa e sua posição como sede ocorreu, mas esse foi tratado como um mero acidente pelas autoridades: a arquibancada do estádio da Fonte Nova, em Salvador-BA, desabou matando 7 torcedores e deixando outros 87 feridos. “Apesar de lamentar a tragédia na Fonte Nova, a Fifa informou ontem que a nomeação do Brasil a sede da Copa de 2014 não foi afetada [...] Segundo a Fifa, o ‘trágico acontecimento’ na Fonte nova mostra a importância de que os estádios sejam construídos de forma ‘cuidadosa’ e que recebam ‘manutenção regular’”²¹. Apesar de o acidente ter ocorrido na Fonte Nova, esse não é o único estádio que apresenta problemas estruturais necessitando de reformas e manutenção mais efetivas,

a tragédia da Fonte Nova, no domingo, foi só um exemplo do que a falta de manutenção e de reformas adequadas em um estádio pode provocar. Condições precárias e problemas de segurança não são exclusividade da arena baiana. Segundo estudo do Sinaenco (Sindicato da Arquitetura e da Engenharia), 80% dos principais estádios do Brasil, que será sede da Copa de 2014, carecem de reformas estruturais²².

¹⁹ Cf. “*O trambique será eterno?*”, Folha de São Paulo, 03 de nov. de 2007.

²⁰ Cf. “*A utopia 2014*”, Folha de São Paulo, 03 de nov. de 2007.

²¹ Cf. “*Todos lamentam, porém garantem Copa no Brasil*”, Folha de São Paulo, 27 de nov. de 2007.

²² Cf. “*Estudo põe estádios em xeque*”, Folha de São Paulo, 27 de nov. de 2007.

2.3 A escolha das cidades-sedes.

Se com relação à decisão para o país sede da Copa do mundo de 2014 faltou competição, no que se refere à participação que cada estado brasileiro terá na Copa a competição começou logo após a decisão acerca do país sede ter sido anunciada. Numa reunião informal, em um hotel em Zurique, entre governadores que viajaram à Suíça para acompanhar a decisão pessoalmente, um jornalista presente nos relata o tom da conversa, “o que os governadores estão realmente disputando, por enquanto, é a Copa de 2014. Ou, mais exatamente, a fatia dela que caberá a cada um”²³. Ou, nas palavras de outro jornalista, “O Brasil não precisou fazer uma guerra com outros países para ficar com a Copa de 2014. [...] Mas, a partir de hoje, começa uma verdadeira ‘guerra civil’ entre Estados brasileiros, seja para ser uma das sedes do Mundial, seja para fazer a partida de abertura ou de encerramento, cerejas do bolo de qualquer grande torneio”²⁴.

Essa competição, que se iniciou no mesmo dia em que a Fifa confirmou o Brasil como país sede da Copa de 2014, ainda não teve um fim, visto que somente no dia 2 de março de 2011, quase 2 anos e meio após o Brasil ter sido escolhido com sede da Copa, a Fifa decidiu o estádio da cidade de São Paulo que será utilizado na Copa, a última cidade a decidir esse quesito, deixando ainda em aberto em qual cidade será realizado o jogo de abertura do evento.

No entanto, antes de ser tomada a decisão com relação a qual estádio seria utilizado em cada cidade, era necessário decidir quantas cidades brasileiras seriam sede dos jogos e quais seriam essas cidades. O medo dos estados de ficar de fora da Copa fez com que seus políticos se movimentassem. “Parlamentares petistas fazem movimento para que seus Estados não se contentem com a promessa de receber treinos de uma seleção durante a Copa de 2014. Alegam que a CBF tentará acalmar quem não for aprovado pela Fifa com essa oferta”²⁵.

A ideia é que haja na Copa do Mundo dez cidades-sedes, mas com a desculpa de o Brasil ser um país territorialmente muito extenso, o presidente do Comitê Organizador da Copa, Ricardo Teixeira, decidiu expandir o número de sedes para doze. “O ‘Acordo para Sedar’ da Fifa prevê que apenas dez cidades poderão ser sedes da Copa do Mundo. Só que a CBF conta com a flexibilização deste item: há a possibilidade do uso de mais duas sedes”²⁶.

²³ Cf. “Copa-14 antecipa Copa-10, a eleição”, Folha de São Paulo, 30 de out. de 2007.

²⁴ Cf. “Começa ‘Guerra Civil’ pela Copa-2014”, Folha de São Paulo, 29 de out. de 2007.

²⁵ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 04 de nov. de 2007.

²⁶ Cf. “Acordo prevê dez sedes, e CBF, até doze” Folha de São Paulo, 27 de abril de 2007.

No entanto, tal decisão causou certo estranhamento em algumas autoridades, “Danny Jordaan, do Comitê Organizador da Copa de 2010 e colaborador do Mundial de 2014, espera por explicação de Ricardo Teixeira sobre a intenção de fazer o campeonato em 12 cidades em vez de 10 [...] Jordaan suspeita que o maior número de cidades envolvidas seja apenas para fazer acomodação política”²⁷. Mesmo com um maior número de sedes a disputa ainda é grande, “pelo menos 18 grandes cidades brasileiras lutam por 12 vagas entre as que terão jogos oficiais. Nenhuma delas tem estádios nem estruturas urbanas preparados para o evento”²⁸.

A decisão de quais seriam as cidades-sedes da Copa caberia ao Comitê Organizador da Local da Copa (COL), mais precisamente ao seu presidente Ricardo Teixeira. Dessa forma, antes da decisão do COL, qualquer evento que possibilitasse um contato com os responsáveis pela decisão das cidades-sedes da Copa era tratado com enorme importância, como, por exemplo, os jogos classificatórios para a Copa de 2010 da seleção brasileira,

autoridades políticas e esportivas transformaram os jogos da seleção nas eliminatórias em verdadeiras disputas veladas de lobby por vantagens na Copa de 2014. Não é à toa que haverá ao menos sete governadores no Morumbi para assistir a Brasil x Uruguai [...] Fora dos principais centros, cidades candidatas a sede ao Mundial articulam pedidos para organizar outras partidas das eliminatórias — há seis em aberto. Veem como primeiro passo para estar no Mundial [...] Dos governadores presentes, só Paulo Hartung, do Espírito Santo, não aspira a partidas. Mas quer ser sede para treinos. Os outros governadores vêm de Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Pernambuco e Mato Grosso. A maioria tem uma lista de pedidos para Ricardo Teixeira²⁹.

Se entre 18 cidades postulantes à sede da Copa somente seriam escolhidas 12, obviamente 6 cidades, ou melhor ainda, seis estados da federação brasileira, ficariam insatisfeitos com a decisão. A decisão apesar de subordinada ao COL deveria também ser aprovada pela Fifa e deveria estar submetida a critérios técnicos.

Segundo a entidade máxima do futebol, o comitê organizador do Mundial deverá fazer um processo de ‘seleção formal, com critérios de seleção e procedimentos transparentes’. A estrutura de estádios deve ser o principal item a ser levado em conta, segundo a Fifa, que vai supervisionar todo o processo de escolha. [...] Nos acordos para abrigar a Copa, são citados critérios para a seleção de cidades, o que inclui até a qualidade de ar no local e o tempo e a temperatura para os meses de julho.

²⁷ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 09 de dez. de 2007.

²⁸ Cf. “FisCopa”, Folha de São Paulo, 06 de nov. de 2007.

²⁹ Cf. “Eliminatórias são campo de lobistas por Copa-14”, Folha de São Paulo, 21 de nov. de 2007.

Infra-estrutura referentes à saúde e ao transporte das candidatas também terão de ser detalhados nos relatórios dos Estados à CBF. As rotas de acesso com facilidades para os estádios também são requisitadas. Mas a maioria das recomendações da Fifa refere-se aos estádios³⁰.

No entanto, a partir do momento em que passaram a sair as primeiras especulações sobre a decisão da Fifa acerca das cidades-sedes, as dúvidas quanto aos critérios de decisão passaram a surgir e em algumas cidades a indignação com relação às decisões foi maior.

O relatório da Fifa traz um pequeno resumo sobre a estrutura de transporte de cada candidata. Em comum, as seis consideradas inadequadas têm o fato de apresentar o ônibus como principal meio de transporte e a ausência de linhas de metrô. Concorrentes que não receberam nenhuma restrição também apresentam as linhas de ônibus como principal meio de locomoção, como Belém e Manaus. [...] Entre as cidades que foram consideradas inadequadas, só Florianópolis causou surpresa entre alguns colaboradores do presidente da CBF³¹.

A essa época as informações advindas da CBF e do governo federal com relação às candidatas à sede eram desencontradas, não demonstrando uma análise séria baseada em quesitos técnicos, ficando muito mais evidente um critério político na escolha dessas sedes. “Interlocutor de Ricardo Teixeira declara ter ouvido dele que a tragédia da Fonte Nova em nada ameaça Salvador na Copa de 2014. E que Natal está forte na disputa”³². “A ministra do Turismo, Marta Suplicy, ligou ontem para o governador de Goiás, Alcides Rodrigues Filho, a fim de apagar incêndio provocado por sua declaração de que Goiânia não tem hotel de luxo para receber a Copa de 2014. Declarou não ter nada contra a cidade”³³.

Ricardo Teixeira, concentrou o poder do Comitê Organizador da Copa em suas mãos, “ao entoar o mantra de que ninguém está autorizado a falar por ele, ainda mais de Copa-14, Ricardo Teixeira pediu para o presidente Lula não receber quem o procure usando seu nome”³⁴. Com isso, virou o centro da atenção dos governadores interessados em que seus estados fizessem parte da Copa. “Para colaboradores de Ricardo Teixeira, o presidente da CBF passou da fase de fazer lobby com políticos. Agora eles é que têm que se aproximar do cartola por causa da Copa de 2014”³⁵.

³⁰ Cf. “Acordo prevê dez sedes, e CBF, até doze” Folha de São Paulo, 27 de abril de 2007.

³¹ Cf. “Indicação de eliminadas gera reação”, Folha de São Paulo, 26 de out. de 2007.

³² Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 16 de dez. de 2007.

³³ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 22 de nov. de 2007.

³⁴ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 09 de julho de 2008.

³⁵ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 24 de julho de 2008.

Como era do conhecimento de todos que não seriam todas as cidades que estariam na Copa, Ricardo Teixeira, tratou de prorrogar, até a medida do possível, a desilusão de uns, “em audiência na Câmara, ontem, o ministro do Esporte, Orlando Silva Júnior, informou que o prazo para a definição das sub-sedes da Copa de 2014 foi prorrogado para janeiro de 2009, 30 dias a mais que a determinação inicial da Fifa”³⁶, enquanto buscava oferecer certas recompensas para os que não fossem pleiteados como cidade-sede da Copa.

Segundo esses colaboradores [colaboradores de Ricardo Teixeira], outras cidades vetadas agora foram incluídas somente porque o cartola precisava de apoio político. Seus aliados dizem que, a cada eliminação, ele argumentará tratar-se de decisão da Fifa. Informalmente, a CBF diz que nenhuma candidata foi descartada. E que continuará pleiteando 12 sub-sedes. Para a Fifa, a Copa deve ter de 8 a dez cidades, mas o Brasil apresentou 18, o que ajudou na costura política³⁷.

Por outro lado, certos jogos das eliminatórias da Copa eram vistos como uma forma de recompensar alguns estados que não estariam na Copa,

para enfrentar a previsível guerra entre capitais para sediar jogos da Copa do Mundo de 2014, que deverá ter o Brasil confirmado pela Fifa como sede amanhã, o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira, pretende usar partidas das eliminatórias sul-americanas para compensar cidades que não participarão das finais do torneio. Ou seja, partidas do Brasil no qualificatório para 2010 contra adversários tradicionais, como Argentina e Uruguai, deverão acontecer em capitais que ficarão fora do Mundial. [...] Outra medida de caráter político, segundo a **Folha** apurou, é a intenção de Teixeira de criar uma comissão para decidir em quais cidades se realizará a competição³⁸.

A comissão para decidir quais cidades seriam sedes da Copa também peca pelo quesito técnico na escolha de seus membros, “nas palavras de um colaborador de Ricardo Teixeira, o cartola não quer no comitê da Copa de 2014 quem diz amém a tudo. E nem pessoas que cresçam e queiram mandar mais do que devem. Por isso tem dificuldade em fechar o grupo”³⁹. Por outro lado havia pressões de todos os lados buscando influenciar na formação do comitê da Copa, “políticos e cartolas que rondam Ricardo Teixeira ficaram descontentes com o anúncio dos primeiros membros do comitê da Copa de 2014. Tinham

³⁶ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 10 de abril de 2008.

³⁷ Cf. “Indicação de eliminadas gera reação”, Folha de São Paulo, 26 de out. de 2007.

³⁸ Cf. “Eliminatórias são mimo de quem ficar sem jogos”, Folha de São Paulo, 29 de out. de 2007.

³⁹ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 08 de março de 2008.

afilhados para indicar, mas o presidente da CBF fez tudo sozinho”⁴⁰. Membros do governo queriam a formação de um comitê misto, com integrantes do próprio governo, da CBF e da Fifa, “o ministro do Esporte, Orlando Silva Jr., sugere a Ricardo Teixeira a criação imediata de força-tarefa com membros da pasta, da CBF e da Fifa pela Copa-14”⁴¹.

Ricardo Teixeira, no entanto, não via a necessidade de membros do governo participarem do comitê, pois, segundo ele, não haveria financiamento público na construção das arenas esportivas, já que todo o dinheiro viria da iniciativa privada e ao governo caberia somente as obras de infra-estrutura das cidades-sedes. “O discurso na CBF é o de dizer que o governo Lula não colocará dinheiro nas arenas, apesar de muita gente duvidar”⁴². E a dúvida quanto ao não uso de dinheiro público nos estádios era realmente grande e vinha desde a escolha do Brasil como sede da Copa.

A tragédia na Fonte Nova reacendeu em Brasília a discussão sobre o uso de dinheiro público em estádios da Copa de 2014. Deputados contrários à idéia temem que o acidente sirva de pretexto para CBF e governo federal mudarem seu discurso e admitirem usar os cofres públicos. Seria uma forma de acelerar projetos que esperam por investidores. ‘Uma alternativa é o governo federal criar um financiamento para a iniciativa privada bancar os estádios’, diz o senador Antonio Carlos Magalhães Júnior (DEM-BA)⁴³.

Deputados, que queriam que o poder público também participasse na formação do comitê, duvidavam do discurso da CBF de que não haveria uso de dinheiro público nas arenas, e criticavam o fato de a CBF não querer membros do governo na formação do comitê, conforme pode-se notar na frase do deputado federal Deley (PV-RJ), “[Dirigentes da CBF] Querem ficar bem distantes [do governo]. Quando dizem que não haverá investimento público, não é verdade”⁴⁴.

Por outro lado, há críticas também de dirigentes esportivos quanto ao papel que, às vezes, é dado a membros do governo em matérias esportivas, “O esporte brasileiro é alvo de barganha dos políticos. Nossos ministros não entendem patavina das modalidades esportivas”, frase de Alberto Murray Neto, membro do Comitê Olímpico Brasileiro⁴⁵.

Mesmo com ataques vindo de todos os lados sob o possível uso de dinheiro público nas arenas, membros do governo insistiam com a posição de que não haveria gastos públicos

⁴⁰ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 07 de out. de 2008.

⁴¹ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 19 de março de 2008.

⁴² Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 26 de maio de 2009.

⁴³ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 27 de nov. de 2007.

⁴⁴ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 13 de maio de 2008.

⁴⁵ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 10 de out. de 2008.

nos estádios, “escolado com as críticas no Pan, o ministro Orlando Silva (Esporte) diz que não deve ser gasto ‘nenhum centavo de dinheiro público’ com estádios para a Copa de 2014. Pretende deixar tudo para o setor privado”⁴⁶. Mas analisando algumas posturas do governo até então era mesmo de se duvidar dessa credulidade do ministro em não haver dinheiro público nos estádios, “ao mesmo tempo em que se nega a investir em arenas para a Copa-14, o Ministério do Esporte repassará R\$ 12 milhões à Prefeitura de Araraquara para remodelar a Fonte Luminosa. O prefeito Edinho Silva (PT) diz que o estádio pode receber a pré-temporada de um país”⁴⁷. Até mesmo governos estaduais e municipais começaram os gastos com a Copa antes mesmo da decisão acerca das cidades-sedes, “ainda sem garantias sobre sua participação na Copa de 2014, que será realizada no Brasil, Estados e prefeituras abriram os cofres para tentar se garantir como sede. Os gastos vão desde a contratação sem licitação de consultorias para elaboração de projetos até viagens e a participação em eventos”⁴⁸.

Conforme o tempo ia passando, ficava cada vez mais nítido que seria necessário o uso de dinheiro público na construção de estádios, e diferentes motivos eram apontados, “a tendência é que o governo tenha de assumir [os gastos com estádios], até pela crise no mercado financeiro”, João Alberto Manaus Corrêa, presidente do Sindicato da Arquitetura e da Engenharia-SP⁴⁹.

Por conta da crise econômica mundial, o dinheiro público pode entrar literalmente em campo para erguer estádios para a Copa do Mundo de 2014.[...] O discurso sempre se baseou no fato de que o dinheiro público seria destinado apenas para obras de infraestrutura, enquanto os recursos para os estádios deveriam ser provenientes exclusivamente da iniciativa privada. [...] Se há dificuldade de prospecção de investidores para a revitalização do estádio mineiro, que hoje abriga jogos de dois times da Série A do Nacional (Cruzeiro e Atlético-MG), a situação é ainda mais aguda no Norte e no Centro-Oeste. [...] ‘Esse problema [crise econômica] é real. Há pouco interesse em investir em estádio na iniciativa privada, com exceção das maiores cidades’ [...]. admitiu o secretário de Planejamento do Amazonas⁵⁰.

Mesmo no caso de estádios que devem ser erguidos com dinheiro privado, a fonte desses recursos é o dinheiro público,

⁴⁶ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 26 de dez. de 2008.

⁴⁷ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 08 de agosto de 2008.

⁴⁸ Cf. “De olho na Copa, cidades abrem cofre”, Folha de São Paulo, 18 de jan. de 2009.

⁴⁹ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 14 de nov. de 2008.

⁵⁰ Cf. “Cofre público deve bancar arena”, Folha de São Paulo, 31 de maio de 2009.

abastecido por R\$ 100 bilhões do governo federal, o BNDES é visto por membros da organização da Copa do Mundo de 2014 como provável financiador da maioria dos novos estádios. Eles sustentam, entretanto, que a ajuda não contradiz o discurso de que as arenas devem ser feitas com verba privada. Argumentam que nenhum grande projeto no país sai sem suporte do BNDES. E que os planos para o Mundial no Brasil atendem aos requisitos para obtenção de crédito, como gerar empregos e infraestrutura⁵¹.

Dessa forma, o debate sobre o uso do dinheiro público em alguns estádios envolve uma outra discussão, se para os grandes centros econômicos e futebolísticos do país está difícil de garantir a construção de arenas esportivas para o Mundial sem o uso de dinheiro público, o que dirá de cidades menores, às vezes, sem nenhuma tradição no futebol de elite? Se a iniciativa privada não tem interesse em investir em arenas nas capitais de menor porte, deveriam elas ficar de fora do Mundial ou o poder público deveria necessariamente investir na construção de estádios nessas cidades? E depois do Mundial o que seriam feitas desses grandes monumentos? Essas são algumas das questões que intrigaram parte da mídia, que nós não necessariamente responderemos nesse trabalho, mas que certamente foram levadas em conta, de alguma forma, na hora da decisão da CBF e da Fifa na escolha das cidades-sedes.

A reboque, estádios fadados a se tornarem elefantes brancos. O anúncio, em Nassau, nas Bahamas, revelará um cenário com várias cidades de pouca representatividade no futebol. Com a elite dos clubes concentrada no Sul e no Sudeste, haverá seis ou sete arenas caras erguidas em outras regiões do país. Sem times fortes economicamente, essas capitais devem ver problemas no futuro. Cientes da ameaça, a maioria dos projetos das cidades candidatas prevê shoppings centers, complexos esportivos e espaços para shows, entre outros itens. Argumentam que, assim, os estádios vão se pagar⁵².

À medida que se aproximava a data da decisão da Fifa acerca das cidades-sedes a disputa entre as cidades e os estados candidatos se acirravam. No entanto, antes de a decisão final sobre as cidades-sedes ser dada, a CBF, e Ricardo Teixeira, conseguiram uma grande, e para alguns inesperada, vitória na Fifa ao conseguir ampliar o número de sedes de dez para doze cidades. Contrariando até as expectativas das próprias candidatas a cidades-sedes. “Representantes de candidatas a receber jogos da Copa-14 saíram de encontro com estafe da Fifa certos de que a entidade não autorizará 12 subsedes. Com menos cidades do que o Brasil quer, cai a chance de algo dar errado”⁵³.

⁵¹ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 26 de jan. De 2009.

⁵² Cf. “Fifa anuncia hoje sedes e futuros elefantes brancos”, 31 de maio de 2009.

⁵³ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 10 de out. de 2008..

A notícia, que foi bastante comemorada pelas cidades-sedes, fez acirrar ainda mais a disputa pelas vagas. Pois se com dez cidades sedes a disputa era muito complicada para algumas cidades de menor porte, agora, com doze, ficar de fora seria uma desonra muito grande. “A opção da Fifa por 12 subsedes na Copa-14 tornou mais acirrada a disputa. Para os governantes, ficar fora seria derrota maior do que com dez cidades”⁵⁴. Consequência dessa vitória na Fifa de Ricardo Teixeira foi o aumento do seu poder e prestígio entre as candidatas, “o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, conseguiu convencer os dirigentes da Fifa e ampliou para 12 o número de cidades que abrigará jogos da Copa do Mundo de 2014. Aumentou também seu poder de barganha com políticos e dirigentes locais, que lutam para abrigar jogos da segunda Copa no Brasil, apesar de dizer que a Fifa é quem vai indicar as sedes”⁵⁵.

Outro fator que colaborou para acirrar a disputa entre as cidades foi a decisão da Fifa de adiar o anúncio das cidades-sedes, “as 17 cidades candidatas a abrigar os jogos da Copa de 2014 terão que esperar mais dois meses para conhecer o veredicto da Fifa, que adiou ontem para o final de maio a indicação das 12 escolhidas”⁵⁶. Nesse momento da disputa apareciam somente 17 cidades candidatas em vez de 18, pois Maceió (AL) havia desistido de enviar o seu projeto. Sendo assim, as 17 cidades eram: Belém (PA); Belo Horizonte (MG); Brasília (DF); Campo Grande (MS); Cuiabá (MT); Curitiba (PR); Florianópolis (SC); Fortaleza (CE); Goiânia (GO); Manaus (AM); Natal (RN); Porto Alegre (RS); Recife/Olinda (PE); Rio Branco (AC); Rio de Janeiro (RJ); Salvador (BA) e São Paulo (SP).

A partir desse momento as especulações sobre as possíveis sedes só aumentavam e os políticos buscavam influenciar a CBF e a Fifa na decisão. Enquanto era claro que algumas cidades não ficariam de fora, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, em outras cidades a disputa era muita acirrada.

A informação vem dos bastidores da CBF: oito cidades já estão praticamente escolhidas para sediar jogos da Copa de 2014 no Brasil. São elas São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Brasília, Porto Alegre, Recife, Fortaleza e Salvador. Curitiba tem grande chance. A disputa se resumirá, portanto, às regiões: Manaus e Belém brigam para ver quem sediará os jogos da região Norte; Cuiabá e Campo Grande, os do Centro-Oeste; Goiânia, Florianópolis e Rio Branco disputam o último lugar disponível na festa⁵⁷.

⁵⁴ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 04 de jan. de 2009.

⁵⁵ Cf. “Com 12 sedes, comitê da Copa-2014 ganha poder”, Folha de São Paulo, 27 de dez. de 2008.

⁵⁶ Cf. “Fifa adia o anúncio das sedes do mundial de 2014 para maio”, Folha de São Paulo, 12 de março de 2009.

⁵⁷ Cf. “Mônica Bergamo”, Folha de São Paulo, 20 de jan. de 2009.

Dessa forma a disputa era especialmente grande entre as cidades do norte, onde Belém e Manaus competiam por uma vaga, assim como a preterida Rio Branco. No Centro-Oeste, Cuiabá e Campo Grande saíam na frente de Goiânia, pois representam uma sede no Pantanal, restando apenas uma vaga para ser disputada entre cidades como Florianópolis, Goiânia e Natal

Aí começam as maiores disputas. Manaus briga com Belém e está em desvantagem, porque o Amazonas não acena com a estrutura do Pará. Como prêmio de consolação, pode ficar com o sorteio dos grupos.

Mato Grosso é o mais bem colocado para ser a sede Pantanal. Blairo Maggi, que já defendeu o desmatamento da Amazônia para plantar comida, está desmatando a Copa. Cuiabá deve ser sede. Manaus, não.

As três favoritas que restam são do Nordeste. Recife está garantida; Salvador, quase. A terceira força é Fortaleza. Nesse mapa, Curitiba dançou, mas Celso Caron viaja ao Rio com a missão de mudar o cenário.

Não existe cidade mais perfeita entre as que terão papel pequeno. Curitiba tem transporte, hotelaria e estádio suficientes para três jogos da primeira fase e um das oitavas-de-final. O que matou Curitiba foram as brigas entre o prefeito Beto Richa e o governador Roberto Requião⁵⁸.

As cidades em busca de uma vaga entre as sedes da Copa buscavam enaltecer os seus pontos fortes ao mesmo tempo em que buscavam inferiorizar e mostrar os pontos fracos de suas adversárias.

Às vésperas da definição das sedes para a Copa de 2014, o clima é de final entre as “capitais” do Pantanal (Cuiabá e Campo Grande) e da Amazônia (Manaus e Belém —Rio Branco, no Acre, também concorre). As cidades viram crescer suas chances após a Fifa anunciar que o torneio terá 12 sedes. A guerra é maior nas capitais de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, divididos na década de 70. [...]

O pôster da candidatura de Campo Grande, capital de MS, cita o Estado vizinho como líder de queimadas e “derrubador de florestas”. “Johanesburgo, que é considerada uma cidade violenta, mas será o epicentro da Copa de 2010, teve em 2006 média de 39,8 assassinatos por 100 mil habitantes. A média de Cuiabá é maior: 45,2 em 2007”, informa. [...]

No Norte do país, o comitê de Belém tenta fazer de sua localização um ponto a favor na disputa com Manaus, já que provavelmente só uma será escolhida. “Aqui podemos chegar via terrestre, via aérea e de barco. Manaus não teria essa condição”, diz o secretário de Esporte de Belém, Carlos Cunha⁵⁹.

Os métodos adotados pelas candidatas foram variados, desde buscar plantar matérias na mídia favoráveis à sua causa, “o comitê de candidatura de Belém para a Copa-2014 exibe em seu site que um grande jornal paulista publicou reportagem sob o título ‘Todos os

⁵⁸ Cf. “*Cidade X Cidade*”, Folha de São Paulo, 28 de set. de 2009.

⁵⁹ Cf. “Copa acirra rivalidade na Amazônia e no Pantanal”, 30 de jan. de 2009.

caminhos levam a Belém’. Na verdade, a propalada ‘matéria’ é um anúncio de uma página patrocinado pelo governo do Pará”⁶⁰. Buscando associar a imagem de suas cidades a questões de forte impacto social, mesmo que sem muita coerência com a realidade, “desde a confirmação do Brasil como sede da Copa de 2014, em outubro de 2007, algumas cidades do Norte e do Centro-Oeste tentam associar suas candidaturas a aspectos relacionados ao ambiente. Em alguns casos, entretanto, a propaganda verde não corresponde à realidade ambiental”⁶¹. Ou até mesmo buscando apoio de países vizinhos em sua causa, “Mato Grosso do Sul tenta apoio formal de Paraguai e Bolívia a Campo Grande como subsede da Copa-14. Os governantes dizem que os dois países gostam da ideia graças à proximidade com a cidade. Poderiam vir ao Brasil só em véspera de jogo”⁶².

Apesar dos vários métodos utilizados pelas diversas candidatas, o método mais utilizado, e parece que o mais efetivo, ainda era o chamado lobby político, seja em eventos esportivos ou nos corredores das entidades da CBF e da Fifa, “chamado em Brasília de o ‘jogo do lobby’, a partida entre Brasil e Portugal reuniu no reformado estádio Bezerrão autoridades dos Três Poderes diante do talvez mais poderoso nome da noite: Ricardo Teixeira, presidente da CBF e dono da organização da Copa-2014”⁶³. O lobby de alguns estados parece que obteve os resultados pretendidos, como o caso do Nordeste,

Um forte lobby que contou com políticos de peso do Nordeste provocou tremendo mal-estar com candidatas de outras regiões na disputa pelas 12 sedes da Copa do Mundo de 2014. Nos corredores da CBF, é dado como certo que as quatro cidades da região —Salvador, Recife, Fortaleza e Natal— já estão escolhidas entre as 12 que serão anunciadas no dia 31 pela Fifa, nas Bahamas. A articulação política dos nordestinos foi feita diretamente com a Fifa. Candidatas como Florianópolis e Curitiba estão bastante irritadas⁶⁴.

Ou então o caso do Mato Grosso, “O que existe são indícios. Confiamos nisso e estamos trabalhando para isso”, disse Blairo Maggi, o governador de Mato Grosso, cuja influência política é tida como decisiva para sua cidade levar a melhor sobre Campo Grande na disputa pela vaga de sede pantaneira”⁶⁵. Já o lobby de outras cidades parece não ter sido tão efetivo quanto se esperava e como se pôde comprovar com o anúncio final da sedes dado pela Fifa, “a candidatura de Florianópolis aposta no bom relacionamento entre o presidente do

⁶⁰ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 22 de maio de 2009.

⁶¹ Cf. “Candidatas usam maquiagem verde”, Folha de São Paulo, 29 de maio de 2009.

⁶² Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 27 de jan. de 2009.

⁶³ Cf. “Teixeira é cortejado em lobby por 2014”, Folha de São Paulo, 20 de nov. de 2008.

⁶⁴ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 24 de maio de 2009.

⁶⁵ Cf. “Cuiabá, Natal e Manaus lideram disputas finais”, Folha de São Paulo, 30 de maio de 2009.

Senado, José Sarney, e o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, para ser uma das sedes da Copa-14. A senadora Ideli Salvati (PT-SC) é a ponte entre a cidade e Sarney”⁶⁶.

Os políticos buscaram influenciar o anúncio da Fifa até a medida do possível, até o momento em que ainda tinham esperança em influenciar nos resultados, “governadores, prefeitos, senadores e deputados atuaram nos últimas semanas para influenciar na escolha das cidades-sedes para a Copa de 2014. Sobretudo, em Brasília, já está claro quais capitais irão ou não abrigar as partidas do Mundial. No próximo domingo, a Fifa anunciará as 12 escolhidas entre as 17 concorrentes⁶⁷”. Mesmo quando os lobbys já não mais podiam surtir efeitos, segundo a própria CBF, os políticos ainda insistiam nessa prática, “quando a Fifa adiou a escolha das cidades-sedes da Copa-2014, diversos comitês locais intensificaram suas campanhas. Na CBF, o esforço é visto como inútil: nenhuma das informações novas chegará à Fifa”⁶⁸.

Apesar de todo o esforço dos políticos em buscar influenciar na decisão da escolha das sedes, a decisão da Fifa, segundo informou Ricardo Teixeira em artigo publicado em jornais, seria baseada em critérios exclusivos da própria entidade, afirmação que levantou certa desconfiança por parte da mídia.

EIS TRECHOS do raro artigo de Ricardo Teixeira publicado no “Globo” de anteontem. Ou é uma gozação infernal ou a demonstração de que ele já pode pensar em fazer as coisas como se deve: [...] Está claro que a seleção das cidades será feita exclusivamente a partir dos critérios definidos pela Fifa, com base no histórico da entidade de realizar esse evento ao redor do planeta.[...] Quero ser bem claro nesse ponto: o Comitê Organizador da Copa não indica, não prefere, não sugere, não apoia, não condiciona, não sinaliza, não recomenda, nem credencia quem quer que seja. Isso vale para empresas de consultoria de qualquer tipo, prestadores de serviço em geral, empresas de construção, de marketing, enfim, seja qual for o fornecedor ou o interesse⁶⁹.

No entanto, alguns discursos parecem ir contra essa ideia propalada por Ricardo Teixeira de que a decisão das sedes da Copa seria dada exclusivamente com base em quesitos técnicos definidos pela Fifa. “O ministro do Esporte, Orlando Silva Jr., disse a conselheiros corintianos que, tecnicamente, o melhor projeto entre todos os candidatos a sede na Copa-14 é o de Rio Branco. Silva Jr. Citou que, por esse critério, a capital do Acre não fica fora”⁷⁰. Porém, em outro momento, o próprio ministro esqueceu-se de citar o Acre como um

⁶⁶ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 24 de maio de 2009.

⁶⁷ Cf. “Políticos reforçam lobby de cidades no mundial de 2014” Folha de São Paulo, 25 de maio de 2009.

⁶⁸ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 20 de março de 2009.

⁶⁹ Cf. “Juca Kfoury”, Folha de São Paulo, 13 de nov. de 2008.

⁷⁰ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 06 de out. de 2008.

dos candidatas, o que irritou o comitê local, “responsáveis pela campanha do Acre à Copa-14 irritaram-se com o ministro do Esporte, Orlando Silva Jr., que não citou Rio Branco como uma das candidatas na região amazônica”⁷¹.

Mais do que os discursos, a própria forma como os inspetores da Fifa inspecionaram as cidades candidatas à sede e seus respectivos estádios também não esteve de acordo com o grau de exigência feitos pela entidade, “a comissão da Fifa que veio a São Paulo para analisar a candidatura à Copa-14 só irá ao Morumbi se der tempo para o helicóptero que sobrevoará a cidade com o grupo parar no estádio”⁷². Os inspetores deram muito mais importância a vídeos e projetos do que as condições atuais, não tendo, inclusive, nem chegado a visitar alguns estádios, e passado muito rapidamente por outros antes da tomada de decisão.

Iniciada ontem por São Paulo, a inspeção de inspetores da Fifa dá pouca importância ao estágio atual da infraestrutura de cidades e estádios candidatas à Copa-2014. A prioridade é a análise de projetos e vídeos. [...] A entidade não fazia questão de visitas às arenas, o que só ocorre quando há um pedido do comitê local e espaço na apertada agenda. Foi o que ocorreu na capital paulista. Ficaram uma hora e 30 minutos reunidos com autoridades municipais e estaduais e representantes do São Paulo, dono do Morumbi. Detalhe: o encontro foi no Pacaembu. Nas outras candidatas, as visitas serão mais rápidas e restritas à exibição dos projetos, pois são 16 cidades em oito dias. Na sexta-feira, passarão por três cidades em um dia: Salvador, Recife e Natal⁷³.

Para alguns a decisão dos inspetores da Fifa já estava tomada antes mesmo da vitória das cidades candidatas, e mesmo a Fifa tendo dado muito mais atenção aos projetos do que a estrutura real de cada cidade, há os que duvidem que a decisão se deu com base na análise dos projetos. Por outro lado, criticam também o rigor técnico que a Fifa diz exigir, mostrando com base na experiência de outras Copas que esse rigor não é seguido à risca na prática.

A INSPEÇÃO da Fifa às cidades candidatas a sedes da Copa de 2014 é mais protocolar e simbólica. Quase tudo já está decidido por meio de vídeos e relatórios. Certamente, as decisões técnicas são influenciadas pelas políticas e pelos projetos, alguns faraônicos e irresponsáveis, de prefeitos e governadores. Tudo articulado pela CBF e com a garantia do governo federal. Depois do Pan, só a turma do oba-oba e os eternos otimistas acreditam que dinheiro público não será desperdiçado na Copa de 2014. Ainda não foi anunciado oficialmente, mas nunca houve dúvidas de que o primeiro jogo será em São Paulo, e a final, no Rio, no Maracanã. [...] O tão falado rigor técnico da Fifa não é bem assim. No estádio da cidade de

⁷¹ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 31 de jan. de 2009.

⁷² Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 30 de jan. de 2009.

⁷³ Cf. “Fifa vem ao Brasil para assistir a vídeos”, Folha de São Paulo, 31 de jan. de 2009.

Dortmund, Alemanha, onde o Brasil jogou duas partidas na Copa de 2006, vários jornalistas, por falta de lugar, sentavam-se no chão, no centro de imprensa, e, com seus laptops, transmitiam as matérias⁷⁴.

Até algumas premissas fortemente defendidas pela Fifa e pela CBF, como a recusa na utilização de dinheiro público na construção de estádios, visto que esses deveriam ser erguidos com dinheiro da iniciativa privada, foram colocadas em xeque quando começaram a sair os primeiros rumores do resultado da Fifa sobre as sedes.

Florianópolis, que deve perder sua vaga na Copa hoje, exibiu projeto de estádio de baixo orçamento (R\$ 166 milhões) e que já conta com investidor privado, a OAS. A arena seria usada pelo Figueirense. A cidade foi uma das poucas que refutaram o uso de dinheiro público no estádio. Goiânia, outra que não deve ser escolhida pela Fifa, também não teria entraves de financiamento para o Serra Dourada. Situado em área nobre da cidade, o estádio, cuja renovação está orçada em R\$ 206 milhões, atraiu o interesse de cinco investidores⁷⁵.

Dessa forma, Florianópolis, por exemplo, uma candidata que parecia ter um bom projeto, com um estádio de baixo orçamento e com investimento da iniciativa privada, além de ser uma cidade com uma infraestrutura razoável, antes mesmo da divulgação oficial do resultado já parecia estar desiludida, “ontem, integrantes do comitê de Florianópolis para a Copa já haviam jogado a toalha. Estão revoltados porque dizem ter perdido a vaga para Natal, que consideram não ter boa infraestrutura para ser sede do Mundial”⁷⁶.

Um possível problema que a decisão das sedes pode vir a gerar, dependendo das cidades que forem escolhidas, é: o que irá acontecer com estádios monumentais que forem construídos em cidades que não tenham uma forte tradição na elite do futebol? Segundo um analista da Consultora PricewaterhouseCoopers, isso não foi levado em consideração no projeto de algumas cidades, “O consultor acredita que a maioria das cidades não fez estudo de pré-viabilidade dos estádios, embora não tenha certeza sobre o dado. Ou seja, não foi analisado se há potencial econômico na população para explorar os espaços comerciais, para shows e para o futebol”⁷⁷.

Embora a Fifa e, principalmente a CBF, terem dito que lobbys não ajudariam em nada na escolha das sedes e que a análise e escolha das sedes seria exclusivamente com base em quesitos técnicos definidos pela Fifa, alguns dias antes do anúncio oficial da Fifa, Ricardo

⁷⁴ Cf. “A festa já começou”, Folha de São Paulo, 04 de fev. de 2009.

⁷⁵ Cf. “Azarões ostentam projetos mais viáveis e investidores”, Folha de São Paulo, 31 de maio de 2009.

⁷⁶ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 30 de maio de 2009.

⁷⁷ Cf. “Fifa anuncia hoje sedes e futuros elefantes brancos”, Folha de São Paulo, 31 de maio de 2009.

Teixeira e o presidente da república Luís Inácio Lula da Silva, cogitaram externar essa posição de forma oficial, “gente do governo federal e da CBF conta que Lula e Ricardo Teixeira não aceitarão mais tentativa de lobby de governadores, deputados e senadores para suas cidades candidatas a sede da Copa-14. Ambos devem soltar comunicado externando essa posição”⁷⁸.

Buscando fortalecer a ideia de que a CBF em nada influenciaria na decisão da Fifa, a CBF optou por não participar das reuniões entre os inspetores da Fifa que decidiriam as cidades sedes da Copa, “membros do comitê da Copa-2014 têm ficado fora das reuniões técnicas do pessoal da Fifa. Faz parte da tentativa de convencer as cidades candidatas que não tem poder de decisão na escolha”⁷⁹.

Dessa forma, praticamente sem nenhuma surpresa, visto que as cidades-sedes já estavam praticamente certas, no dia 1 de junho de 2009 a Fifa anunciou oficialmente as cidades-sedes da Copa de 2014.

A lista das sedes da Copa já era conhecida antes do anúncio, como indicaram as festas das escolhidas. Mas o presidente da Fifa, Joseph Blatter, tentou criar suspense, agindo como um apresentador de TV. Quando começou a falar, fez um pequeno discurso, em que saudou o presidente Lula. Depois, disse que aumentaria um pouco o mistério. “A Fifa pensava em 10 sedes, mas, por Ricardo Teixeira, botou 12”. Ao anunciar o Rio, brincou dizendo “surpresa”⁸⁰.

Após o anúncio oficial, algumas cidades que, teoricamente, já sabiam de suas poucas chances de serem escolhidas como sede, externaram sua indignação, assim como parte da mídia.

‘O sentimento que me assola é falta de credibilidade da Fifa. Não é uma entidade séria’, afirmou a coordenadora [de Belém, Lúcia Penedo, ao perder a vaga para Manaus].

Para Lúcia Penedo, o que definiu a escolha foi o lobby do governador de São Paulo, José Serra (PSDB), e de grandes empresas, como Sony e Coca-Cola, que têm fábricas em Manaus. Se forem contados apenas os critérios técnicos, disse ela, Belém é mais bem preparada⁸¹.

O PRESIDENTE da CBF acredita que vive num país de néscios, razão pela qual passou meses repetindo que a Fifa é quem escolhe as cidades-sede da Copa do Mundo. Verdade que há ex-jornalista em atividade que repete a

⁷⁸ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 19 de março de 2009.

⁷⁹ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 01 de fev. de 2009.

⁸⁰ Cf. “Mestre de cerimônia: Blatter faz suspense e agrada a Lula”, Folha de São Paulo, 01 de junho de 2009.

⁸¹ Cf. “Em festa, preterida Belém diz que ‘Fifa não é séria’”, Folha de São Paulo, 01 de junho de 2009.

falácia na TV, apesar de saber que o formal não existe no futebol, só existe o informal e a politicagem⁸².

Belém, foi uma das cidades mais indignadas com o anúncio oficial, questionando os critérios que foram utilizados na escolha, inclusive, o fato de o Nordeste ter ficado com quatro sedes, enquanto o Norte com apenas uma, não levando em consideração a importância do futebol do Pará na região e até mesmo o seu contingente populacional.

No Pará, a sensação após o anúncio das cidades-sede da Copa de 2014 foi a de que a Fifa e a CBF esqueceram a capital do futebol na Amazônia. Mas não foi só isso. A eliminação de Belém deixou um grande vazio no mapa. A distância entre Belém e Manaus equivale à que separa Rio de Janeiro de Porto Alegre.

O Pará, o Estado mais populoso da região, havia recebido o apoio dos vizinhos Amapá, Tocantins e Maranhão, que não lançaram candidaturas. Juntos, os quatro Estados somam 15 milhões de habitantes. Quase a metade, 7 milhões de habitantes, moram no próprio Pará, que tem o dobro da população do Amazonas.

Em Belém, os moradores também questionam a escolha de Natal, que fica relativamente próxima a outras três cidades-sede do Nordeste: Fortaleza, Recife e Salvador. No Rio Grande do Norte, que tem Natal como capital, são 3 milhões de habitantes

Fica uma pergunta: numa Copa já chamada “do ambiente”, por que eleger só uma cidade no Norte, que detém praticamente metade do território nacional e abriga também a Amazônia⁸³?

Em outras cidades o sucesso de suas candidaturas foi dado aos seus governantes, à influência desses, “em Cuiabá (MT), políticos afirmaram que o governador Blairo Maggi (PR) era o responsável por a cidade ter sido uma das escolhidas e, nos discursos, ‘alfinetaram’ Campo Grande (MS), adversária na disputa pela vaga de ‘sede do Pantanal’”⁸⁴. Outros aspectos que foram levados em conta para a escolha das sedes vieram à tona somente após o anúncio oficial, como o grande número de sedes no nordeste, quatro ao todo,

a escolha das quatro cidades do Nordeste entre as 12 sedes da Copa do Mundo foi quase que uma imposição da Fifa, relatam cartolas ligados à CBF. O motivo principal é a facilidade que a entidade prevê para atrair parceiros comerciais na construção das arenas. A Fifa avalia que Salvador, Natal, Recife e Fortaleza têm muitas áreas virgens para serem exploradas comercialmente e, além disso, têm proximidade maior com a Europa. Por outro lado, vai exigir dos governos destas cidades muitas melhorias em infraestrutura⁸⁵.

⁸² Cf. “Juca Kfoury”, Folha de São Paulo, 01 de junho de 2009.

⁸³ Cf. “Belém e a Copa”, Folha de São Paulo, 07 de junho de 2009.

⁸⁴ Cf. “Palanque para políticos domina festas da vitória”, Folha de São Paulo, 01 de junho de 2009.

⁸⁵ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 02 de junho de 2009.

Outras críticas também voltaram à tona, tanto por parte da mídia, como da população de uma forma geral. São elas quanto ao uso do dinheiro público na obras da Copa e na questão das prioridades do Estado em relação à população, conforme pode-se notar em algumas cartas enviadas por leitores aos jornais impressos.

Ontem, ao ver a repercussão da escolha das cidades sedes da Copa-2014, tive a certeza de que até lá, pelo menos nessas cidades, não haverá nenhuma criança fora da escola e nenhum ser humano vivendo abaixo da linha de pobreza.

Só pode ser por isso a comemoração, já que o dinheiro que vai ser gasto para receber a Copa nessas cidades poderia ser usado para melhorar a vida dos brasileiros. Acho que domingo acordei num país sem problemas sociais⁸⁶.

Teremos a Copa de 2014 no Brasil e um dos argumentos para a necessidade de essa Copa estar entre nós é que muitas obras importantes deverão ser feitas. Os transportes – Metrô, trens, avenidas — vão ter grandes investimentos, segundo o governador Serra e o prefeito Kassab, para solucionar os problemas de congestionamentos. Se há condições para as melhorias devido à Copa do Mundo, por que não se pôde fazê-las antes dela ou sem ela?⁸⁷

Apesar da relevância do tema da prioridade dos investimentos do Estado se esta ou não beneficiando diretamente a população, não nos debruçaremos sobre esse debate aqui. Nesse quesito o que mais nos interessa é com relação aos estados onde a iniciativa privada não está demonstrando interesse em investir, por não ver ali a perspectiva do retorno financeiro do investimento, sendo necessário o uso de dinheiro público nesses locais. A preocupação é menos com as prioridades de investimento do Estado e mais com relação ao futuro dessas arenas que estão sendo construídas em estados com pouca tradição na elite do futebol, muitos desses estádios podem ficar sem uso ou darem prejuízo após a Copa, seja por não terem times com tradição na elite do futebol, seja por não haver um público consumidor amplo para o consumo dos espetáculos que ali podem vir a ocorrer após a Copa. Alguns exemplos podem ajudar a ilustrar a preocupação aqui levantada. Um deles é o caso da arena construída para os Jogos Pan-Americanos na cidade do Rio de Janeiro em 2007, “palco das competições de atletismo e futebol dos Jogos Pan-Americanos do Rio, em 2007, e com capacidade para 45 mil pessoas, o estádio vê suas arquibancadas, então lotadas, amargarem

⁸⁶ Cf. “Painel do leitor”, Folha de São Paulo, 01 de junho de 2009.

⁸⁷ Cf. “Painel do leitor”, Folha de São Paulo, 02 de junho de 2009.

quase dois anos de esquecimento. Até a torcida do Botafogo, clube que arrenda e administra o estádio da Prefeitura do Rio, pouco comparece”⁸⁸.

Para a Copa, enquanto algumas cidades se preocupam com o futuro de suas arenas, como o caso de Brasília, buscando viabilizar financeiramente seu estádio no período pós Copa com medidas alternativas, “para aproveitar o novo estádio Mané Garrincha, a ser construído para a Copa do Mundo de 2014, Brasília quer receber jogos de times cariocas e paulistas. A arena terá capacidade de abrigar 71 mil pessoas e consumirá R\$ 600 milhões⁸⁹”. Por outro lado, outras cidades não levam essa questão tão a sério, “o prefeito de Cuiabá, Wilson dos Santos, ironizou as perguntas de jornalistas sobre o futuro do estádio que abrigará os jogos da Copa-2014 ao final do evento. ‘Pode virar até um jacaré branco. Isso não é problema’, repetia o prefeito, onde o grupo da cidade apresentaria seu projeto ao comitê”⁹⁰.

Mesmo com indícios de que algumas cidades e estados necessitariam de dinheiro público para construírem suas arenas, Ricardo Teixeira continuava com o discurso de que isso não ocorreria, “a CBF recomenda que não haja dinheiro público na construção ou na reforma de campos de futebol para 2014. Antes da escolha do país para o evento, o presidente Ricardo Teixeira disse que o ‘único trabalho’ dos governos seria ‘oferecer transporte público de qualidade, saúde e outras coisas’”⁹¹.

Apesar da posição oficial da CBF, empreiteiros já tinham se dado conta de que seria muito difícil a execução das obras sem o uso de dinheiro público.

Em conversas reservadas, executivos de empreiteiras envolvidas nos projetos da Copa de 2014 começam a espalhar que será impossível fazer estádios para o Mundial sem a injeção de dinheiro público. O governo federal, porém, repete reiteradas vezes que essa possibilidade é nula. Segundo Alcino Reis Rocha, da Secretaria de Futebol do Ministério do Esporte, a exceção seria o aporte de dinheiro do BNDES, mas apenas para antes da iniciativa privada envolvidos em projetos de estádios e na forma de empréstimo⁹².

No entanto, esse discurso não se sustentou por muito tempo, conforme os prazos foram apertando, houve a necessidade de se reconhecer que em determinadas cidades seria necessário o uso de dinheiro público para a construção dos estádios.

⁸⁸ Cf. “Subaproveitado, estádio do Pan do Rio recebe o apelido de ‘Vazião’”, Folha de São Paulo, 08 de junho de 2009.

⁸⁹ Cf. “Convite: Brasília quer times de outros estados em seu estádio”, Folha de São Paulo, 09 de junho de 2009.

⁹⁰ Cf. “Para Cuiabá, não importa se arena terá uso”, Folha de São Paulo, 10 de junho de 2009.

⁹¹ Cf. “Por Copa-14, Cuiabá usa até imposto”, Folha de São Paulo, 08 de julho de 2009.

⁹² Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 07 de julho de 2009.

A promessa era que o grosso do financiamento dos estádios para a Copa de 2014 seria feito com dinheiro privado. Mas Ricardo Teixeira, presidente da CBF e do comitê organizador do segundo Mundial no Brasil, declara agora que o governo terá que abrir o cofre na construção ou reforma de 9 dos 12 estádios que irão abrigar a competição daqui a cinco anos⁹³.

COMO NÃO ERA difícil de prever, recursos públicos serão consumidos na construção e reforma de estádios para as partidas da Copa do Mundo de 2014. A versão de que a iniciativa privada estaria à frente desses investimentos foi afastada por seu principal divulgador, o presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Ricardo Teixeira⁹⁴.

O fato de uma cidade/estado estar utilizando dinheiro público na construção de seu estádio, e não haver interesse da iniciativa privada nessas cidades, nos parece como um indicativo de que essa cidade não tem um público consumidor amplo e ávido o suficiente para o consumo dos espetáculos futebolísticos que ali ocorrerão após a Copa a ponto de justificar o tamanho do investimento que requer um estádio com padrões Fifa para a Copa.

Essa preocupação, teoricamente, estava presente nas entidades responsáveis pela organização do Mundial,

O comitê organizador da Copa-2014 vai exigir que as cidades-sedes apresentem até setembro seus planos de como utilizarão seus estádios após o Mundial. É uma iniciativa para coibir elefantes brancos. Autoridades acreditam que muitos projetos não terão suas capacidades preenchidas regularmente após a Copa. O temor é acentuado especialmente em cidades que não contam com times na elite nacional. O estudo será confrontado com seus projetos arquitetônicos por especialistas que irão conferir se ambos “batem”. [...] Dirigentes ligados à CBF justificam a exigência com o argumento de que os investidores não verão receitas dos estádios durante a Copa, mas antes e depois. O estudo diminuiria o risco de decepções ou até mesmo ameaças de desistências⁹⁵.

Além de ter fixado setembro como prazo para as cidades-sedes explicitarem como usarão seus estádios antes e após a Copa-2014, o comitê organizador quer ver em seus projetos ‘muito’ futebol. Gente ligada ao comitê alega que, mesmo após o Mundial, é do futebol que deve vir o grosso da receita de estádios – e que as cidades terão de mostrar como farão isso. A exigência atinge em cheio o argumento daqueles que defendem que a renda pode sair de shows, restaurantes, turismo, realização de torneios de outras modalidades etc⁹⁶.

⁹³ Cf. “Copa-14 já apela a verba pública”, Folha de São Paulo, 05 de agosto de 2009.

⁹⁴ Cf. “Bola perdida”, Folha de São Paulo, 06 de agosto de 2009.

⁹⁵ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 27 de julho de 2009.

⁹⁶ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 31 de julho de 2009.

Essa discussão, de certa maneira, influenciou na decisão de quais cidades teriam um papel de destaque como sede da Copa e quais teriam papéis secundários. Na decisão acerca de quais cidades teriam o jogo de abertura e de encerramento essa questão ficou mais clara.

2.4 – A abertura da Copa: o caso do estádio paulista.

Mesmo antes da decisão oficial da Fifa, já era senso comum que o encerramento da Copa seria no Rio de Janeiro, enquanto que a abertura seria em São Paulo. No entanto, essa decisão extra oficial não agradava outras cidades que também buscavam ter um papel de destaque na Copa, sobretudo Belo Horizonte e Brasília, que entraram na briga para ser o palco de abertura do Mundial. “Rio, Brasília, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre estão confirmadas, o que não livra paulistas, mineiros e brasilienses de outra disputa — a abertura da Copa”⁹⁷.

Por outro lado, se as três cidades competiam pela abertura da Copa, o Rio de Janeiro parecia já estar certo como palco da final do Mundial, mesmo sem qualquer pronunciamento oficial do Comitê a respeito. “São Paulo disputa com Belo Horizonte e Brasília para realizar a abertura da Copa do Mundo de 2014. O Maracanã sediará a final”⁹⁸.

A discussão em torno de qual cidade sediaria a final da Copa existiu, mas nem de longe foi tão acirrada quanto a da abertura, “os problemas em torno da candidatura do Rio para a Copa-14 já fazem cartolas paulistas sonharem também com uma final do torneio no Morumbi. O secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, está impressionado com o projeto de São Paulo e decepcionado com o fluminense”⁹⁹. O presidente do São Paulo Futebol Clube, Juvenal Juvêncio, não deixou por menos, “o fato é que ninguém fez nada até agora, só a gente. Pelo que eu sei, o Maracanã é inviável. Tem que implodir e deixar só a carcaça”¹⁰⁰.

Se Brasília disputava com São Paulo para ter a abertura da Copa de 2014, agora quer duelar com o Rio também pela final. ‘O governo do DF tem feito fortes investimentos no futebol. Aqui estão as embaixadas, o centro do poder. Queremos a abertura da Copa e a final’, falou Aguinaldo Silva de Oliveira, secretário de Esporte de Brasília¹⁰¹.

⁹⁷ Cf. “CBF, Fla e Flu ‘privatizam’ Maracanã”, Folha de São Paulo, 14 de out. de 2008.

⁹⁸ Cf. “Só Morumbi é incluído no projeto de SP”, Folha de São Paulo, 01 de out. de 2008.

⁹⁹ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 27 de dez. de 2008.

¹⁰⁰ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 28 de dez. de 2008.

¹⁰¹ Cf. “Brasília quer fazer partida inaugural e final da Copa” Folha de São Paulo, 19 de março de 2009.

No entanto, essa certeza de que a final da Copa seria no Maracanã, apesar da importância desse estádio para o país, já que foi palco da final da primeira Copa do Mundo realizada no Brasil em 1950, oportunidade na qual o Brasil perdeu para o Uruguai, parece também ter sido fruto de uma aliança entre políticos. “O [governador de São Paulo, José] Serra (PSDB), ao lançar o Rio como sede da final, praticamente colocou São Paulo na abertura, inviabilizando as outras cidades’, afirmou o mandatário da CBF”¹⁰². E

O governador do Rio, Sérgio Cabral, formalizou o apoio do Estado à candidatura paulista para receber o jogo de abertura da Copa-14. Em troca, o paulista José Serra também apoiará o Rio para receber o jogo final. A troca de afagos, politicamente, tem um alvo: o governador de Minas Gerais, Aécio Neves, que também quer o jogo de abertura e é possível adversário de Serra no PSDB para concorrer à presidência pelo partido¹⁰³.

Fechando de uma vez o acordo, “na ausência de Aécio Neves (MG), rival dos paulistas por jogo da Copa-14, Sérgio Cabral (RJ) disse que está acordado entre ele, José Serra e ‘o povo brasileiro’ que o melhor é ter a abertura em São Paulo e a final no Rio”¹⁰⁴.

Apesar de a decisão não ter sido oficializada pelo COL, e mesmo da indefinição deste, ao menos oficialmente, na escolha do palco da abertura, políticos não mediam suas palavras para afirmar o que, para eles, já estava decidido, “os locais da abertura e da final da Copa-2014 só serão definidos em 2010, após a final do Mundial da África do Sul. Foi o que explicou o presidente da CBF, Ricardo Teixeira. ‘Será feito tecnicamente, após a Copa de 2010’, afirmou o cartola, que desmentiu que já exista até uma definição da final, no Rio de Janeiro”¹⁰⁵.

Ao lado do presidente da Fifa, Joseph Blatter, o governador José Serra afirmou ontem que é “praticamente certo” que a cidade de São Paulo receba o jogo de abertura da Copa-14. [...] Ricardo Teixeira, disse que a Fifa escolherá as cidades. Mas, depois, o comitê pode definir que jogos cada cidade abrigará. ‘A medida em que as coisas ocorrerem, o comitê, preposto da Fifa, decidirá o que for mais conveniente. Vocês conhecem São Paulo e seu poderio. Deve ser uma das sedes, mas não há nada sobre a abertura’¹⁰⁶.

Apesar da indefinição do COL, a mídia também já dava o assunto como resolvido, “SÃO PAULO receberá o jogo de abertura da Copa do Mundo de 2014 [...]. É o que, ao

¹⁰² Cf. “Teixeira veta 2º estádio em SP para Copa-2014”, Folha de São Paulo, 18 de out. de 2008.

¹⁰³ Cf. “Painel FC”, 01 de out. de 2008.

¹⁰⁴ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 22 de nov. de 2007.

¹⁰⁵ Cf. “Sedes de abertura e final só serão anunciadas em 2010”, Folha de São Paulo, 01 de junho de 2009.

¹⁰⁶ Cf. “Serra declara ser quase certa a abertura da Copa em SP” 29 de jan. de 2009.

menos, mais de uma fonte envolvida com a organização do evento tem deixado claro”¹⁰⁷. Mesmo assim, Brasília e Belo Horizonte não desistiam da ideia de ser palco da abertura do Mundial e continuavam a fazer lobby nesse sentido. “O mineiro Aécio Neves planeja convidar governadores de todos os Estados para uma recepção antes do jogo entre Brasil e Argentina, no Mineirão. É parte da candidatura de Belo Horizonte à subsede da Copa-14”¹⁰⁸ e “mais do que receber em Belo Horizonte o jogo de abertura da Copa de 2014, o governador de Minas Gerais, Aécio Neves (PSDB), vai trabalhar politicamente para fazer da capital mineira a sede da seleção brasileira na primeira fase do Mundial”¹⁰⁹.

A disputa para ser uma cidade protagonista na Copa, abrigando os jogos mais importantes, estava entre quatro cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, basicamente devido ao poder econômico dessas cidades e a importância do futebol dessas no cenário nacional. Apesar de Brasília não ser uma cidade que tenha uma forte tradição futebolística no cenário nacional, o governo do Distrito Federal estava disposto a investir forte para poder figurar entre as principais sedes na Copa, conta a seu favor também a boa infra-estrutura da cidade e o local privilegiado da localização de seu estádio.

No entanto, levando-se em conta os quesitos acima, não há a possibilidade de a cidade de São Paulo não ter uma posição de destaque na Copa, seja pela sua importância econômica, o maior PIB entre as cidades brasileiras¹¹⁰, e um dos principais, se não o principal, palco das disputas futebolísticas nacionais, com uma grande massa de consumidores desse espetáculo. Dessa forma, o que justifica a indecisão da Fifa e da CBF quanto a cidade de abertura da Copa é uma disputa política interna, visto que a rejeição ao estádio do Morumbi, estádio do São Paulo Futebol Clube, como palco da Copa é grande, “a Copa de 2014 já experimenta sua primeira crise. São Paulo, ou mais precisamente o estádio do Morumbi, é alvo de uma disputa em público técnica, mas evidentemente política nos bastidores. O maior estádio privado do país, até então favorito a receber a abertura do Mundial, pode perdê-la e, mais, deixar até de ser sede”¹¹¹.

O estádio do Morumbi foi o que causou sempre maior polêmica entre os estádios candidatos a sediar os jogos do Mundial. Ora era visto como o melhor projeto, ora era o mais criticado. Pode-se dizer que alguns problemas técnicos do estádio eram o que suscitava essa disputa política pela abertura da Copa, mas por outro lado, conforme as matérias noticiadas na

¹⁰⁷ Cf. “São Paulo abre a Copa” 26 de jan. de 2009.

¹⁰⁸ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 03 de julho. de 2008.

¹⁰⁹ Cf. “Aécio trabalha para ter seleção no Mundial” Folha de São Paulo, 03 de julho de 2009.

¹¹⁰ Cf. “http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=354”, acessado em 07 de maio de 2011.

¹¹¹ Cf. “Copa-2014 experimenta sua primeira crise, em SP”, Folha de São Paulo, 03 de junho de 2009.

mídia, parece que os problemas técnicos eram levantados justamente devido à forte pressão política que sofria o Morumbi. “Os problemas técnicos viraram munição para desencadear duas disputas políticas. Uma, mais ampla, que diz respeito à corrida de São Paulo, Belo Horizonte e Brasília para abrigar o jogo de abertura do Mundial e o Congresso da Fifa. Outra, doméstica, em que há pressão para que se construa uma nova arena na capital paulista”¹¹².

Quando o governo anunciou, com o aval da Fifa e da CBF, que haveria dinheiro público para a construção de alguns estádios, inclusive para o financiamento de arenas privadas, houve uma preocupação do próprio governo em reduzir o custo das arenas. “Os cofres públicos estão abertos para as reformas de estádios que abrigarão a Copa de 2014. Como consequência, o governo federal e o BNDES iniciaram pressões por reduções de custos nos projetos dos Estados. Tentam inverter uma tendência de alta nos gastos”¹¹³.

O governo questionou alguns quesitos dos projetos de reforma dos estádios que, segundo ele, não havia necessidade em alguns estádios, “‘Fizemos recomendação explícita para que as sedes fizessem revisão dos projetos, buscando fazê-los mais baratos’, reafirmou o ministro Orlando Silva Jr., ao informar que os 12 estádios da Copa-2014 têm custo de R\$ 5 bilhões”¹¹⁴. Alguns quesitos, considerados pelo governo como requintados demais ou até mesmo desnecessários em alguns estádios, foram os mais questionados. Como o caso das coberturas. “A função principal delas é evitar que os torcedores se molhem em dias de chuva. Mas, com projetos rebuscados e caros, viraram alvo preferencial de quem defende corte nos custos dos estádios para a Copa de 2014. As coberturas das arenas — todos os 12 estádios escolhidos para o Mundial projetaram uma — estão na berlinda”¹¹⁵.

Na contramão dos conselhos do governo o preço nas reformas dos estádios só crescia, buscando se adequar as normas da Fifa. “Em dois anos, sem que os estádios tenham passado de conversas e uns rabiscos, o custo médio das obras já passou dos R\$ 167 milhões, constantes do plano de candidatura entregue à Fifa e aqui divulgado, para R\$ 400 milhões por estádio”¹¹⁶.

No entanto, apesar dos conselhos do próprio governo, e recomendações do COL, esses gastos não parecem influenciar de forma negativa nas decisões do comitê. Visto que Brasília – apesar de ter um dos projetos mais caros, financiado com dinheiro público, sem uma perspectiva de retorno financeiro com o estádio, continuava na briga para ser sede da abertura

¹¹² Cf. “*Copa-2014 experimenta sua primeira crise, em SP*”, Folha de São Paulo, 03 de junho de 2009.

¹¹³ Cf. “*CBF, agora, admite Copa mais barata*”, Folha de São Paulo, 07 de agosto de 2009.

¹¹⁴ Cf. “*Preço: ministro muda discurso e diz que estádios da Copa custam R\$5 bi*”, Folha de São Paulo, 08 de agosto de 2009.

¹¹⁵ Cf. “*Requintada e cara, cobertura vira maior alvo*”, Folha de São Pulo, 07 de agosto de 2009.

¹¹⁶ Cf. “*Jânio de Freitas*”, Folha de São Paulo, 11 de agosto de 2009.

do Mundial, com um projeto de estádio que certamente não condiz com a realidade do cenário futebolístico dessa federação.

Um outro problema se apresentava no caso de Brasília: a recusa dos clubes locais em adotar o novo estádio Mané Garrincha, que passaria a ser chamado Estádio Nacional, como sua casa, e mesmo que o fizessem a média de público nos jogos desses times é muito menor que a capacidade do estádio,

‘O problema é que os clubes dizem que o Mané Garrincha é neutro e que seus estádios são caldeirões’, diz o secretário de Esportes, Aguinaldo de Jesus. O Estado já bancou a reforma do Bezerrão (R\$ 55 milhões), que ficou com o Gama. O Brasiliense atua na sua casa, a Boca do Jacaré, que deverá receber dinheiro público para ser CT na Copa. Os clássicos locais atraem cerca de 10 mil pessoas¹¹⁷.

Brasília ao não fazer parte da elite futebolística nacional se apoiava em sua infraestrutura e na reforma do seu estádio, que até o momento se apresentava como a mais cara de todos da Copa no Brasil.

Um caso de discrepância é a reforma do Mané Garrincha (Brasília), cuja previsão é de R\$ 740 milhões de recursos públicos (o estádio é do governo do DF). O valor representa pouco menos do que foi orçado para construir dois novos estádios, em Cuiabá (R\$ 440 milhões) e Manaus (R\$ 400 milhões)¹¹⁸.

Por outro lado, o Morumbi, estádio que apresenta um dos menores custo de reforma entre os estádios para a Copa, e busca por investidores privados para realizar a reforma, é um dos projetos mais criticados pela Fifa e pelo COL e corre um grande risco de ficar de fora do Mundial. “A estimativa para erguer um estádio em Natal é de R\$ 309 milhões, valor pouco maior do previsto para a reforma no Morumbi (R\$ 300 milhões). As reformas do Beira-Rio, em Porto Alegre, e da Arena da Baixada, em Curitiba, são as mais baratas: R\$ 150 milhões e R\$ 138 milhões, respectivamente”¹¹⁹. Curioso, e heurístico deste trabalho, é o fato de que os três estádios que apresentam os projetos com os menores valores são estádios privados e que buscam por investidores privados para arcarem com suas reformas.

Os estádios privados, com seus investidores privados, reconhecem a dificuldade em cumprir todas as exigências da Fifa e buscam otimizar ao máximo os seus investimentos para que esses se transformem em lucros e não em prejuízos no futuro. “Segundo o presidente do

¹¹⁷ Cf. “*Clubes rejeitam estádios da Copa-14*”, Folha de São Paulo, 27 de agosto de 2009.

¹¹⁸ Cf. “*Reforma no DF equivale a dois estádios novos*” Folha de São Paulo, 26 de agosto de 2009.

¹¹⁹ Cf. “*Reforma no DF equivale a dois estádios novos*” Folha de São Paulo, 26 de agosto de 2009.

São Paulo, Juvenal Juvêncio, o projeto para atender ao caderno de encargos da Fifa é ‘árido e penoso e não pode ser tratado com pirotecnia’. Mas que, em um ano, ele conseguiria cumprilo. ‘Não tem obras. As intervenções serão pequenas aqui’¹²⁰.

A preocupação do governo com a construção de estádios que se adequem à realidade de suas cidades e que sejam viáveis financeiramente, principalmente após a Copa, aparece em uma entrevista do Ministro do Esporte, Orlando Silva Jr., ao Jornal Folha de São Paulo, “Defendo que a modéstia seja o padrão para a preparação dos estádios. Assim, não teremos riscos de elefantes brancos, de estádios enormes com utilização uma vez por ano. É preciso levar em conta o perfil de cada cidade sob o ponto de vista do futebol”¹²¹.

Dessa forma, o baixo valor do custo da reforma do Morumbi em comparação com outras arenas no país era visto como uma vantagem para o estádio do São Paulo. Mas, como dito acima, ora o Morumbi era visto como uma vantagem, e suas qualidades eram exaltadas, ora ele era uma desvantagem e suas deficiências eram exaltadas.

Apesar de o São Paulo propalar que o Morumbi é o único estádio brasileiro hoje em condições de receber a Copa-14, ele foi considerado por inspetores da Fifa que vieram ao Brasil como o calcanhar-de-aquiles entre as arenas do país. Julgaram o estádio ultrapassado para abrigar o jogo de abertura do Mundial. Além disso, a estrutura atual não permite que mudanças drásticas sejam feitas para melhorar a acomodação do público. Os inspetores da entidade retornarão ao país para novas avaliações em janeiro de 2009¹²².

No início da campanha brasileira pela Copa-14, o Morumbi era visto pela CBF como estádio obsoleto e que precisaria ser demolido. Agora, o comitê que cuida da candidatura do Estado à subsede aponta a casa são-paulina como trunfo em relação à maioria dos concorrentes. Isso porque o investimento exigido para reformá-lo é menor do que para construir um estádio. A avaliação é que arrumar cerca de R\$ 300 milhões para erguer uma arena sem dinheiro do governo é impossível em tempos de crise¹²³.

As informações eram desencontradas e as diferentes entidades envolvidas no episódio questionavam a afirmação umas das outras. “Cartolas são-paulinos afirmaram achar estranho o fato de inspetores da Fifa considerarem o Morumbi ultrapassado para a Copa de 2014. Relatam que, quando estiveram no estádio, os mesmos ficaram impressionados com as instalações do local”¹²⁴.

¹²⁰ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 19 de set. de 2008.

¹²¹ Cf. “Entrevista”, Folha de São Paulo, 22 de julho de 2009.

¹²² Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 19 de set. de 2008.

¹²³ Cf. “Comitê paulista considera custo da reforma uma vantagem”, Folha de São Paulo, 23 de jan. de 2009.

¹²⁴ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 21 de set. de 2008.

Buscando apoio para o seu estádio na Copa, os dirigentes do São Paulo se aliaram a um de seus grande arqui-rival, a Sociedade Esportiva Palmeiras. Enquanto os dirigentes do Palmeiras apoiavam o estádio do Morumbi como o palco para a abertura a Copa, os dirigentes do São Paulo apoiavam que a cidade de São Paulo poderia ter mais de um estádio como palco dos jogos, assim a arena do Palmeiras, que passa por reformas, poderia receber alguns jogos. “A diretoria do São Paulo voltou a manifestar apoio ao Palmeiras para a arena do rival receber jogos da Copa-14. Acredita ser possível uma mesma sede ter dois estádios, apesar de o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, dizer que só haverá uma”¹²⁵. Mas, tanto antes de haver um acordo entre ambos como depois do acordo, a relação não foi totalmente pacífica, “palmeirenses apostam que o São Paulo não terá dinheiro para reformar o Morumbi. E o Parque Antártica herdará o seu lugar na Copa-2014, com a partida de abertura indo para outro Estado, com arena maior. Os são-paulinos respondem que é o rival quem não tem dinheiro para reformar o próprio estádio”¹²⁶. Em meio as críticas que o estádio do Morumbi sofria o clube buscava fortalecer seus apoios políticos para continuar como sede de São Paulo para o Mundial, mesmo que concordando com a ideia de um segundo estádio na cidade de São Paulo. “O São Paulo, que teve seu projeto de estádio para a Copa criticado pela Fifa, já defende a ideia de o município contar com duas sedes para o Mundial-2014. Uma delas seria o Morumbi”¹²⁷.

Não era só o Palmeiras que mantinha uma relação bastante instável com o São Paulo com relação ao estádio que deveria ser sede da Copa. A Federação Paulista de Futebol (FPF) também mantinha uma relação bastante conflituosa. Apoiando publicamente o estádio do São Paulo, enquanto que nos bastidores o criticava. “Por meses, dirigentes do São Paulo e o presidente da FPF, Marco Polo Del Nero, mantiveram as aparências enquanto duelavam nos bastidores. Em seguida, escancarou sua mágoa, que passa pela certeza de que a federação não quer o Morumbi na Copa-14 e por uma suposta simpatia da entidade com o Palmeiras, do qual Del Nero é conselheiro”¹²⁸.

As disputas políticas e críticas ao Morumbi interessavam a muitos, inclusive, ao próprio Palmeiras, “José Cyrillo Jr., diretor de planejamento palmeirense, comemora a crise entre São Paulo e a FPF. Acredita que, assim, aumenta a chance de a arena do Palmeiras, que ainda está no papel, receber jogos da Copa-14”¹²⁹. As críticas ou elogios aos projetos de

¹²⁵ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 21 de set. de 2008.

¹²⁶ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 28 de abril de 2008.

¹²⁷ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 10 de junho de 2008.

¹²⁸ Cf. “*Caso expõe rixa São Paulo X FPF*”, Folha de São Paulo, 08 de dez. de 2008.

¹²⁹ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 12 de junho de 2009.

reforma do estádio, assim como em relação a outros sucessos e insucessos dos clubes, muitas vezes, eram interpretados na imprensa como a capacidade, ou incapacidade, dos dirigentes dos clubes em formar alianças políticas, “JUVENAL JUVÊNCIO exagerou. [...] O resultado está aí: futebol abandonado, o tetra da Libertadores ficou mais uma vez adiado e, se duvidar, o Morumbi verá a Copa por um binóculo, tantos são os interessados em minar o projeto tricolor, o Corinthians, com a CBF, inclusive. E o Palmeiras, é claro, não é aliado, ao contrário”¹³⁰.

Dessa forma, o São Paulo buscava apoio político em outras esferas, “bombardeado por críticas da Fifa ao projeto do Morumbi para Copa-2014, o São Paulo buscou apoio do governo federal para seu estádio. Com dois ministros ao seu lado, a diretoria do clube rebateu ataques e atirou contra outros Estados, mas admitiu pequenos ajustes”¹³¹.

Apesar das várias críticas ao projeto de reforma do Morumbi, esse foi o estádio escolhido, por políticos, para representar a cidade de São Paulo na Copa. A CBF, que frequentemente criticava o Morumbi, e se esforçava para que os políticos da cidade acatassem a ideia da construção de um novo estádio – “a CBF voltou a sinalizar para autoridades de São Paulo, desta vez com mais ênfase, que a Fifa deverá rejeitar o estádio do Morumbi para a Copa de 2014. O plano de reforma apresentado pelo São Paulo FC é considerado insuficiente. A alternativa da prefeitura é construir um estádio na zona norte da cidade”¹³² – alguns dias depois ratificou a decisão dos políticos.

O Morumbi será o único estádio em São Paulo que receberá jogos da Copa do Mundo de 2014. A proposta foi apresentada ontem aos diretores do comitê organizador do Mundial e da Fifa por políticos paulistas. O caderno de encargos já limitava os jogos a um estádio por cidade. Assim, o Pacaembu e o Parque Antártica foram citados como arenas para abrigar os treinos das seleções que jogarem na cidade. Os CTs do São Paulo e do Palmeiras também foram incluídos com esse objetivo¹³³.

O presidente da CBF, Ricardo Teixeira, sinalizou ontem que o Morumbi será o único estádio de São Paulo em que haverá jogos da Copa de 2014. Com isso, Teixeira deixou mais distante o sonho de outros dirigentes que sonham em emplacar suas arenas no Mundial¹³⁴.

O anúncio da CBF desapontou outros clubes e entidades que tinham interesse na construção de um novo estádio, ou, no caso do Palmeiras, por exemplo, que mais de um estádio pudesse ser usado na cidade. O descontentamento com relação à indicação do

¹³⁰ Cf. “Juca Kfourri”, Folha de São Paulo, 21 de junho de 2009.

¹³¹ Cf. “Morumbi se escora no governo e só faz ajustes”, Folha de São Paulo, 06 de junho de 2009.

¹³² Cf. “Painel FC”, 28 de maio de 2009.

¹³³ Cf. “Só Morumbi é incluído no projeto de SP”, 01 de out. de 2008.

¹³⁴ Cf. “Teixeira veta 2º estádio em SP para a Copa-2014”, Folha de São Paulo, 18 de out. de 2009.

Morumbi para a Copa era tanto, que mesmo antes da oficialização do Morumbi como estádio de São Paulo, as sugestões para que houvesse mais de um estádio na cidade eram frequentes, mesmo que o Caderno de Encargos da Fifa previsse apenas um estádio por cidade.

O comitê paulista para a Copa-2014 não encara como definitiva a declaração do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, de que cada sede do Mundial usará somente um estádio. Alega que o contrato da Fifa feito para o torneio prevê alterações. [...] O secretário municipal de Esporte, Walter Feldman, afirma que ‘sempre haverá a perspectiva de um novo estádio para ser usado em São Paulo. Já conversei com o Ricardo Teixeira sobre isso’. Mas ressalta que o Morumbi é o estádio paulista para a Copa¹³⁵.

Feldman ainda não desistiu de reformar o Pacaembu para a Copa de 2014. Nesse caso, o Corinthians, que por ora é contra a ideia, ficaria com o estádio por mais tempo, pois as obras seriam mais caras¹³⁶.

Até mesmo o próprio São Paulo, antes da indicação oficial de que o Morumbi seria o estádio para a Copa, defendia essa ideia.

O mais importante [dentre os acordos entre São Paulo e Palmeiras], no entanto, é o apoio mútuo para que seus estádios possam abrigar partidas do Mundial no Brasil. Mesmo após o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, dizer que cada sede da Copa terá apenas um estádio, os são-paulinos tem lembrado com insistência que outras cidades, como Paris, em 1998, e Johannesburgo, que são menores do que a capital paulista e tiveram, no caso da cidade francesa, e terão, no da cidade sul-africana, o uso de mais de uma arena.

Em contrapartida, os palmeirenses estão dando apoio ao Morumbi para receber a partida de abertura do Mundial¹³⁷.

O fato de o Morumbi ter sido escolhido, até então, como o palco da Copa na cidade de São Paulo e provável palco da abertura do evento parece ter sido mais, segundo a imprensa, pela influência política do que pelas qualidades do estádio, mesmo não havendo outro estádio em São Paulo com as proporções e estrutura do Morumbi.

O trânsito nas esferas municipal e estadual foi decisivo para o São Paulo reverter a opinião de Ricardo Teixeira, o presidente da CBF, sobre o estádio paulistano para a Copa de 2014. O cartola era contra o Morumbi. Mas o clube montou uma ampla aliança para apoiar a sua arena, que acabou indicada para a competição, o que vai facilitar a obtenção de recursos para a sua **modernização**¹³⁸ (grifo meu).

¹³⁵ Cf. “Painel FC”, 12 de set. de 2008.

¹³⁶ Cf. “Painel FC”, 11 de jan. de 2009.

¹³⁷ Cf. “São Paulo e Palmeiras fazem ‘cala boca’”, Folha de São Paulo, 14 de out. de 2008.

¹³⁸ Cf. “O mundo (im)perfeito do Morumbi”, Folha de São Paulo, 30 de nov. de 2008.

Talvez, justamente por esse fato, as críticas e cobranças mais severas ao estádio vieram após o anúncio de que ele fora o escolhido como palco de São Paulo na Copa. Como forma de ganhar apoio ao seu projeto, o São Paulo convidou o então presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, para visitar o estádio. Lula deu apoio ao projeto do Morumbi para a Copa, o que, inclusive, amenizou as críticas ao estádio, até mesmo por parte da CBF.

Lula e Ricardo Teixeira conversaram na semana passada sobre o Morumbi pela primeira vez desde que o presidente visitou o estádio para prestar seu apoio a ele como cenário da Copa de 2014. O presidente da CBF informou a Lula que os técnicos do comitê organizador do Mundial ficaram satisfeitos com o projeto do Morumbi, já modificado, que receberam. O presidente da República recebeu com contentamento a informação sobre o estádio, que meses atrás era alvo de críticas disparadas das mais diversas direções¹³⁹.

Por outro lado, um outro ator ressurgiu no horizonte, o Corinthians começa a demonstrar interesse em construir um estádio próprio, com o argumento de que o estádio que se pretende construir não é para a Copa, mas sim para os torcedores. O Corinthians já tinha sido alvo de comentários irônicos de alguns políticos, o que podia demonstrar, entretanto, que já havia algum projeto de estádio com a iniciativa do clube. O então governador de São Paulo, José Serra, ao defender o estádio do Morumbi na Copa, questiona em tom irônico, “Não é viável construir outro estádio na cidade. Quem vai construir, o Corinthians?”¹⁴⁰,

No entanto, a imprensa passa a noticiar alguns encontros entre o presidente do Corinthians, Andres Sanchez, e o presidente Lula, torcedor do Corinthians. Segundo as notícias, Sanchez solicita apoio de Lula para conseguir viabilizar a construção do estádio do Corinthians.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva admitiu ontem ter conversado com a diretoria do Corinthians a respeito da construção do estádio do clube, mas negou que tivesse indicado empreiteiras para os cartolas. [...] Quando a diretoria do clube o procurou com um ‘projeto de estádio para a Copa do Mundo’, teria sugerido que contatasse uma empresa, para a construção, bancos, para o financiamento, e que apresentasse um ‘projeto sério’ e ‘garantias concretas’¹⁴¹.

O comportamento de Andres Sanches em eventos públicos também demonstrava que a ideia do Corinthians em construir um estádio estava amadurecendo. Por outro lado, se o estádio do Corinthians fosse ser utilizado na Copa do Mundo, o que a diretoria negava, seria

¹³⁹ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 12 de agosto de 2009.

¹⁴⁰ Cf. “Serra contraria Fifa e defende Morumbi”, Folha de São Paulo, 09 de julho de 2009.

¹⁴¹ Cf. “Lula nega indicação de empresa ao Corinthians” Folha de São Paulo, 11 de julho de 2009.

mais fácil de se conseguir um financiamento e algum investidor disposto à bancar a construção do estádio. Mas para que o estádio do Corinthians fosse realmente sede na Copa, o estádio do Morumbi teria que perder a sua vaga. Sanchez, então, passou a questionar publicamente o estádio do Morumbi. No início de forma mais amena e geral, “Hoje, em São Paulo, não há nenhum estádio que possa abrigar a Copa. O Morumbi sai na frente, mas não está pronto como o Juvenal [presidente do São Paulo] fala”¹⁴². Com o tempo as críticas foram ficando mais severas e direcionadas, “o Morumbi não deve receber jogos da Copa. Pelo custo para adequar o Morumbi para a Copa, será mais fácil erguer uma outra arena”¹⁴³. Até chegar ao ponto de ter certeza de que o Morumbi não seria sede da Copa, mesmo após o anúncio da CBF. “Nas rodinhas formadas, o presidente corintiano, Andres Sanchez, fazia críticas ao projeto do Morumbi. Chegou até a dizer, quando o prefeito Gilberto Kassab cumprimentou Juvenal Juvêncio, que ‘não adianta ficarem juntos, o Morumbi não vai’”¹⁴⁴.

Concomitantemente às declarações de Sanchez, aumentaram as críticas ao estádio do Morumbi, advindas de diferentes entidades. Havia, porém, o reconhecimento de que todas as cidades-sedes apresentavam problemas com seus projetos e que deveriam investir muito em melhorias.

Foi consenso entre cartolas da Fifa em Nassau que nenhuma das 12 cidades escolhidas têm projetos sólidos para a Copa-14. Na verdade, a entidade avalia todos como superficiais e fará, a partir do congresso técnico do próximo dia 8, no Rio, cobranças periódicas sobre as estruturas. O principal problema é a viabilidade financeira dos estádios. O presidente da Fifa, Joseph Blatter, deu a palavra ao presidente Lula que não precisará de dinheiro público e que a própria entidade ajudará as cidades a encontrar parcerias no estádios¹⁴⁵.

Por outro lado, buscando dar garantias à Fifa de que podiam arcar com as melhorias pretendidas, governos municipais e estaduais se comprometiam com obras e melhorias muitas vezes fora da realidade.

A comparação do que as cidades escolhidas para a Copa pretendem gastar em obras para o evento com suas realidades financeiras é enorme. Algumas planejam obras que vão custar muito mais que os orçamentos de um ano de suas prefeituras. Manaus, por exemplo, projeta investir R\$ 6 bilhões visando o Mundial, ou quase três vezes seu orçamento em 2009. Fortaleza fala em R\$ 9 bilhões para a Copa, contra R\$ 3 bilhões de sua peça orçamentária¹⁴⁶.

¹⁴² Cf. “Almoço da paz vê troca de farpas de presidentes”, Folha de São Paulo, 30 de maio de 2009.

¹⁴³ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 14 de junho de 2009.

¹⁴⁴ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 03 de junho de 2009.

¹⁴⁵ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 01 de junho de 2009.

¹⁴⁶ Cf. “MATEMÁTICA: Previsão de gastos superam orçamentos das cidades”, Folha de São Paulo, 01 de junho de 2009.

A preocupação quanto à questão financeira era grande, principalmente com relação aos estádios. Os estados que não conseguiam encontrar parceiros privados para investir na construção ou reforma dos estádios já admitiam o uso de verba pública. “Sem apresentar nenhum parceiro privado, os quatro primeiros Estados [Amazonas, Ceará, Rio Grande do Norte e Minas Gerais] sabatinados pela Fifa admitiram abrir os cofres públicos para bancar a construção dos seus estádios para a Copa do Mundo de 2014”¹⁴⁷. Mesmo assim, outra questão continuava intrigando os responsáveis pela organização da Copa, pelo menos nos discursos: como se daria a viabilidade econômica de alguns desses estádios após a realização da Copa.

Uma das saídas pretendidas pelos governos não parecia animar muito os “beneficiários” dela. Governos visavam que alguns desses estádios pudessem virar a “casa” de clubes das cidades.

De um lado, governos estaduais contando com jogos de clubes nos estádios que serão erguidos para a Copa de 2014. Do outro, os clubes batendo o pé, alegando que é mais vantajoso continuar em suas arenas. No meio, o risco do surgimento de elefantes brancos país afora. Já ocorre em pelo menos três sedes escolhidas para o Mundial: Brasília, Recife e Salvador¹⁴⁸.

Por outro lado, governos estaduais faziam contas mirabolantes buscando convencer a Fifa da viabilidade econômica de seus futuros estádios. “No estudo de projeção de demanda do estádio para 2014, Pernambuco estima que o campo pode render com camarotes, cadeiras e pacotes de jogos um valor muito acima do mercado brasileiro [até R\$ 86 milhões por ano]. Um dos estádios mais rentáveis do país, o Morumbi faturou R\$ 8,9 milhões com camarotes em 2008”¹⁴⁹.

Até mesmo o Maracanã, um dos principais, se não o principal estádio do Brasil, passava por dificuldades para fechar um acordo de concessão entre a construtora responsável pela reforma do estádio e os clubes do Rio de Janeiro, no caso Flamengo e Fluminense, que deveriam adotar o novo Maracanã como sua “casa”. “O principal projeto para reformar o Maracanã para a Copa-2014 ficou comprometido por conta de discordâncias entre o Flamengo e a multinacional IMG. Assim, complica-se a idéia do governo estadual do Rio de

¹⁴⁷ Cf. “*Sedes expõem planos sem parceiros privados*”, Folha de São Paulo, 20 de agosto de 2009.

¹⁴⁸ Cf. “*Clubes rejeitam estádios da Copa-14*”, Folha de São Paulo, 27 de agosto de 2009.

¹⁴⁹ CF. “*Pernambuco prevê que arena pode faturar até R\$ 86mi/ano*”, Folha de São Paulo, 27 de agosto de 2009.

Janeiro de cedê-lo a gestão da iniciativa privada, que bancaria a remodelação”¹⁵⁰. “No pior cenário, sem vencedor da licitação, os cofres públicos arcarão com toda a despesa”¹⁵¹.

O pior dos cenários se concretizou, no caso do Maracanã, não houve um projeto da iniciativa privada para bancar a obra, além do mais, o valor da reforma, devido ao aumento das exigências da Fifa, passou de R\$ 1 bilhão, o que certamente dificultaria um retorno do capital investido caso esse fosse feito pela iniciativa privada.

Sete meses depois de licitar a reforma do Maracanã por R\$ 705 milhões, o governador do Rio, Sérgio Cabral (PMDB), admitiu ontem que as obras no palco da final do Mundial de 2014 podem custar cerca de 50% a mais. Assim, o novo Maracanã custará quase R\$ 1,1 bilhão.[...]
O BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) vai financiar a reforma do estádio. O banco estatal investirá até R\$ 400 milhões na obra. Se o Estado do Rio de Janeiro não respeitar o orçamento, corre o risco de ficar sem a verba federal. Por enquanto, o governo estadual está arcando com os custos da empreitada¹⁵².

Da mesma forma que as exigências da Fifa encareceram demasiadamente o estádio do Maracanã, palco da final da Copa, exigências semelhantes eram feitas ao estádio do Morumbi, palco da abertura da Copa. No entanto, para manter o seu projeto viável economicamente, o São Paulo não podia, nem tinha condições, de arcar com todas as reformas exigidas pela Fifa. E até mesmo políticos reconheciam isso. “Apesar de críticas da Fifa ao Morumbi, o governador de São Paulo, José Serra, está certo de que o estádio será o palco da abertura da Copa de 2014. ‘As exigências terão que ser atenuadas’, disse Serra”¹⁵³.

Analisando as reformas exigidas pela Fifa e o contexto do São Paulo, com relação ao público pagante em seus jogos, compreende-se um pouco melhor a dificuldade em se cumprir todas as exigências da Fifa sem comprometer as finanças do clube, uma vez que o São Paulo, proprietário do Morumbi, não tinha a intenção de ceder o seu estádio para uma possível empresa privada que viesse a investir na reforma do mesmo. Apesar de ser um dos estádios mais rentáveis do país¹⁵⁴, mesmo tendo um dos ingressos mais caros, “segundo dados da CBF, os dois estádios [Parque Antártica e Morumbi] são os mais caros para o torcedor no país. Neste Brasileiro, o ingresso médio na arena palmeirense está em R\$ 28,3. No Morumbi, fica em R\$ 21,2”¹⁵⁵, o São Paulo via a sua média de público decrescer nos últimos anos¹⁵⁶.

¹⁵⁰ Cf. “Flamengo recua e projeto do novo maracanã trava”, Folha de São Paulo, 21 de nov. de 2008.

¹⁵¹ Cf. “Um Maracanã de distorções”, Folha de São Paulo, 23 de maio de 2009.

¹⁵² Cf. “Reforma no Maracanã deve custar quase R\$ 1,1 bilhão”, Folha de São Paulo, 18 de março de 2001.

¹⁵³ Cf. “Serra contraria Fifa e defende Morumbi”, Folha de São Paulo, 09 de julho de 2009.

¹⁵⁴ Cf. “Pernambuco prevê que arena pode faturar até R\$ 86mi/ano”, Folha de São Paulo, 27 de agosto de 2009.

¹⁵⁵ Cf. “Estádios da elite são alçapões no Brasileiro”, Folha de São Paulo, 04 de nov. de 2008.

Na contramão da exigência de capacidades gigantescas para estádios que abrigarão jogos da Copa-2014, especialmente o de abertura (mínimo de 60 mil lugares), cartolas do São Paulo assistem ao nível de ocupação do Morumbi minguar ano a ano, segundo números da Federação Paulista de Futebol. Na última edição do Estadual, o índice registrado pelo clube tricolor foi de 22%, ou cerca de 15 mil pessoas. Em 2008, havia sido de 24% e, em 2007, de 28%. A capacidade estimada do Morumbi é de 70 mil lugares¹⁵⁷.

A imprensa acusava a preocupação que as sedes deveriam ter ao elaborar o seu projeto de reforma, elogiando, inclusive a postura do São Paulo.

Planos de investimento responsáveis devem pensar no seu retorno. O estádio do Morumbi tem o conteúdo de eventos esportivos e de lazer que já garantem o retorno do investimento financeiro que será feito. É necessário ter em mente o que será de cada arena depois que a Copa do Mundo acabar. São Paulo já tem um estádio, sabe o que será necessário fazer para modernizá-lo e sabe também como poderão vir os recursos necessários para tanto¹⁵⁸.

Acusava também o rigor que a Fifa exigia nas reformas dos estádios brasileiros que não parecia condizer com o que estava acontecendo na África do Sul, palco da Copa do Mundo em 2010. “A benevolência de Joseph Blatter com a organização da Copa da África do Sul faz os projetos das sedes brasileiras para o Mundial de 2014 serem absolutamente faraônicos”¹⁵⁹.

Não obstante o problema apresentado por outras sedes e seus estádios pelo Brasil, a propalada preocupação, tanto da Fifa quando dos governos, com os investimentos e a viabilidade econômica dos projetos dos estádios, o estádio do Morumbi, um dos poucos privados escolhido como sede da Copa, com um projeto com financiamento privado, continuava a ser um dos mais criticados do Brasil. As críticas a cada momento atingiam um ponto da reforma. Desde a infra-estrutura externa do estádio, como segurança e trânsito.

A arena tem que vencer a resistência dos organizadores quanto à segurança para abrigar a cerimônia de abertura e o primeiro jogo do Mundial, evento que tradicionalmente reúne chefes de Estado do mundo inteiro e personalidades do meio do futebol. O trânsito complicado nos arredores do

¹⁵⁶ Há, nesse caso, uma série de fatores que explicam o alto preço dos ingressos no Morumbi e talvez o decréscimo no público. O preço dos ingressos está diretamente relacionado ao sucesso do São Paulo dentro de campo nos anos de 2006, 2007 e 2008, consagrando-se tri-campeão brasileiro consecutivo. Já o decréscimo no público pode estar relacionado justamente com o aumento no preço dos ingressos, uma vez que o São Paulo pode ter superestimado o interesse do público em seus jogos.

¹⁵⁷ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 25 de junho de 2009.

¹⁵⁸ Cf. “*SP e a Copa: responsabilidade e legado*”, Folha de São Paulo, 05 de junho de 2009.

¹⁵⁹ Cf. “*Estrutura para 2010 já faz 2014 parecer exagero*”, Folha de São Paulo, 14 de junho de 2009.

estádio, onde há graves gargalos para o fluxo de veículos, preocupa os executivos da Fifa e do COL (Comitê Organizador Local)¹⁶⁰.

Também questões externas ligadas à logística da Fifa para o evento. “Além da questão da segurança, o Morumbi ainda não conseguiu viabilizar uma área de 85 mil metros quadrados fora do estádio para os convidados dos patrocinadores oficiais do evento e para os turistas que usarão os serviços da operadora oficial da Fifa no Mundial”.

A questão do entorno do estádio era bastante preocupante, segundo a Fifa, mas nem sempre essa realizava a análise do projeto com o rigor necessário.

A Fifa voltou a questionar a capacidade de o Morumbi ser sede da abertura da Copa-2014. Essa posição foi externada sem que sequer fossem analisadas as modificações no projeto de reforma do estádio, feitas recentemente pelo São Paulo. [...]

O problema apontado pela Fifa é a falta de espaço no entorno do Morumbi para instalar estruturas necessárias para partidas de abertura e semifinal da competição¹⁶¹.

O espaço da imprensa no Morumbi parecia realmente incomodar a Fifa. “De acordo com pessoas ligadas à Fifa ouvidas pela Folha, o projeto do Morumbi é o único, entre os 12 escolhidos, que não possui, no entorno do estádio, área adequada para comportar o que exige a entidade [quanto ao espaço para a imprensa]”¹⁶².

Outro ponto bastante criticado do Morumbi era com relação à visibilidade que a torcida tem do gramado. “Um novo projeto para o estádio será apresentado à Fifa em 15 de abril. ‘O problema central do atual são as curvas de visibilidade’, disse Raquel Verdenacci, representante do Estado de São Paulo no evento”¹⁶³.

Jornalistas, comparando alguns estádios da Copa do Mundo realizada na Alemanha em 2006 ou na África do Sul em 2010, ficavam surpresos com o grau de exigência da Fifa em relação aos estádios brasileiros e especificamente ao Morumbi. “Ele [Leon Myssior, vice-presidente do Sinaenco – sindicato dos arquitetos] afirma que a entidade organizadora da Copa está sendo mais exigente com o Brasil do que foi com os sul-africanos e diz que o projeto do Morumbi ‘é muito melhor do que vimos em Ellis Park’”¹⁶⁴. Afirmavam ainda que

¹⁶⁰ Cf. “*Segurança enfraquece o Morumbi*”, Folha de São Paulo, 07 de set. de 2009.

¹⁶¹ Cf. “*Fifa coloca o Morumbi em xeque antes de ver o projeto*”, Folha de São Paulo, 09 de set. de 2009.

¹⁶² Cf. “*Imprensa é entrave do Morumbi para a Copa*”, Folha de São Paulo, 17 de junho de 2009.

¹⁶³ Cf. “*PRESSÃO: Entidade diz que Morumbi só terá 1º jogo se mudar projeto*”, Folha de São Paulo, 11 de março de 2010.

¹⁶⁴ Cf. “*Arquitetos criticam palco do Brasil*”, Folha de São Paulo, 02 de março de 2010.

alguns dos problemas vistos no Morumbi não levantaram maiores questionamentos em outros estádios.

A presença de pontos cegos no estádio nunca foi motivo para se excluir um estádio de uma Copa do Mundo.

Com as críticas feitas ao projeto do Morumbi, a Fifa demonstra que tornou ainda mais rígidos seus critérios de avaliação das arenas que sediarão um Mundial.

Na Alemanha, por exemplo, a federação se mostrou condescendente com o estádio que sediou a decisão da Copa de 2006. O Estádio Olímpico de Berlim, inaugurado em 1936 para receber a Olimpíada, possuía problemas graves de visibilidade¹⁶⁵.

A Fifa comercializou 9.200 ingressos em pontos cegos para a Copa de 2010. Estádios como Ellis Park e o Green Point têm quantidade de estacionamento reduzida. E a visão do campo é distante em arenas como a da Cidade do Cabo. As vias que levam ao Soccer City viveram colapso de trânsito no dia da partida de abertura da competição. Certas instalações estão localizadas longe da sede da final do Mundial. Os torcedores não estão protegidos da chuva no Green Point.

Todos esses itens foram apontados como defeitos no estádio do Morumbi pela Fifa e pelo COL (Comitê Organizador Local) da Copa-2014, mas acabaram ignorados na África do Sul pela entidade que rege o futebol mundial¹⁶⁶.

Dessa forma, era visível que, por algum motivo, as cobranças sobre os estádios brasileiros estavam tendo um rigor maior do que em outras Copas, assim como o estádio do Morumbi estava sofrendo mais com esse rigor do que outros estádios brasileiros.

No Comitê Organizador Local da Copa-14 é corrente a análise de que há dois pesos e duas medidas no tratamento dado a Maracanã e Morumbi em relação ao cumprimento das exigências do caderno de encargos da Fifa. A avaliação é a de que há um rigor excessivo da Fifa em relação à arena são-paulina e uma complacência demasiada em relação ao estádio do Rio, que nem projeto de reforma tem ainda. Apesar disso, afirmam reservadamente membros do COL, a interlocução com o São Paulo tem melhorado muito¹⁶⁷.

Realmente o São Paulo ia, com grandes dificuldades, conseguindo solucionar em seus projetos a maioria dos problemas acusados pela Fifa.

O clube, então, divulgou um novo [projeto], com respostas à maioria das exigências da Fifa, como centro de imprensa, área para convidados, novos vestiários e acessos ao gramado.

¹⁶⁵ Cf. “Exigências para o Mundial ficam maiores”, Folha de São Paulo, 16 de abril de 2010.

¹⁶⁶ Cf. “Na África, Fifa permite erros que vê em São Paulo”, Folha de São Paulo, 17 de junho de 2010.

¹⁶⁷ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 25 de nov. de 2009.

O arquiteto responsável pelo novo projeto do Morumbi, Ralf Amann, disse que o processo para atender às exigências da Fifa é dinâmico. E que, provavelmente, elas vão continuar nos próximos três anos¹⁶⁸.

Por outro lado, as constantes modificações no projeto fizeram com que o aumento no custo das reformas crescessem muito em relação às primeiras previsões do clube. O que passou a gerar novas dúvidas: O São Paulo teria dinheiro para financiar esses projetos? De onde viria esse dinheiro? Esses projetos teriam o retorno financeiro esperado?

Críticas partem de outras cidades-sedes, que disputam a abertura do Mundial, e até de membros do comitê organizador. O principal problema apontado é a fonte de recursos para a reforma de R\$ 136 milhões. Há descrença sobre a capacidade de o São Paulo levantar o dinheiro com empresas, pois o clube teria pouco a oferecer. A aposta é a de que os são-paulinos tentarão recorrer ao governo estadual, que rechaça investir¹⁶⁹.

Cartolas ligados à candidatura paulista para a Copa—14 dizem que o Morumbi precisa de R\$ 300 milhões para adequar a arena às exigências da Fifa. O dinheiro, diga-se, é o principal entrave do estádio são-paulino. O problema é que não haverá verba pública, e os dirigentes do time tricolor não estão dispostos a ceder a gestão do estádio à iniciativa privada, como ocorrerá no Maracanã¹⁷⁰.

Para se ter ideia do tamanho do impacto [das constantes exigências da Fifa], o orçamento das reformas do Morumbi quadruplicou, chegando a R\$ 600 milhões. E não era suficiente para a abertura¹⁷¹.

Após vários meses de negociação e dos vários projetos enviados pelo São Paulo à Fifa e ao COL, o São Paulo teve, finalmente, um projeto elogiado pelas entidades. No entanto, esse esforço praticamente quadruplicou a previsão de gastos do clube, passando de R\$ 150 mi para mais de R\$ 600 mi. Mesmo assim, o fator político ainda era visto na imprensa como tendo um peso importante nessas conquistas do São Paulo.

De ameaçado de exclusão da Copa do Mundo de 2014, o Morumbi saltou para a condição de estádio de uma semifinal e aparece como favorito para receber a abertura do evento.

As mudanças no projeto do estádio e a articulação política da diretoria são-paulina e do governo estadual foram essenciais para alterar o cenário¹⁷².

¹⁶⁸ Cf. “*Para Fifa, Morumbi ainda serve apenas até as oitavas*”, Folha de São Paulo, 30 de out. de 2009.

¹⁶⁹ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 22 de março de 2009.

¹⁷⁰ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 31 de maio de 2009.

¹⁷¹ Cf. “*Crua, Itaquera é arena mais barata*”, Folha de São Paulo, 31 de agosto de 2010.

¹⁷² Cf. “*Morumbi garante semi da Copa e está perto da abertura*”, Folha de São Paulo, 10 de fev. de 2010.

O último projeto enviado ao São Paulo para a Fifa e o COL, no valor de R\$ 630 mi, foi aceito pelas entidades.

O Comitê Organizador Local da Copa-14 enviou ontem documento ao comitê paulista informando que o projeto do Morumbi foi aprovado pela Fifa. Segundo o texto, assinado pelo presidente do COL e da CBF, Ricardo Teixeira, o 'projeto está em consonância com as exigências da entidade e apto para receber as semifinais'¹⁷³.

O que parecia caminhar para uma solução, após a aprovação da Fifa sobre o projeto do Morumbi, teve novas reviravoltas. “A Fifa, após meses de discussão com o São Paulo, disse estar satisfeita com o novo projeto apresentado para o Morumbi, afirmou ontem o secretário-geral da entidade”¹⁷⁴. Após conseguir uma certa tranquilidade na relação com a Fifa, o presidente do São Paulo se envolveu em uma disputa quase pessoal com o presidente da CBF. O que provocou uma certa ira deste, e o estádio do São Paulo voltou a ser atacado pela entidade.

Doze dias após o secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, ter, enfim, feito elogios ao projeto do Morumbi para a Copa do Mundo de 2014, o presidente da CBF e do Comitê Organizador Local (COL), Ricardo Teixeira, fez duras críticas ao estádio e decretou que a arena não está apta a receber a abertura. Nos bastidores, o ataque é encarado como uma manobra política. A ideia seria minar o São Paulo, cujo presidente, Juvenal Juvêncio, será vice na chapa de Fábio Koff, que tenta a re-eleição do Clube dos 13 contra Kleber Leite, apoiado por Teixeira¹⁷⁵.

Apesar de tentar enfraquecer a candidatura da chapa do presidente do São Paulo à presidência do Clube dos 13, a chapa de Juvenal Juvêncio acabou saindo vitoriosa nas eleições. No entanto, o que parecia ser uma vitória no campo político, acabou se transformando em novas críticas ao São Paulo por parte de Ricardo Teixeira.

O presidente são-paulino, Juvenal Juvêncio, deixou ontem a sede do Clube dos 13 como o grande vencedor da eleição que opôs Fábio Koff e Kleber Leite. Com a vitória da chapa do atual mandatário, Koff, na qual é vice, Juvenal de uma só vez, impôs derrota a três desafetos: Andres Sanchez, Marco Polo Del Nero e Ricardo Teixeira. Teixeira, após ver Juvenal manifestar apoio a Koff, acenou, em entrevista, com a possibilidade de o Morumbi não ter a abertura da Copa-2014.

¹⁷³ Cf. “Fifa avaliza novo projeto do Morumbi para 2015”, Folha de São Paulo, 13 de maio de 2010.

¹⁷⁴ Cf. “Morumbi agora serve, diz secretário-geral da Fifa”, Folha de São Paulo, 20 de março de 2010.

¹⁷⁵ Cf. “Teixeira ataca Morumbi em ato político”, Folha de São Paulo, 01 de abril de 2010.

Ao deixar a sede do C13, o presidente do São Paulo reiterou não acreditar que o status do Morumbi no Mundial no Brasil está em risco. Evitou polêmica e preferiu se ater a detalhes técnicos, não políticos¹⁷⁶.

Apesar de duvidar que Ricardo Teixeira pudesse tentar prejudicar o Morumbi devido a derrota de sua chapa na eleição do Clube dos 13 para o presidente do São Paulo, não demorou muito para que Ricardo Teixeira começasse a se articular para prejudicar o estádio do São Paulo, dando inclusive declarações de que o Morumbi estaria fora da Copa do Mundo, sendo em seguida desmentido pela própria Fifa.

Ricardo Teixeira trabalha forte nos bastidores para excluir o Morumbi da Copa-14 como vingança ao apoio do são-paulino Juvenal Juvêncio a Fábio Koff no Clube dos 13. Ontem, sofreu golpe em sua operação ao ser desmentido pela Fifa sobre a suposta exclusão do estádio são-paulino¹⁷⁷.

As tentativas, por parte de Ricardo Teixeira, de minar o Morumbi eram reconhecidas inclusive por políticos. “O prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, acusou ontem o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, de boicotar o projeto do Morumbi para a Copa do Mundo de 2014 e de sugerir a abertura do torneio em uma arena em Pirituba”¹⁷⁸.

O São Paulo parecia ter agora mais um problema a enfrentar no campo político. Agora Teixeira fazia reclamações públicas ao Morumbi e, segundo algumas matérias jornalísticas, articulava nos bastidores a derrota do estádio. Por outro lado, a aprovação da Fifa para o estádio como palco até as semi-finais não agradava o clube que via como indispensável que o estádio fosse confirmado como palco da abertura para conseguir arrecadar o dinheiro junto à iniciativa privada, dado a visibilidade que tal evento proporcionaria ao estádio.

O SPFC quer arrancar da Fifa uma garantia por escrito sobre a abertura. Dirigentes temem que ocorra com o Morumbi o mesmo que aconteceu na Cidade do Cabo, na África do Sul, onde foi construído um novo estádio à beira-mar – preterido na última hora pelo Soccer City, de Johannesburg, que abrigará a abertura e a final da Copa¹⁷⁹.

Sem conseguir uma confirmação da Fifa de que se realizasse as reformas previstas em seu último projeto enviado à entidade o Morumbi seria o palco da abertura da Copa, o clube se viu em um dilema: firmar um contrato de alto valor, R\$ 630 milhões, sem ter a garantia de

¹⁷⁶ Cf. “Ameaçado, Juvenal tem três vitórias”, Folha de São Paulo, 13 de abril de 2010.

¹⁷⁷ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 14 de abril de 2010.

¹⁷⁸ Cf. “Para Kassab, Teixeira boicota o Morumbi”, Folha de São Paulo, 26 de maio de 2010.

¹⁷⁹ Cf. “Mônica Bergamo”, Folha de São Paulo, 02 de junho de 2010.

que o estádio seria o palco da abertura ou optar por uma reforma de valor mais baixo e, teoricamente, desistir de ser o palco da abertura da Copa.

O prazo de 30 dias dado pela Fifa e pela CBF para os estádios apresentarem a viabilidade financeira de seus projetos era visto como muito curto pelos dirigentes do São Paulo e como uma tentativa de prejudicar o São Paulo visto que seria difícil conseguir uma empresa privada disposta a investir tamanha quantia de dinheiro em um estádio que não tinha a garantia de receber o jogo de abertura da Copa. “Entre cartolas são-paulinos, a avaliação é de que o presidente da CBF agora tenta encurralar o Morumbi justamente no que considera seu ponto fraco: a falta de recursos para a obra de reforma”¹⁸⁰.

Esse era realmente um problema para o São Paulo, que temia realizar as reformas exigidas pela Fifa e mesmo assim, devido a fatores políticos, não receber a abertura da Copa.

Juvenal Juvêncio está diante de um dilema. Considera a carta de Ricardo Teixeira aprovando o projeto do Morumbi às semifinais da Copa-14 bem-vinda, mas o prazo de 30 dias para apresentar a viabilidade financeira da reforma muito curto. O dirigente, que deseja seu estádio na abertura do Mundial, confessou que não sabe se vale a pena levar a empreitada adiante. Teme qualificar o Morumbi para o jogo inaugural e perdê-lo por questões políticas. Para ter a abertura da Copa, o esforço financeiro seria muito maior¹⁸¹.

Dessa forma, o São Paulo acabou desistindo de tocar seu projeto mais ambicioso, e mais caro, optando pelo projeto mais barato, visando garantir seu estádio ao menos até os jogos das oitavas de final da Copa. Resolveu apresentar à Fifa e ao COL garantias financeiras de um projeto mais modesto do que o anteriormente aprovado pelas entidades.

O comitê paulista para a Copa do Mundo de 2014 desistiu de tocar o projeto de reforma do Morumbi aprovado pela Fifa para receber as semifinais e que credenciaria tecnicamente o estádio a ser forte concorrente ao jogo de abertura do Mundial.

Sendo assim, enviará à Fifa um projeto mais modesto, no qual as obras no estádio deverão custar entre R\$ 250 milhões e R\$ 280 milhões. O projeto anterior, aprovado pela Fifa, previa gastos de R\$ 630 milhões, valor considerado economicamente inviável pela cúpula do São Paulo¹⁸².

No entanto, a viabilidade financeira do estádio não se apresentava como um problema só para o São Paulo, os estádios privados enfrentavam maiores dificuldades devido a recusa do poder público em injetar recursos nesses estádios, entre os estádios públicos já estava acertado

¹⁸⁰ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 17 de maio de 2010.

¹⁸¹ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 17 de maio de 2010.

¹⁸² Cf. “*SP desiste de projeto para a abertura da Copa-2014*”, Folha de São Paulo, 09 de junho de 2010.

que os estados se encarregariam de arcar com as reformas, sem a devida preocupação do que seria feito de cada estádio após a Copa. “Além do Morumbi, outro estádio particular, a Arena da Baixada, que pertence ao Atlético-PR, tem problemas para apresentar a viabilidade financeira para a segunda Copa no Brasil. Mas a conta é bem menor por se tratar de um estádio para abrigar oitavas de final”¹⁸³.

Porém, se a Copa estava tendo um grande peso financeiro para as entidades públicas e para os clubes nacionais, a Fifa gozava de boas regalias e conseguia bons investidores.

Enquanto sedes brasileiras da Copa-2014 têm dificuldades para arranjar investidores privados, a Fifa já tem garantida sua renda relativa ao Mundial daqui a seis anos. Foram fechados todos os contratos de patrocínio grandes, um local e parte dos acordos de televisão, o que já garante a viabilidade financeira para a entidade. Mas nenhuma parte desse dinheiro arrecadado pela Fifa vai ser usado para a construção de estádios ou infraestrutura para a Copa, que são garantidos pelos governos estaduais.[...]

Nem a Fifa nem seus patrocinadores terão de pagar impostos por exigência do caderno de encargos aceito pelo Brasil.

Apesar disso, serão os governo federal e estadual e as prefeituras que vão bancar as reformas de infraestrutura para o Mundial. E, como há dificuldade de obtenção de dinheiro privado, também devem investir pesado nos estádios.

Pelo menos no jogo da Copa, a crise econômica afeta mais as entidades públicas¹⁸⁴.

O São Paulo, tendo em vista as dificuldades de arcar com um projeto de R\$ 630 mi, acabou apresentando um projeto mais barato. A Fifa, de antemão, havia avisado que não havia mais tempo para a análise de novos projetos e indicou que não aceitaria um projeto do São Paulo que não fosse o último aprovado pela entidade, o de R\$ 630 mi.

A Fifa não aceitará projeto mais modesto do Morumbi para a Copa-2014, como pretende fazer o clube paulista na próxima segunda, quando tem de apresentar a viabilidade financeira das obras.

O documento que seria apresentando à entidade mostrará custos entre R\$ 250 milhões e R\$ 280 milhões. O projeto anterior, aprovado pela Fifa, previa gastos de R\$ 630 milhões, valor considerado economicamente inviável pelo clube paulistano¹⁸⁵.

O São Paulo, sem ter outra saída viável, e tendo apresentado um projeto mais modesto de reforma do Morumbi, acabou tendo seu estádio excluído pela Fifa para a Copa do Mundo de 2014. Mesmo sem ter o seu projeto analisado pela Fifa. O argumento foi que o prazo para

¹⁸³ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 10 de maio de 2010.

¹⁸⁴ Cf. “Copa-14 já dá lucro, mas só para a Fifa”, Folha de São Paulo, 02 de junho de 2009.

¹⁸⁵ Cf. “Fifa não aceita ‘novo’ Morumbi”, Folha de São Paulo, 10 de junho de 2010.

análise de projetos já havia expirado. “O sexto documento [projeto do São Paulo] nem sequer foi examinado. O presidente do comitê, Ricardo Teixeira, afirmou que o prazo de apresentação de projetos expirou. Mas, curiosamente, disse ainda estar disposto a avaliar novos projetos apresentados por São Paulo [pela cidade]”¹⁸⁶.

A saída do estádio do Morumbi definitivamente da Copa foi vista por muitos como uma vitória do presidente da CBF sobre o presidente do São Paulo, uma briga política pessoal e não uma análise técnica dos projetos.

Na queda de braço entre Ricardo Teixeira e o São Paulo, o presidente da CBF e do COL (Comitê Organizador Local da Copa-14) levou a melhor. Ontem, no capítulo final da novela que opõe Teixeira e seu desafeto Juvenal Juvêncio, presidente do clube paulista, foi anunciada oficialmente a exclusão do Morumbi do Mundial¹⁸⁷.

Durante longo tempo o apoio de políticos era visto como algo essencial para o sucesso da campanha do Morumbi, no entanto, parece que o São Paulo não conseguiu boas alianças políticas e por outro lado fez vários inimigos políticos importantes.

Quem acompanha a trajetória do São Paulo para tentar emplacar o Morumbi como abertura da Copa-14 diz que os problemas com a Fifa poderiam ser evitados se o governador paulista, José Serra, e o prefeito Gilberto Kassab fossem mais presentes em relação à questão do estádio são-paulino. A análise é a de que o apoio do governo federal, que o São Paulo tem recebido, é tão importante quanto o de Estado e município. São-paulinos, por exemplo, contam que Serra já reclamou de a cidade não ter plano B para o Morumbi¹⁸⁸.

Com a exclusão do Morumbi iniciou-se novamente a discussão em torno de qual seria o estádio de São Paulo na Copa, discussão essa que sempre esteve presente nos bastidores.

Com o Morumbi excluído da Copa-2014, duas opções até então mais políticas se apresentam ao comitê paulista: o estádio de Pirituba e a nova arena do Palmeiras.

O prefeito Gilberto Kassab disse ontem que há seis parceiros privados estrangeiros interessados em investir no projeto de uma arena multiuso para 40 mil lugares, capacidade inferior à exigida pela Fifa para o jogo de abertura. A conclusão da obra estaria programada só para 2016. [...] a nova arena do Palmeiras, que já vinha sendo impulsionada nos bastidores por setores do governo paulista, ganha força e se apresenta como opção mais viável, ainda que tenha só 45 mil lugares e, por conta disso, não possa receber a abertura, que exige 65 mil¹⁸⁹.

¹⁸⁶ Cf. “*Por que?*”, Folha de São Paulo, 18 de junho de 2010.

¹⁸⁷ Cf. “*Teixeira tira Morumbi da Copa-2014*”, Folha de São Paulo, 17 de junho de 2010.

¹⁸⁸ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 23 de fev. de 2010.

¹⁸⁹ Cf. “*Opções políticas, Palestra e Piritubão ganham força*”, Folha de São Paulo, 17 de junho de 2010.

Mesmo antes da decisão oficial de se excluir o Morumbi da Copa essa discussão sempre esteve em pauta. E as posturas defendidas sempre traziam a desconfiança de interesses econômicos e políticos por trás.

Causou revolta entre cartolas ligados ao projeto paulista para a Copa-2014 a declaração do secretário – geral da Fifa, Jérôme Valcke, de que São Paulo deve construir um novo estádio. Segundo esses dirigentes, Valcke tem minado o Morumbi porque está envolvido em projeto para a construção de uma nova arena na cidade com um grupo estrangeiro¹⁹⁰.

Um exemplo do que a Fifa quer em São Paulo pode ser visto em Durban, onde a seleção atuará hoje contra Portugal. O belo estádio Moses Mabhida foi erguido bem ao lado de um outro bom estádio, o dos Sharks, equipe de rúgbi local, que poderia até ser usado na Copa.[...] O problema é que, como o Morumbi, o estádio é particular e não poderia gerar receitas para quem fosse investir nele¹⁹¹.

Com a certeza de que o São Paulo não era bem visto pela Fifa, o presidente do Corinthians já dava certeza, também antes da decisão oficial, de que o estádio do São Paulo não estaria na Copa. “Andres Sanchez tem repetido na África que o Morumbi está ‘100% fora da Copa-14’ e que o estádio paulista será em Pirituba, bancado pelo governo”¹⁹².

Dessa forma, mesmo o Parque Antártica, estádio do Palmeiras, passando por reformas, que, teoricamente, o habilitariam para ser a sede de São Paulo na Copa, o presidente do clube, Luiz Gonzaga Belluzzo, já se preocupava quanto aos quesitos que seriam levados em conta na decisão. “À frente do projeto da nova arena do Palmeiras, que virou candidata a receber jogos da Copa de 2014, o presidente Luiz Gonzaga Belluzzo pede que critérios técnicos definam qual estádio paulista receberá partidas do Mundial”¹⁹³. O fato de o presidente do Palmeiras também não ter votado na chapa de Ricardo Teixeira no Clube dos 13 era visto por alguns como um empecilho para a arena palmeirense na Copa.

Belluzzo não acredita que a arena do Palmeiras, cotada como alternativa à exclusão do Morumbi da Copa de 2014, seja vetada pelo fato de ele ter apoiado Fábio Koff na eleição do Clube dos 13, contrariando Ricardo Teixeira – informação que circulou na África do Sul. ‘Isso não é critério para escolher estádio. Talvez fosse na Rússia do Stalin, mas não acredito nesse lado stalinista do Ricardo Teixeira’, diz¹⁹⁴.

¹⁹⁰ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 09 de set. de 2009.

¹⁹¹ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 25 de junho de 2010.

¹⁹² Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 29 de maio de 2010.

¹⁹³ Cf. “*Belluzzo já pede critério técnico para definir arena*”, Folha de São Paulo, 18 de junho de 2010.

¹⁹⁴ Cf. “*Mônica Bergamo*”, Folha de São Paulo, 19 de junho de 2010.

Segundo a imprensa, o governo, principalmente municipal, começava a demonstrar certo interesse na construção de um estádio em Pirituba, que necessitaria de investimento público, com uma Parceria Público-Privada (PPP), “o comitê paulista da Copa – 2014 admitiu, pela primeira vez, a possibilidade de estudar o projeto de um estádio em Pirituba para a abertura do segundo Mundial no país”¹⁹⁵. A ideia parecia estar crescendo dentro de setores do governo, segundo alguns jornalistas só faltava a oficialização do projeto, “a ida de Gilberto Kassab à África do Sul, em 6 de julho, deve antecipar o anúncio do Piritubão como a arena de São Paulo na Copa-2014. Segundo aliados do prefeito, o martelo foi batido e só falta oficializar o projeto”¹⁹⁶. O estádio seria construído com verba pública e o Corinthians era visto como o provável beneficiado. Havia notícias dizendo que o acordo já havia sido fechado, e que o Santos Futebol Clube também mandaria seus jogos no novo estádio em Pirituba. “Corinthians e Santos entraram em acordo para aproveitar o novo estádio que seria construído em Pirituba, mandando para lá as partidas das quais têm o mando de campo, diz gente ligada à CBF”¹⁹⁷.

A opinião pública se mostrava fortemente contrária ao uso de dinheiro público na construção de estádios, o que dificultava os planos do governo municipal, “a maioria dos brasileiros não quer dinheiro público na construção e reforma dos estádios para a Copa de 2014. Segundo pesquisa nacional do Datafolha, que ouviu 10.856 pessoas em 382 municípios, 57% da população do país rejeita o uso de dinheiro dos impostos para esse fim”¹⁹⁸.

Abaixo pode-se notar, em algumas cartas de leitores enviadas ao jornal Folha de São Paulo, a aversão dos torcedores ao uso de dinheiro público na construção dos estádios, especialmente no caso de São Paulo.

Com a divulgação pela CBF de que o estádio do São Paulo não vai participar da Copa, devido à falta de garantia nos financiamentos, parece que vão sobrar apenas os estádios públicos. Era exatamente isto o que todos (“eles”) queriam: farra com o dinheiro público.

Quem vai pagar a conta é a população, e nada vai acontecer. Vergonha. Um torneio de um mês deixar uma conta por muitos anos. **MARCELO DE MOURA** (São Paulo, SP) [...]

Os paulistas, especialmente os paulistanos, devem aproveitar a proibição do Morumbi como uma das sedes da Copa e comunicar que

¹⁹⁵ Cf. “Comitê de São Paulo já admite plano B para São Paulo”, Folha de São Paulo, 14 de abril de 2010.

¹⁹⁶ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 30 de junho de 2010.

¹⁹⁷ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 01 de junho de 2010.

¹⁹⁸ Cf. “A maioria é contra”, Folha de São Paulo, 16 de agosto de 2010.

São Paulo está fora da competição – e de sua despesa também. A cidade não precisa disto para ter turismo e negócios. Além disso, é só chateação. E muito cara para pouco retorno. A cidade ficaria um terror.

Enfim, já que esnobaram o Morumbi, sou totalmente contra que se gaste R\$ 1 bilhão para construir um novo estádio – que seria financiado por nós, via aumento de impostos. **ROBERTO MOREIRA DA SILVA** (Cotia, SP)¹⁹⁹.

O Corinthians também não parecia estar muito de acordo com a ideia de adotar o ‘Piritubão’, como estava sendo chamado o estádio que iria ser construído em Pirituba, como a sua casa. “O mandatário do clube, Andres Sanchez, diz que não quer assumir o ‘Piritubão’ e que pretende construir a casa do Corinthians em Itaquera”²⁰⁰. No entanto, segundo o próprio presidente do Corinthians, o clube estava buscando viabilizar um estádio para atender aos seus torcedores e não à Copa. “O presidente corintiano, Andres Sanchez, afirma que o clube terá seu próprio estádio, mas que ele não será usado na Copa de 2014. ‘Esqueçam isso’ disse ele”²⁰¹.

O Palmeiras, buscando tirar vantagem desse cenário, afirmava que a melhor opção para a Copa seria o próprio Parque Antártica. “Para ter seu estádio na Copa-14, o Palmeiras pretende minar o Piritubão, mostrando que ele terá um custo muito alto para a cidade. Orçada em mais de R\$ 500 milhões, a obra seria financiada em parte pelo governo estadual”²⁰².

A arena do Palmeiras, no entanto, não parecia estar bem cotada para se tornar sede da Copa. O dilema parecia estar entre o município investir em um novo estádio na cidade, o que parecia muito difícil visto a rejeição ao uso de dinheiro público na construção de estádios e da recusa do Corinthians em adotar o ‘Piritubão’ como sua casa, e a volta do estádio do Morumbi, que enfrentava grande oposição dentro da Fifa e da CBF conforme já demonstramos. “O comitê paulista está dividido sobre a cidade investir em novo estádio para a abertura da Copa-14. Há quem queira pressionar a Fifa para que o Morumbi siga como a arena indicada, mas há quem fale que o ‘são-paulinismo’ prejudicou a cidade”²⁰³.

O Morumbi, mesmo após ser excluído da disputa, passou a ter uma defesa pública de setores do governo federal. “Pela primeira vez, o governo federal saiu em defesa do Morumbi como palco paulista da Copa-2014. Após encontro com senadores, os ministros do Esporte, Turismo e Cidades abandonaram ontem a neutralidade e aderiram ao lobby pelo estádio do

¹⁹⁹ Cf. “*Painel do leitor*”, 17 de junho de 2010.

²⁰⁰ Cf. “*Corintianos sonham com jogo de abertura*”, Folha de São Paulo, 19 de junho de 2010.

²⁰¹ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 18 de abril de 2010.

²⁰² Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 17 de junho de 2010.

²⁰³ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 19 de junho de 2010.

São Paulo, vetado pela Fifa”²⁰⁴. No entanto, parece que a exclusão do Morumbi tinha se dado justamente pelo fato de o governo municipal ter ficado satisfeito com o projeto do Piritubão. “Ricardo Teixeira não iria excluir o Morumbi agora da Copa-14. Só o fez, contam aliados, porque o prefeito da capital, Gilberto Kassab (DEM), está empolgado com o Piritubão”²⁰⁵.

Dentro dessa nova disputa o estádio que parecia ganhar força política nos bastidores era o do Corinthians a ser construído em Itaquera, Zona Leste da cidade. O acordo entre o clube e a construtora Odebrecht avançava.

O acordo que o Corinthians negocia com a Odebrecht para a construção de sua arena inclui o ‘naming rights’ do clube. Ou seja, a empreiteira – que tem sido ‘estimulada’ por Lula a topar a parada – terá o direito de dar nome ao estádio, podendo revendê-lo a outros patrocinadores. O lucro seria dividido com o Timão. O estádio, de 48 mil lugares, custará cerca de R\$ 300 milhões²⁰⁶.

O tal acordo começava a animar o governo, embora o presidente corintiano continuasse com o discurso de que o estádio não estava sendo construído para a Copa e sim para a torcida. “Na África, o corintiano Andres Sanchez disse a pessoas do governo federal que irá construir o estádio do clube em Itaquera. O governo gostou da ideia. Andres, porém, reafirma que não será usado para o Mundial-14. ‘O da Copa será em Pirituba’”²⁰⁷.

A arena corintiana passou a despertar o interesse da mídia também, que, inclusive, já a colocava como o estádio de São Paulo na Copa, anunciando suas qualidades e suas vantagens frente outros estádios, “melhor que Pirituba. Melhor até que o Morumbi. Para a Prefeitura de São Paulo e para o governo do Estado, a decisão de fazer a abertura da Copa do Mundo-2014 em Itaquera foi a mais prática”²⁰⁸.

Comparado com os outros estádios novos da Copa de 2014, a arena corintiana tem o menor custo por assentos. [...] No caso corintiano, a estimativa inicial do investimento na arena é de R\$ 470 milhões. Para 48 mil pessoas, o projeto custa R\$ 300 milhões. Para expandi-lo para 68 mil, e ter o primeiro jogo, o clube entende que terá de gastar mais R\$ 170 milhões²⁰⁹.

²⁰⁴ Cf. “*Governo faz lobby por Morumbi*”, Folha de São Paulo, 05 de agosto de 2010.

²⁰⁵ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 17 de junho de 2010.

²⁰⁶ Cf. “*Mônica Bergamo*”, Folha de São Paulo, 26 de agosto de 2010.

²⁰⁷ Cf. “*Painel FC*”, 18 de junho de 2010.

²⁰⁸ Cf. “*Itaquera, em tese, está pronta*”, Folha de São Paulo, 29 de agosto de 2010.

²⁰⁹ Cf. “*Crua, Itaquera é arena mais barata*”, Folha de São Paulo, 31 de agosto de 2010.

O cenário, então, ia se modificando, apesar de a Fifa e o COL ainda não terem dado nenhuma informação oficial nova, até então, a respeito do estádio de São Paulo na Copa, “aliados de Andres Sanchez comentam que o presidente corinthiano tem dito já ter tudo acertado com Ricardo Teixeira para o clube receber o estádio de abertura da Copa do Mundo de 2014”²¹⁰.

A decisão de que o estádio do Corinthians seria mesmo o palco de São Paulo na abertura da Copa passou a contar também com o apoio de políticos e, conforme já tinha antecipado o presidente do Corinthians, do presidente da CBF e do COL, Ricardo Teixeira. No entanto, as exigências em torno do estádio pareciam ser bem menores do que com relação a outros estádios e principalmente com relação ao Morumbi.

A única exigência do francês [Valcke, secretário-geral da Fifa] é que o projeto da arena apresente a capacidade de abrigar 68 mil torcedores, número mínimo estabelecido pela Fifa para receber a abertura da Copa do Mundo.

No último dia 27, em reunião no Rio, Teixeira, o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, e o governador de SP, Alberto Goldman, acertaram que a arena em Itaquera será o estádio paulistano na Copa, mas a capacidade do local (48 mil) não se enquadra na exigência da Fifa²¹¹.

Algumas vantagens que vinha obtendo o estádio do Corinthians, tanto com relação às obras em si quanto com relação à Copa, começaram a desagradar outros interessados. O governador de Brasília, por exemplo, que, com a reviravolta em São Paulo, voltou a crer que o estádio do Distrito Federal poderia receber a abertura da Copa, criticava os prazos vantajosos que o estádio corinthiano vinha recebendo das autoridades.

O atual governador [de Brasília, Agnelo Queiroz] ainda protestou contra o prazo dado para a conclusão do novo estádio do Corinthians, previsto para o final de 2013. As outras cidades devem entregar as arenas um ano antes.

“O cronograma da Fifa tem que ser observado. Por que vale para uns e não vale para outros?”, disse o governador²¹².

Dirigentes do Palmeiras faziam uma crítica ainda mais contundente às vantagens que vinham sendo oferecidas ao estádio do Corinthians, como, por exemplo, a agilidade com que a prefeitura aprovava os projetos do Corinthians em detrimento de outros projetos de reforma, como o do próprio Palmeiras.

²¹⁰ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 01 de junho de 2010.

²¹¹ Cf. “*Valcke chega para olhar Itaquera*”, 06 de set. de 2010.

²¹² Cf. “*Arena do DF será menor, diz Agnelo*”, Folha de São Paulo, 11 de nov. de 2010.

Clemente Pereira Jr., vice palmeirense, foi visto no fim de semana próximo ao bar social do clube com panfletos nos quais Gilberto Kassab era cobrado pela dificuldade dos licenciamentos da Arena Palestra. [...] No entanto, ao tentar defender a arena palmeirense, criticou o fato de o Corinthians já ter tudo aprovado. Porém o clube do Parque São Jorge nada apresentou às autoridades²¹³.

Algumas das críticas ao estádio do Corinthians por parte de seus opositores pareciam ter algum fundamento. O estádio do Corinthians havia sido indicado por políticos e por Ricardo Teixeira para representar a cidade de São Paulo sem nem mesmo ter apresentado um projeto nos padrões Fifa, quanto mais um projeto para receber a abertura. É o que fica claro em uma exposição dos projetos dos estádios da Copa de 2014 realizada em Nova York, onde todas as cidades foram convidadas à apresentar os seus projetos. No entanto, o projeto que representou a cidade de São Paulo foi o do estádio do São Paulo, rejeitado pela Fifa, visto que o arquiteto responsável pelo projeto do estádio do Corinthians recusou o convite.

Será Ruy Othake, arquiteto do projeto do Morumbi para o Mundial, e não Aníbal Coutinho, que trabalha a arena corintiana, que representará São Paulo em uma exposição dos estádios da Copa de 2014 entre os dias 18 e 20 de novembro em Nova York, nos EUA. [...]

Sócio da Coutinho Diegues Cordeiro Arquitetos, Coutinho recusou convite para participar da exposição. Ele reconhece que seu projeto não é para receber jogos da Copa do Mundo.

Ao ser questionado pela **Folha** se, em seu formato atual, o estádio projetado para o Corinthians em Itaquera poderia receber as partidas do Mundial, Coutinho foi direto: ‘Não’.

‘Falando do ponto de vista estritamente técnico, o projeto não é para a Copa. Para participar do Mundial, teríamos de adequar o projeto para cumprir exigências de mídia, área VIP e hospitalidade. Por isso fui convidado [para expor], mas não quis participar’²¹⁴.

As afirmações do arquiteto do estádio do Corinthians de que o projeto não estava em consonância com os padrões da Fifa não soou bem entre os moradores de Itaquera. “Causa reação, que fica entre a curiosidade e a preocupação, em líderes comunitários de Itaquera a informação de que o arquiteto do futuro estádio corintiano não o planeja para receber a Copa de 2014”²¹⁵. Também não soou bem na imprensa que deu destaque ao fato.

Arquiteto que cuida do projeto do estádio de Itaquera do Corinthians reconhece a interlocutores que nunca examinou o caderno de encargos da

²¹³ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 07 de set. de 2009.

²¹⁴ Cf. “*Morumbi vira estádio da Copa de 2014 em NY*”, Folha de São Paulo, 15 de out. de 2010.

²¹⁵ Cf. “*Painel FC*”, Folha de São Paulo, 18 de out. de 2010.

Fifa para a Copa de 2014. Tampouco os estudos de viabilidade financeira foram enviados ao Comitê Organizador Local do Mundial. Ainda assim, é dado como certo que o estádio corinthiano será o palco paulista da Copa, com forte possibilidade até mesmo de abrir o Mundial-14²¹⁶.

Além de algumas dúvidas com respeito a se o estádio do Corinthians estaria seguindo os padrões da Fifa, outra dúvida importante pairava no ar: inicialmente o projeto do Corinthians, sem ter ligação com a Copa, era para 48 mil pessoas, mas ao ser indicado como palco da abertura deveria ampliar sua capacidade para 65 mil pessoas, no entanto, não estava claro ainda de onde viria o dinheiro para essa ampliação. De início, o presidente do Corinthians insistia que o estádio era para os torcedores e não para a Copa e não fazia questão de correr atrás da verba para a ampliação. Tal empreitada deveria ficar à cargo dos responsáveis por escolher o estádio como sede da Copa. “O nosso estádio é para os corinthianos, tem 48 mil lugares. Se o poder público, a CBF e a Fifa quiserem, que façam as obras necessárias para ampliá-lo e receber o Mundial”²¹⁷.

Conforme o tempo ia passando, o Corinthians passou a admitir que construiria um estádio para ao menos 65 mil pessoas, no entanto, continuava se esquivando a respeito de onde viria o dinheiro. “O Corinthians oficializou ontem ao Comitê Organizador Local da Copa do Mundo de 2014 que construirá estádio para 65 mil pessoas para a abertura do evento, mas não disse de onde virá todo o dinheiro para as obras”²¹⁸. Mesmo com a convicção de que seria o palco da Copa, o presidente corinthiano continuava empurrando o problema do financiamento da ampliação para alguma outra entidade, “Andres reafirmou que o Corinthians não bancará o estádio com 60 mil lugares, o mínimo exigido pela Fifa para a abertura. ‘A Fifa, a CBF, alguém vai ter que ajudar. O clube pagará por um estádio para 48 mil’”²¹⁹.

Mesmo na parte da construção do estádio em que o Corinthians se responsabilizava por pagar, a fonte de onde viria esse dinheiro estaria sendo superestimada. Segundo o projeto do clube, o Corinthians iria conseguir o dinheiro para financiar o seu estádio com a venda do ‘naming rights’ após esse ficar pronto. Ou seja, venderia o direito de alguma empresa dar o seu nome ao estádio em troca do retorno midiático que isso daria. Mas conforme matéria jornalística, as previsões do Corinthians estavam acima do valor real de mercado.

²¹⁶ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 21 de out. de 2010.

²¹⁷ Cf. “Juvenal volta ao ataque por Copa”, Folha de São Paulo, 20 de out. de 2010.

²¹⁸ Cf. “Corinthians fará estádio para 65 mil pessoas”, Folha de São Paulo, 06 de nov. de 2010.

²¹⁹ Cf. “Andres diz que, em 15 dias, anuncia estádio”, Folha de São Paulo, 07 de nov. de 2010.

A principal fonte de financiamento do estádio do Corinthians é baseada em uma projeção inflada de ganhos com a venda do seu nome ('naming rights'). Se o valor não for atingido, o clube terá de pagar o restante da obra.

A diretoria corintiana divulgou ontem que a arena custará R\$ 335 milhões – esse valor não inclui a expansão para abrigar a abertura da Copa de 2014. A Odebrecht fará a obra e pretende recuperar o valor integralmente com a venda do nome, de acordo com os cartolas.

Os 'naming rights' devem ser negociados por um período entre 11 e 15 anos. Considerado o maior período, isso significa R\$ 22,2 milhões.

No mercado mais rico do futebol mundial, o inglês Arsenal obteve R\$ 18,1 milhões por ano ao vender o nome seu estádio à Emirates Airlines. E o valor inclui patrocínio na camisa por oito anos²²⁰.

O governo estadual e a prefeitura de São Paulo se reuniram no dia 8 de novembro de 2010 juntamente com o Comitê Organizador Local da Copa de São Paulo para discutirem a participação da cidade de São Paulo na Copa e para entrarem em um acordo acerca do estádio.

O governador de São Paulo, Alberto Goldman, reúne-se hoje com o presidente da CBF e do Comitê Organizador Local da Copa, Ricardo Teixeira, e com o prefeito Gilberto Kassab para falar sobre a participação da cidade no Mundial de 2014²²¹.

O encontro selou uma parceria entre governo estadual, prefeitura e COL em torno do estádio do Corinthians. Apesar dos problemas e dúvidas que o estádio ainda enfrentava, isso não parecia ser empecilho para que o estádio obtivesse o apoio do governo municipal, estadual e do COL para a abertura da Copa, faltando somente a oficialização pela Fifa.

O projeto de estádio do Corinthians ainda não tem previsão de dinheiro para construir seus 65 mil lugares, nem a chancela da Fifa. Mas a arena em Itaquera já conseguiu a indicação do COL (Comitê Organizador Local) para ser a abertura da Copa-2014.

A decisão tem o aval do governo e da Prefeitura de São Paulo, que oficializaram o local para o Mundial.

É verdade que o COL fez uma ressalva: a arena corintiana só será confirmada na abertura se obtiver todo o dinheiro sem ajuda da Fifa. E seu projeto ainda terá de passar pelo crivo da entidade²²².

Por ainda não ter sido oficializado definitivamente pela Fifa, ainda havia rumores de que a decisão poderia ser modificada e algumas declarações alimentavam essa dúvida.

Foi mal recebida na CBF a declaração do prefeito Gilberto Kassab de que o Morumbi é opção para abrigar jogos da Copa se houver problema com o

²²⁰ Cf. "Corinthians 'infla' ganho de sua arena", Folha de São Paulo, 01 de set. de 2010.

²²¹ Cf. "Reunião, hoje, decide Copa em São Paulo", Folha de São Paulo, 8 de nov. de 2010.

²²² Cf. "Pagar pra ver", Folha de São Paulo, 09 de nov. de 2010.

futuro estádio do Corinthians. Pessoas ligadas a Ricardo Teixeira disseram que a possibilidade é zero e que nem foi discutida com o Comitê Organizador Local da Copa de 2014. Alegam que esse tipo de manifestação serve a algum outro tipo de interesse, e não ao Mundial²²³.

No entanto, entre a prefeitura, o governo estadual e, principalmente, o COL, já estava certo que o estádio de São Paulo seria o do Corinthians e que a oficialização da Fifa era só questão de tempo.

O projeto do estádio do Corinthians, em Itaquera, será anunciado oficialmente como arena paulista para a Copa do Mundo de 2014 e candidata a sediar a abertura do evento em cerca de um mês.

Essa é a previsão do governo de São Paulo. Faltam o aval da Fifa ao projeto e a definição da fonte de financiamento para bancar toda a expansão do estádio²²⁴.

Mesmo sem o aval da Fifa, já estava praticamente tudo acertado que a abertura seria no estádio do Corinthians, uma vez que a própria Fifa havia declarado que a decisão de onde seria o jogo de abertura caberia ao COL e este já tinha se pronunciado em favor do estádio do Corinthians.

O novo estádio do Corinthians ainda não tem assegurada a partida de abertura da Copa de 2014. Pelo menos é isso o que garante a Fifa, contrariando declarações de Ricardo Teixeira, presidente do Comitê Organizador Local.

Em carta enviada ontem ao governo do Distrito Federal, a Fifa diz que nada está definido sobre qual estádio vai abrir o Mundial.

‘Fique seguro que nenhuma decisão final foi tomada. É importante esclarecer, entretanto, que a decisão da abertura vai ser tomada em definitivo pelo comitê local. Estamos confiantes que todos os pontos fundamentais vão ser levados em conta antes’, diz a carta do secretário – geral da Fifa, Jérôme Valcke²²⁵.

Outro ponto que contava a favor do estádio do Corinthians e que, de certa forma, estava sendo levado em conta pela prefeitura e pelo Corinthians, era quanto aos benefícios que a construção de um estádio para a Copa do Mundo poderia trazer para a Zona Leste de São Paulo, uma das regiões mais populosas da cidade. “Ao retomar a ideia do estádio em Itaquera, o Corinthians paga dívida com a torcida e a cidade, em especial a zona leste, região

²²³ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 09 de out. de 2010.

²²⁴ Cf. “SP anunciará Itaquera para a abertura”, 27 de out. de 2010.

²²⁵ Cf. “Documento da Fifa faz Brasília ter esperança”, 25 de nov. de 2010.

mais populosa da capital, imenso dormitório com quase 4 milhões de habitantes, baixa oferta de empregos e de lazer”²²⁶.

A construção do estádio representa a chance de aproveitar o poder mobilizador que o futebol tem para os brasileiros para modernizar e transformar esta que é uma das regiões mais carentes de São Paulo, com reflexos em toda a cidade no trânsito, na melhoria de renda, de segurança e no desenvolvimento sustentável²²⁷.

Itaquera passou a ser visto como o melhor lugar para se construir um estádio já que traria grandes benefícios à região e esta se apresentava como uma região que, além de necessitar dessa forma de investimento, se apresentava como um local com grande potencial de se desenvolver.

Do ponto de vista urbanístico, que não leva em conta o que os cartolas querem mas o que a cidade precisa, Itaquera é o melhor local para um estádio abrir a Copa, apontam especialistas da Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano e do Sindicato da Arquitetura e Engenharia. Foram levados em conta ainda Arena Palestra, Pirituba, Pacaembu e Guarulhos. O Morumbi não foi analisado por conta do veto da Fifa. [...] Em Itaquera, o estádio funcionará como polo de atração de investimentos, em uma área que carece disso, diz Alberto Botti, presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil. Favorece também o fato de haver metrô próximo²²⁸.

Em discussão com o presidente do São Paulo sobre o melhor local de São Paulo para abrigar o estádio palco da abertura da Copa, Andres Sanchez, presidente do Corinthians, utilizou-se do mesmo discurso para defender Itaquera.

Infelizmente, a discriminação prevalece no Jardim Leonor [bairro que integra o Morumbi]. Em parte, ele tem razão. O que menos importa para uma Copa é o gramado. O que mais importa é o legado que vai ficar para a população. Nada mais justo que a zona leste, em que pouco se investiu, tenha mais coisas. Há muitos cidadãos paulistanos que moram lá²²⁹.

Dessa forma um estádio para a Copa é visto não só como um bem em si, mas como um catalisador da modernização em todo o seu entorno. Esse é um dos motivos pelo qual o processo decisório em São Paulo foi tão controverso. O que parecia estar em jogo, na verdade, não era qual cidade sediaria a abertura da Copa, mas sim em qual estádio da cidade de São

²²⁶ Cf. “Estádio irá pagar uma dívida com a zona leste”, Folha de São Paulo, 01 de set. de 2010.

²²⁷ Cf. “Um estádio para transformar a zona leste”, Folha de São Paulo, 10 de nov. de 2010.

²²⁸ Cf. “Painel FC”, Folha de São Paulo, 27 de agosto de 2010.

²²⁹ Cf. “Juvenal volta ao ataque por Copa”, 20 de out. de 2010.

Paulo isso ocorreria, visto os benefícios que esse evento traz para a cidade. Essa posição fica clara em algumas declarações, “falou-se de São Paulo ter grande participação em 2014. Faremos o máximo para trazer a abertura a São Paulo. É o desejo do COL e o da Fifa”, disse Ricardo Teixeira após reunião entre a prefeitura, o governo de São Paulo e o COL para discutir assuntos referentes à Copa²³⁰.

Mesmo com tanta discórdia, os desafetos Juvenal Juvêncio e Andres Sanchez, concordavam que não tinha cabimento uma Copa no Brasil onde a cidade de São Paulo não tivesse um papel de destaque. Nas palavras de Juvenal,

Não existe Copa sem São Paulo. A substância está em São Paulo, a rede hoteleira com 42 mil leitos, hospitalar, transporte de massa de qualidade etc. [...]
Não pode fazer [a abertura] em Minas, não tem hotel, tem um cinco estrelas. Numa sexta que tem projeto no Congresso de importância, você não dorme em Brasília. O Rio é ocupado pela sua beleza natural. Quem pode oferecer isso é São Paulo²³¹.

Dessa forma, apesar de não ter havido uma decisão oficial por parte da Fifa que confirmasse a arena corintiana, até os meses finais de 2010, como palco da abertura da Copa, podemos considerar que essa será a decisão a ser tomada pela Fifa devido a alguns fatores, como: o reconhecimento pela Fifa e pelo COL de que São Paulo precisa ter um papel de destaque na Copa do Mundo; a indicação por parte da prefeitura, do governo estadual e do próprio COL de que o estádio de São Paulo para a Copa é o estádio do Corinthians; e a confirmação de que a decisão acerca do estádio que será palco da abertura da Copa caberá ao COL, que já demonstrou apoio ao estádio do Corinthians em Itaquera.

Certamente, assim como foi durante todo o processo, ainda podem ocorrer mudanças nesse cenário, mas esses fatores levam a crer que a oficialização do estádio do Corinthians como palco da abertura da Copa é só uma questão de tempo. Por outro lado, o COL ao retardar demasiadamente sua posição quanto a essa questão acabou por inviabilizar que essa pesquisa pudesse acompanhar todo o processo decisório até a oficialização da Fifa acerca da questão. No entanto, como acabamos de informar, tudo leva a crer que é só uma questão de tempo a indicação do estádio do Corinthians.

Tentei demonstrar, nessa tentativa, sempre limitada, de reconstrução do processo histórico em torno da discussão acerca do estádio em São Paulo a ser utilizado na Copa do Mundo, como os fatores políticos e econômicos influenciaram essa decisão.

²³⁰ Cf. “*Mesmo após pito, São Paulo está sem estádio*”, Folha de São Paulo, 22 de julho de 2010.

²³¹ Cf. “*Juvenal volta ao ataque por Copa*”, 20 de out. de 2010.

Apesar de, em certos momentos, fatores objetivos terem sido levados em consideração. Como na escolha das cidades economicamente mais fortes para receberem os principais jogos, como Rio de Janeiro e São Paulo, para os jogos de encerramento e abertura da Copa, respectivamente. Em relação à questão da viabilidade financeira dos projetos de estádios, levantada por autoridades e pela mídia, ou na preocupação do uso do dinheiro público em alguns desses projetos, muitos desses fatores objetivos foram, no entanto, relevados na hora das decisões ou colocados em segundo plano devido a questões políticas. O debate estava presente, mas as circunstâncias não pareciam favoráveis à sua causa, visto que o medo de não haver financiamento privado em alguns estádios ou de outros estádios não agradarem à Fifa fez com que todas as preocupações com o uso do dinheiro público ou com a viabilidade financeira dos estádios fossem deixadas de lado devido ao medo maior de ficar de fora da Copa.

Ficou clara a influência determinante que o evento Copa do Mundo exerce sobre as decisões de se modernizar um estádio no Brasil. Conforme já foi salientado, somente em três cidades, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, os estádios que estão sendo construídos ou reformados não são públicos, o que não significa que esses estádios não receberão dinheiro público de alguma forma.

Tirando o caso do estádio em Natal-RN que apresenta sérios problemas de viabilidade financeira para a sua construção, os outros estádios que apresentam os maiores problemas com relação à reforma ou construção são justamente os das três cidades supra-citadas, seja por estarem com problemas na captação de recursos, na viabilidade financeira dos projetos, seja por causa dos atrasos nas obras devido à demora na decisão da própria Fifa, caso do estádio do Corinthians.

No caso do estádio do Corinthians, apesar de o presidente do clube, Andres Sanchez, ter afirmado, desde os surgimentos dos primeiros rumores a respeito da construção desse estádio em Itaquera, que o estádio não estava sendo construído para a Copa e sim para os torcedores do Corinthians. Fica difícil de se acreditar nessa versão, uma vez que Sanchez, que também foi chefe da delegação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2010 na África do Sul, já vinha soltando declarações de que o estádio do Morumbi não fazia mais parte dos planos da Fifa para a Copa no Brasil, antes mesmo de qualquer decisão oficial da Fifa a esse respeito. Por outro lado, o Morumbi, estádio do São Paulo F.C., parece não ter desistido totalmente de alguns aspectos da sua modernização, mas estando de fora da Copa achar um investidor privado para essa modernização ficou muito mais difícil.

Um dos problemas quanto à viabilidade financeira dos estádios dizia respeito justamente ao grande número de exigências feitas pela Fifa. Essas exigências, baseadas no Caderno de Encargos da Fifa, pareciam não estar em consonância com a realidade dos estádios brasileiros. Uma vez que esses encargos se baseiam em um padrão europeu de excelência, ou padrão Fifa, órgão situado na Suíça, os projetos dos estádios brasileiros apresentavam dificuldades para cumprir alguns desses requisitos.

Se no caso dos projetos de estádios paulistas a questão financeira já se apresentava como um grande problema, em cidades com uma economia menos expressiva esse problema seria quase insolúvel, principalmente se dependesse única e exclusivamente de investidores privados. Por isso, nove dos doze estádios a serem construídos ou reformados para a Copa são estádios públicos, inclusive o mais caro deles, palco da final, o Maracanã, no Rio de Janeiro.

Mesmo sabendo da inviabilidade financeira desses estádios, os governos locais se prontificaram a investir dinheiro público neles, mesmo que viessem a se tornar elefantes brancos, ou “jacarés brancos”, conforme o prefeito de Cuiabá informou. A Fifa, com o seu Caderno de Encargos para os estádios, certamente não levou em consideração que algumas das cidades escolhidas como sede não possuíam uma tradição futebolística e um público consumidor necessários para viabilizar um projeto desse porte. Nem mesmo as próprias autoridades governamentais, que disputaram acaloradas o direito de sediar a Copa, parecem ter se preocupado com essas questões.

Dessa forma, ainda parece haver uma lacuna entre o projeto de modernização e a existência de uma base material sólida para dar sustentação a esse projeto. Essa é uma modernização que veio de fora para dentro. Parece claro que se não fosse o fator Copa do Mundo esse processo de modernização nos estádios ainda demoraria algum tempo a acontecer, em algumas cidades demoraria muito tempo, e possivelmente não seria realizado de forma tão impactante.

As particularidades da modernização brasileira, ficam, nesse caso, mais restritas a fatores políticos que influenciaram na decisão acerca das cidades-sedes do que nas discussões acerca da modernização propriamente dita.

As matérias jornalísticas, por sua vez, ao mesmo tempo que, em certos momentos, mostravam euforia em torno das decisões, em outros, mostravam-se preocupadas com os rumos dessa modernização. Em todos os momentos de disputa pareciam haver correligionários de ambos os lados expondo seus pontos de vista no jornal. As matérias, ou discursos jornalísticos, ao mesmo tempo que expressam a opinião de boa parte da população, ajudam na formação dessas opiniões.

CAPÍTULO 3

O que dizem os torcedores.

Nesse capítulo analisaremos os questionários realizados com torcedores do São Paulo Futebol Clube, do Sport Club Corinthians Paulista e da Sociedade Esportiva Palmeiras.

Foram realizados um total de 137 questionários, sendo 43 com torcedores do Corinthians, 44 do São Paulo e 50 do Palmeiras. Os questionários foram aplicados em dias de jogos dos respectivos clubes, sempre quando esses eram os mandantes dos jogos²³².

Foram aplicados questionários fechados²³³ em uma amostra aleatória simples na qual todo e qualquer torcedor que fosse ao estádio no dia do jogo tinha uma chance igual de ser entrevistado (LAVILLE E DIONNE, 1999).

Os questionários buscaram elucidar algumas posições dos torcedores, principalmente, a respeito das reformas que estavam sendo realizadas nos estádios e a respeito dos programas de fidelização dos torcedores por parte dos clubes.

Algumas análises serão feitas com os torcedores de cada clube separadamente, quando houver a necessidade de se mostrar a opinião de cada grupo separadamente ou quando a discrepância das respostas for muito grande, outras, no entanto, levarão em conta a resposta dos torcedores de uma forma geral.

Como os questionários foram realizados em jogos de diferente importância e em diferentes campeonatos, há uma certa diferença no público que frequenta esses jogos. Em jogos de maior importância, em fases decisivas de campeonatos, o número de torcedores tende a ser maior, dessa forma podem aparecer alguns torcedores, chamados pejorativamente pelos próprios torcedores assíduos do time, de torcedores de final. Ou seja, aqueles torcedores que só vão ao estádio em jogos mais importantes ou quando o time está indo bem nos campeonatos. Tem se a ideia de que o perfil desses torcedores é diferente do perfil dos torcedores que frequentam assiduamente os estádios, justamente pelo fato de só frequentarem determinados jogos, os que “valem a pena” ir ao estádio, e pelo fato de nesses jogos o preço dos ingressos ser mais caro, o que possivelmente impede alguns torcedores de frequentar esses jogos, enquanto outros se sentem atraídos justamente por esses jogos.

²³² Mandante significa que o clube tinha o mando de jogo, ou seja, escolhia o estádio em que iria jogar e contava com a maioria da torcida.

²³³ Os questionários estão no anexo deste trabalho.

Dessa forma, buscamos identificar, por meio do questionário, quem são os torcedores assíduos e quem são os torcedores não assíduos, os quais chamaremos aqui de esporádicos, e qual a opinião de cada um desses grupos a respeito dos questionamentos.

A divisão entre torcedores assíduos e esporádicos foi feita a partir da resposta dos entrevistados referente a frequência com que esses torcedores vão ao estádio. Os torcedores que disseram ir ao estádio sempre que dá ou em quase todos os jogos são os considerados assíduos. Os torcedores que disseram ir ao estádio raramente ou somente em jogos importantes são os considerados esporádicos. Essa divisão foi feita levando-se em conta unicamente a frequência com a qual os torcedores disseram frequentar o estádio.

Acredita-se que o fato de ir muito ou pouco ao estádio, ou seja, de ser um torcedor assíduo ou esporádico no estádio, acaba por influenciar na opinião desses torcedores a respeito de diferentes temas, e em outros casos a opinião desses torcedores a respeito de diferentes temas faz com que eles sejam frequentadores assíduos ou esporádicos nos estádios. Ambos os fatores se influenciam mutuamente.

Levando-se em conta que os jogos de maior importância futebolística, principalmente as fases finais dos campeonatos de maior prestígio, costumam levar ao estádio um número duas vezes maior de torcedores, ou até mais, do que a média de público desses estádios. E que, justamente nesses jogos de maior importância, o preço dos ingressos tende a ser mais caro, obedecendo a “lei” da oferta e da demanda, podendo custar o dobro ou mais do preço, principalmente se comprados da mão de cambistas. É de se supor que o poder aquisitivo dos torcedores que frequentam esses jogos seja mais alto, embora não possamos comprovar isso com números. Por outro lado, podemos nos questionar, não somente baseado num suposto poder aquisitivo mais alto, se os interesses e expectativas desses torcedores, esporádicos em sua grande maioria, se diferenciam dos interesses e expectativas dos torcedores assíduos.

Os torcedores assíduos, por sua vez, veem esses torcedores esporádicos com certa desconfiança e os tratam de forma pejorativa. Um dos cantos de uma torcida organizada do São Paulo Futebol Clube demonstra a forma como é vista a imagem dos torcedores esporádicos, representados pelos torcedores que frequentam as cadeiras numeradas no estádio, setor com mais conforto, melhor posicionado no estádio e com um ingresso mais caro do que as arquibancadas, por exemplo.

Domingo, eu vou lá no Morumbi.

Eu vou, eu vou.

A Independente vai invadir

Vou levar foguetes e bandeira
Não vai ser de brincadeira
Ele vai ser campeão
Porque eu não quero
Cadeira numerada
Eu vou de arquibancada,
Pra sentir mais emoção
Porque meu time
Bota pra fuder
E o nome dele
É vocês que vão dizer
Oô oô
Oô oô o oô o oô
São Paulo

O canto faz uma dupla menção aos torcedores esporádicos, que frequentam as cadeiras numeradas, pelos assíduos, representados pelos torcedores organizados que frequentam as arquibancadas: a primeira é justamente o fato de associá-los a um setor de ingressos mais caros no estádio, a segunda é de que eles não sentem emoção ao ir a um estádio, pelo menos não tanto quanto os torcedores da arquibancada. Possíveis diferenças de gostos e interesses entre os assíduos e esporádicos, enquanto aqueles buscam emoção e não se importam tanto com o conforto, esses se importam com o conforto e não se importam tanto com a emoção, ao menos na visão dos torcedores organizados, buscaremos evidenciar com a análise de cada um desses grupos sobre diferentes temas. Vamos aos números.

Do total de entrevistados pouco mais de 71% afirmaram ir ao estádio sempre que dá ou em quase todos os jogos. Vamos considerar esses torcedores como os assíduos. A diferença foi pequena entre torcedores do São Paulo e do Palmeiras, com 68% e 62%, respectivamente. Já entre os torcedores do Corinthians 86% afirmaram ir ao estádio sempre que dá ou em quase todos os jogos.

Com relação ao tempo que esses torcedores frequentam estádios, dos 71% acima mencionados, mais de 96% afirmaram que frequentam o estádio há pelo menos 5 anos. Dentre esses, 65% afirmaram frequentar sempre o mesmo setor do estádio. Essa é uma outra característica dos frequentadores assíduos, visto a alta porcentagem de torcedores que agem dessa maneira.

O fato de frequentar o mesmo setor do estádio pode se dar, basicamente, por dois motivos, consideramos aqui os assíduos que frequentam o estádio há pelo menos 5 anos: pode ser por fazer parte de uma determinada torcida organizada, visto que essas costumam ir sempre nos mesmos setores do estádio, 41% se encaixam nessa categoria; ou pode ser um sócio-torcedor, 44% se encaixam nessa categoria, visto que é costume ter nos estádios setores específicos, mas não exclusivos, para sócio-torcedores. Alguns desses torcedores fazem parte de alguma torcida organizada e também são sócio-torcedores, no entanto, somente 15% estão dentro dessa categoria.

Dessa forma, os dados corroboram com um certo senso comum de que as torcidas organizadas e seus membros são torcedores assíduos nos estádios e com a formação de novos torcedores assíduos com base na política de fidelização de torcedores por parte dos clubes, os sócio-torcedores.

Os torcedores considerados como não assíduos, os esporádicos, representam 29% dos entrevistados, vamos ver como é o comportamento deles com relação aos mesmos quesitos analisados para os assíduos. Esses 29% responderam, quando questionados a respeito de sua frequência no estádio, que vão ao estádio raramente ou só em jogos importantes. Da mesma forma como entre os assíduos, a diferença entre torcedores do Palmeiras e do São Paulo foi pequena, 38% e 32%, respectivamente. Já entre os corintianos os torcedores esporádicos representam somente 14% dos entrevistados.

Apesar de os torcedores esporádicos frequentarem pouco o estádio durante o ano, a maioria já frequenta o estádio há um bom tempo, o que mostra que em jogos que eles julgam valer a pena, jogos decisivos, eles tendem a comparecer. Dos torcedores esporádicos mais de 75% frequentam o estádio há pelo menos 5 anos. Sendo que entre esses mais de 78% responderam que frequentam o estádio há mais de 7 anos, a maior categoria de tempo dentro dessa questão.

Dentre os torcedores esporádicos que frequentam há pelo menos 5 anos o estádio 58% afirmaram frequentar sempre o mesmo setor no estádio. O número não é baixo. Entre as torcidas do Palmeiras e do São Paulo a diferença é pequena, 67% e 59%, respectivamente. Já entre os torcedores do Corinthians, somente 25% frequentam o mesmo setor no estádio.

No entanto, apesar de mais da metade desses torcedores afirmarem que frequentam o mesmo setor no estádio, certamente isso não se dá devido aos mesmos fatores dos torcedores assíduos, ou seja, não é pelo fato de serem membros de torcida organizada ou sócio-torcedor. Visto que entre os torcedores esporádicos que frequentam o estádio há pelo menos 5 anos no mesmo setor, somente 12% fazem parte de alguma torcida organizada. Ainda mais relevante é

que entre os que não fazem parte de nenhuma torcida organizada, 93% não pretendem fazer parte de torcida organizada. Da mesma forma, somente 19% dos torcedores esporádicos que frequentam o estádio há pelo menos 5 anos e no mesmo setor são sócio-torcedores e entre os que não são sócio-torcedor, 54% não pretendem se tornar um, enquanto 46% pretendem.

O número de torcedores esporádicos que são sócio-torcedores é um pouco maior do que os que fazem parte de alguma torcida organizada, embora ambos sejam pequenos, 19% e 12%, respectivamente. No entanto, o número de torcedores que pretende se tornar sócio-torcedor é expressivo, 54%, o que sugere que se esses torcedores vierem a se tornar sócio-torcedores e mesmo assim continuarem não sendo frequentadores assíduos no estádio, ao menos, podem representar uma boa fonte de receita para os clubes.

Se não levarmos em conta nenhuma outra categoria além da frequência ao estádio, ou seja, só comparando os torcedores assíduos com os esporádicos e suas situação e posição com relação a ser membro de uma torcida organizada ou sócio-torcedor, ainda assim as diferenças se mantêm. Entre os torcedores assíduos há um grande número tanto de membros de torcidas organizadas quanto de sócio-torcedores. No entanto, há uma grande rejeição entre os que não são membros de torcida organizada em se tornar um membro de torcida organizada, por outro lado há uma grande pretensão dos não sócio-torcedores em se tornar sócio-torcedor.

Essa tendência se repete entre os torcedores esporádicos. Apesar de o número de membros de torcidas organizadas e de sócio-torcedores ser bem menor entre esses torcedores, ainda assim há uma maior rejeição desses torcedores com relação a se tornar membro de uma torcida organizada, por outro lado há um número bem maior de torcedores que pretendem se tornar sócio-torcedores.

Os esporádicos têm uma rejeição muito grande em se tornarem membros de torcida organizada, 74%. Por outro lado, entre os assíduos e com relação a se tornar um sócio-torcedor 87% são ou pretendem ser. Veja o gráfico 1.

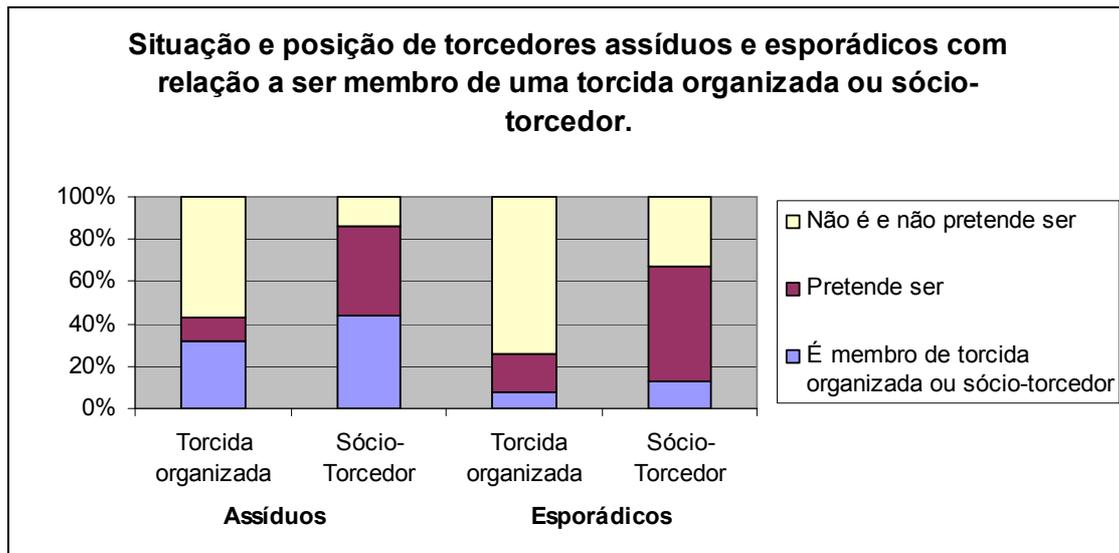


Gráfico1. Situação e posição de torcedores assíduos e esporádicos com relação a ser membro de uma torcida organizada ou sócio-torcedor.

Agora que temos uma ideia um pouco melhor a respeito de quem são os torcedores considerados assíduos e os considerados esporádicos, vamos analisar a opinião desses grupos de torcedores a respeito de uma série de questões.

Vamos analisar a opinião dos assíduos. Primeiramente com relação às reformas nos estádios de seus respectivos clubes ou a construção de um novo estádio, no caso do Corinthians.

Quando questionados se concordavam com a ideia do estádio do seu clube sediar jogos da Copa²³⁴, 92% dos entrevistados disseram concordar. Entre os palmeirenses esse índice foi de 94% e desses, somente 4% não concordam plenamente com essa ideia. Já entre os são paulinos esse índice foi de 90%, sendo que desses, 19% não concordam plenamente com essa ideia. O fato de uma porcentagem maior entre os são paulinos não estar totalmente de acordo com esse quesito pode estar relacionado ao desgaste que o clube já vinha sofrendo para tentar fazer de seu estádio a sede de São Paulo na Copa do Mundo²³⁵.

Aos corinthianos foi perguntado se esses concordavam com a ideia da construção de um estádio novo para o clube, 100% dos torcedores considerados assíduos concordaram plenamente com essa ideia.

Foi perguntado ainda se os torcedores concordavam com as reformas pelas quais os estádios teriam que passar para se adequarem às exigências da Fifa, no caso dos torcedores do Palmeiras e São Paulo, e no caso dos torcedores do Corinthians, foi perguntado se eles

²³⁴ Essa questão só foi realizada com torcedores do São Paulo e do Palmeiras.

²³⁵ Ver capítulo 2.

concordavam com as exigências da Fifa para que o estádio pudesse sediar jogos da Copa. Entre palmeirenses e são paulinos, 92% concordam com essa questão. Já entre os corintianos, 84% concordam quanto às exigências da Fifa para a construção do estádio do clube. No entanto, desses, 19% concordam com alguma ressalva quanto à essa questão.

Uma pergunta subsequente foi se os torcedores concordariam com as reformas ou as exigências da Fifa se essas reformas ou exigências encarecessem os ingressos nos estádios. O número caiu bastante, mas a aprovação ainda continua alta, 62% dos torcedores concordam com o aumento no preço dos ingressos devido às reformas ou exigências da Fifa para os estádios. Sendo que desses, 30% concordam mas com alguma ressalva à essa ideia. Dentro dos torcedores de cada clube há uma grande diferença nessa questão, enquanto entre os torcedores do Palmeiras 75% concordam com o aumento no preço dos ingressos, entre os torcedores do São Paulo esse número caiu para 67%, enquanto entre os torcedores do Corinthians esse número caiu para menos da metade, representando 46%.

Como a pergunta que levava em conta a opinião dos torcedores acerca das reformas nos estádios e das exigências da Fifa para os estádios é um tanto quanto vaga, na medida em que não esclarece de quais reformas e exigências pontuais está se falando, e muitos torcedores não necessariamente sabem do que se tratam essas medidas, nas questões subsequentes tratamos de questionar a opinião dos torcedores acerca de alguns pontos específicos. Divididos em três áreas: conforto (cobertura no estádio, encosto nos assentos e novos camarotes); segurança (câmeras no estádio); e acessibilidade (transporte público e acesso a cadeirantes).

Há, em algumas dessas questões, uma certa discrepância com relação ao número de torcedores que disseram concordar com as reformas e exigências da Fifa e o número de torcedores que concordam com determinada exigência ou reforma. Essa discrepância já era, de certa forma, esperada, pois é muito mais fácil concordar com reformas e exigências genéricas, que a princípio seriam sempre benéficas, do que com questões pontuais, as quais muitas vezes os torcedores consideram desnecessárias, supérfluas ou mesmo discordam veementemente.

Dessa forma, quando perguntados, numa escala de 1 a 5, sendo 1 sem importância e 5 muito importante, sobre sua opinião a respeito da cobertura em todos os setores do estádio, 65% dos assíduos acham importante ou muito importante a cobertura em todos os setores do

estádio. Sendo que este número atinge 80% entre os são paulinos, ficando em 60% entre os corintianos e 58% entre os palmeirenses²³⁶.

Com relação a importância em se ter encosto em todos os assentos do estádio, apenas 33% dos torcedores assíduos acham esse quesito importante ou muito importante. Vale a pena ressaltar o alto número de torcedores que não dão importância alguma a esse quesito, igualando-se ao número de torcedores que acham importante ou muito importante, 33%. Variando muito pouco de uma torcida para outra. Nas conversas informais dos próprios torcedores esse quesito é desprezado, assim como quem faz uso dos próprios assentos, visto que torcer é algo que se faz em pé, cantando e apoiando o clube.

Com relação a criação de camarotes e áreas vips nos estádios, apenas 31% dos torcedores assíduos acham esse quesito importante ou muito importante. Chama a atenção novamente o alto número de torcedores que não veem importância alguma nesse quesito, 32%, superando, inclusive, o número de torcedores que veem isso como algo importante ou muito importante. Nesse quesito há uma grande discrepância entre os clubes, enquanto entre os são paulinos somente 7% acham importante ou muito importante a criação de novos camarotes e áreas vips em seu estádio, sendo que 57% deles não veem importância alguma nessa medida, entre os corintianos e palmeirenses que acham essa medida importante ou muito importante esse número é de 44% e 39%, respectivamente. Sendo que 14% e 30% dos torcedores palmeirenses e corintianos, respectivamente, não veem importância alguma nesse quesito.

Tal discrepância entre as torcidas pode ser entendida justamente pelo fato de o estádio do São Paulo, o Morumbi, ter passado por um processo de criação de novos camarotes e de áreas vips, o que acaba diminuindo a área destinada a outros torcedores. Apesar de diminuir o espaço destinado aos torcedores que não frequentam camarotes ou áreas vips, essas medidas não parecem estar diminuindo o faturamento do clube com seu estádio, pelo contrário.

Em três anos, o Morumbi teve redução de 18,5% em sua capacidade de público para jogos do São Paulo na Libertadores.[...]

A redução em 2010 ocorre porque há reformas nas cadeiras especiais superiores e também no setor térreo. Serão instalados um bufê infantil, uma academia, novos camarotes e novos lugares nesses espaços.[...]

Apesar da queda no público, a diretoria são-paulina estima uma bilheteria em alta por conta da majoração dos preços.[...]

Sob o ponto de vista financeiro, a estratégia são-paulina é bem-sucedida. As receitas do estádio crescem a cada ano. Atingiram R\$ 31 milhões em 2009, cerca de 60% a mais do que no ano anterior.

²³⁶ O estádio do São Paulo já conta com uma cobertura parcial no primeiro e segundo anel de arquibancadas, ficando somente o terceiro anel completamente descoberto.

O clube troca torcedores comuns por VIPs, shows, bufê²³⁷.

Com relação à segurança, mais precisamente com relação ao uso de câmeras filmadoras em todos os setores do estádio, a aprovação volta a ser alta, atingindo 71% entre os torcedores assíduos, desses, 79% acham essa medida muito importante. No entanto, o número de torcedores que considera essa medida como pouco importante também é considerável, 21%. O argumento de alguns é justamente o de querer se manter no anonimato dentro do estádio.

As questões que causaram menos polêmica e discrepância entre os entrevistados foram com relação à importância do acesso facilitado para portadores de necessidades especiais no estádio e à importância do acesso ao estádio por meio de transporte público. Com relação ao acesso para portadores de necessidades especiais, 98% dos torcedores assíduos acham, ao menos, importante facilitar o acesso desses torcedores ao estádio, sendo que desses, 98% acham muito importante. Já entre os torcedores esporádicos, 100% acham essa medida muito importante.

Com relação ao acesso ao estádio por meio de transporte público, 93% dos assíduos acham importante ou muito importante essa medida. Sendo que entre esses, 95% acham muito importante. Nessa questão houve um pequeno desentendimento por parte de alguns torcedores do São Paulo, conforme pude observar, após aplicar o questionário, em conversas informais com esses. 10% dos torcedores assíduos do São Paulo afirmaram achar pouco importante o acesso ao estádio por meio de transporte público, mas após essa resposta, eles começavam a argumentar que o transporte público para o estádio do Morumbi era bastante precário e que deveria melhorar, o que demonstra não um desinteresse no uso do transporte público, mas uma indignação quanto à precariedade deste. No caso dos torcedores esporádicos 100% consideram essa medida muito importante.

Agora analisaremos os dados levantados a respeito dos torcedores esporádicos especificamente. Dentre os torcedores considerados esporádicos, quando perguntados se concordavam com a ideia do estádio do seu clube sediar jogos da Copa²³⁸, 100% dos entrevistados disseram concordar. Aos corintianos foi perguntado se esses concordavam com a ideia da construção de um estádio novo para o clube. 100% dos torcedores considerados esporádicos concordaram plenamente com essa ideia.

²³⁷ Cf. “Morumbi encolhe 18% em três anos”, Folha de São Paulo, 18 de maio de 2010.

²³⁸ Essa questão só foi realizada com torcedores do São Paulo e do Palmeiras.

Quando questionados se concordavam com as reformas pelas quais os estádios teriam que passar para se adequarem às exigências da Fifa, no caso dos torcedores do Palmeiras e São Paulo, 100% concordam com essa questão, e no caso dos torcedores do Corinthians, se concordavam com as exigências da Fifa para que o estádio pudesse sediar jogos da Copa, 84% concordam. Sendo que 16% discordaram plenamente dessa ideia.

Se as reformas nos estádios ou exigências da Fifa encarecerem o preço dos ingressos, 75% dos torcedores esporádicos ainda concordariam com elas, sendo que desses, 17% concordariam com alguma ressalva. Por outro lado 20% discordariam plenamente dessa medida.

Nos quesitos conforto, com relação a cobertura em todos os setores do estádios, 82% dos esporádicos acham, ao menos, importante essa medida, sendo que desses, 88% acham essa medida muito importante. Com relação ao encosto em todos os assentos do estádio, 56% dos esporádicos acham essa medida, ao menos, importante, sendo que desses, 68% acham essa medida muito importante. Com relação a criação de novos camarotes e áreas vips, 36% dos esporádicos acham, ao menos, importante essa medida, sendo que desses, 50% acham essa medida muito importante. Por outro lado, 38% acham essa medida pouco importante e desses, 60% acham sem importância alguma.

Dessa forma, cabe aqui algumas comparações mais diretas entre os torcedores assíduos e os esporádicos. Se a tendência de alta no número em algumas questões e a de baixa em outras é vista nos dois grupos, não é menos verdade que a diferença no valor desses números representa algo a respeito desses grupos.

Assim a aprovação em ambos os grupos quanto às reformas em seus estádios foi alta, 92% entre os assíduos e 100% entre os esporádicos, no caso de são paulinos e palmeirenses. No caso dos corintianos, a respeito das exigências da Fifa para o estádio receber jogos da Copa, 84% tanto entre os torcedores esporádicos quanto entre os assíduos concordam com essa ideia. A diferença entre os grupos a respeito desse tema é pequena, quando há.

Se as reformas ou exigências da Fifa encarecessem os ingressos, 62% dos assíduos ainda concordariam com elas, assim como 75% dos esporádicos, uma pequena diferença. Assim como a aprovação é menor entre os assíduos a rejeição, por outro lado, é maior, já que 29% desses discordam plenamente da medida, enquanto entre os esporádicos esse número cai para 20%. Vamos elucidar melhor essas diferenças no Gráfico 2.

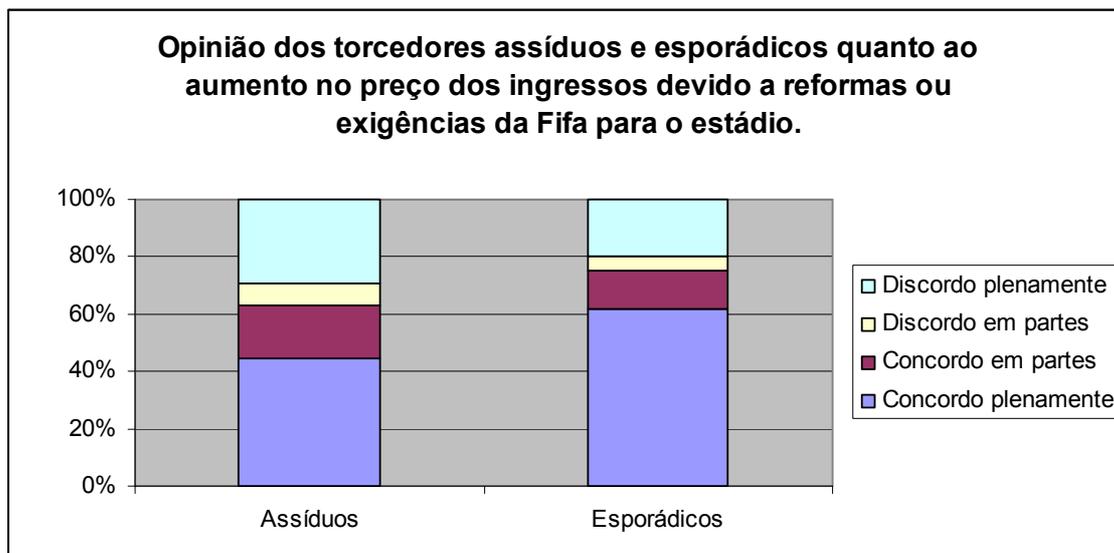


Gráfico 2. Opinião dos torcedores assíduos e esporádicos quanto ao aumento no preço dos ingressos devido a reformas ou exigências da Fifa para o estádio.

Por outro lado as discrepâncias tendem a ficar maior quando analisamos pontos específicos. Com relação à segurança nem tanto, 71% dos assíduos consideram importante a existência de câmeras filmadoras em todos os setores do estádio, enquanto 83% dos esporádicos consideram essa medida importante.

As discrepâncias maiores estão relacionadas à questão do conforto, começando mais tímidas com relação a novos camarotes e áreas vips, onde 36% dos esporádicos consideram essa medida importante e 23% não veem importância alguma nessa medida. Por outro lado, 31% dos assíduos acham importante essa medida e 32% não veem importância alguma. O alto número de torcedores que consideram essa medida pouco importante é grande nos dois grupos, mas entre os assíduos chega a ser maior do que os que consideram importante.

Com relação à cobertura em todos os setores do estádio, 65% dos assíduos acham essa medida importante ou muito importante e 11% acham que essa medida não tem importância alguma. Enquanto entre os esporádicos, 83% acham essa medida importante ou muito importante e somente 5% acham essa medida pouco importante, sendo que não houve entrevistados que consideraram essa medida como sem importância entre os esporádicos. Ver gráfico 3.

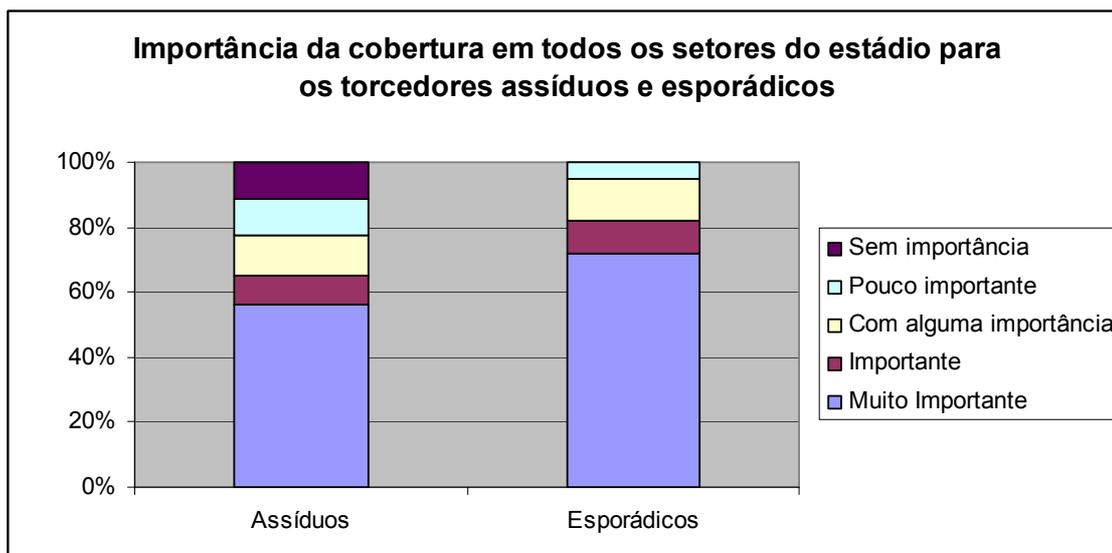


Gráfico 3. Importância da cobertura em todos os setores do estádio para os torcedores assíduos e esporádicos.

E por último, com relação ao encosto em todos os assentos do estádio, somente 33% dos assíduos acham importante ou muito importante essa medida e outros 33% não veem importância alguma nessa medida. Por outro lado, mais da metade dos esporádicos, 57%, acham essa medida importante ou muito importante, enquanto somente 13% acham essa medida sem importância alguma. Ver gráfico 4.

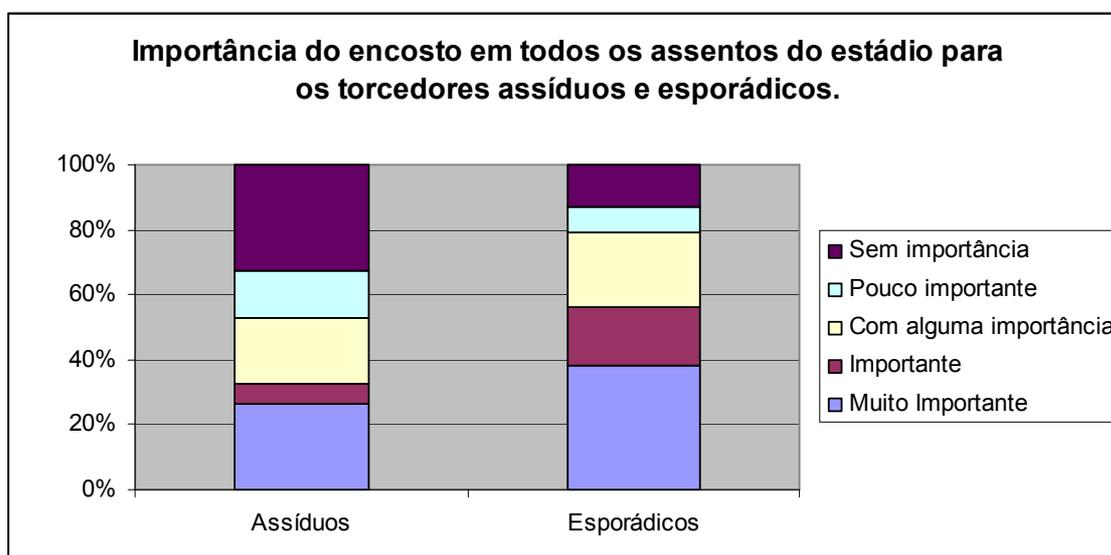


Gráfico 4. Importância do encosto em todos os assentos do estádio para os torcedores assíduos e esporádicos.

Para analisar a opinião dos torcedores com relação aos programas de sócio-torcedor vamos incluir mais uma categoria entre os torcedores assíduos e esporádicos, dividindo cada um desses grupos entre os que são sócio-torcedor e os que não são.

Entre os assíduos, 44% são sócio-torcedores, enquanto 56% não são, desses 25% não pretendem ser. Já entre os esporádicos, 13% são sócio-torcedores, enquanto 87% não são, desses 38% não pretendem ser.

Com relação aos torcedores que concordam com os programas de sócio-torcedor de seus clubes, esse número é alto para qualquer um dos quatro grupos acima mencionados, com pequenas variações. Entre os torcedores assíduos, 98% dos sócio-torcedores concordam plenamente ou concordam em partes com esse programa. Entre os não sócios 85% concordam plenamente ou em partes esse programa e 7% não souberam opinar. Já entre os torcedores esporádicos, 100% dos sócios-torcedores concordam plenamente com esse programa. Entre os que não são sócios 88% concordam plenamente ou em partes com esse programa e 9% não souberam opinar.

Posteriormente buscamos questionar a opinião dos torcedores sobre pontos específicos dos programas, principalmente os que trazem benefícios aos sócio-torcedores, buscando evidenciar se os torcedores concordam com esses benefícios.

Os torcedores, quando questionados se concordam com a ideia de os sócio-torcedores comprarem ingressos antes dos demais torcedores, entre os assíduos, 100% dos sócio-torcedores concordam plenamente ou em partes com essa ideia, já os não sócios, 82% concordam plenamente ou em partes com essa ideia e 14% discordam plenamente dessa ideia. Já entre os esporádicos, 100% dos sócio-torcedores concordam plenamente ou em partes com essa medida, enquanto 91% dos não sócios concordam plenamente ou em partes com ela e 6% não souberam responder. Confira no gráfico 5.

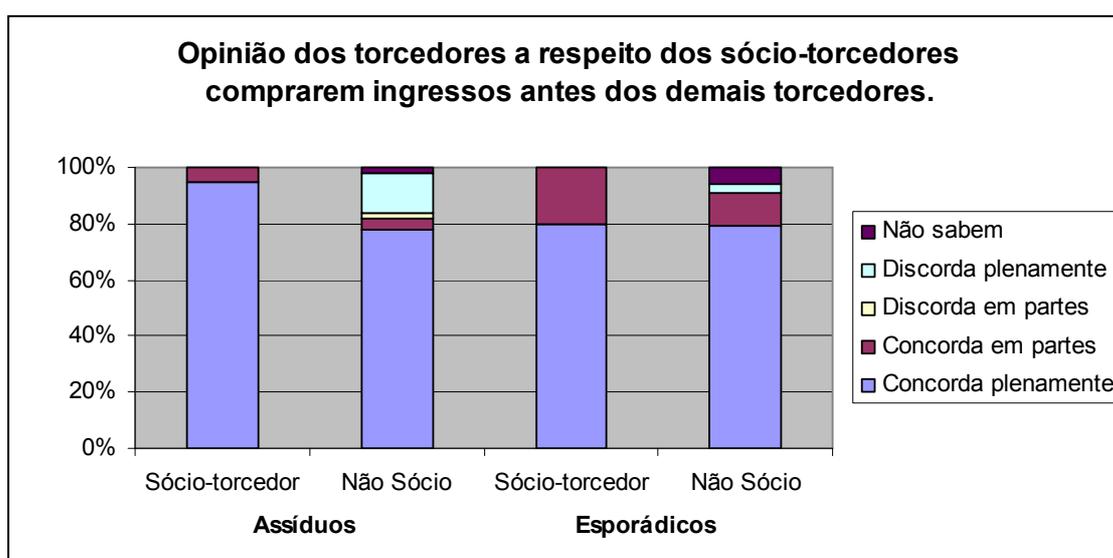


Gráfico 5. Opinião dos torcedores a respeito dos sócio-torcedores comprarem ingressos antes dos demais torcedores.

A grande maioria concorda plenamente com esse benefício, sendo considerado um direito do sócio-torcedor a compra do ingresso antes dos demais torcedores, mesmo pelos não sócios, visto que aqueles estão colaborando financeiramente com o clube.

Quando questionados a respeito da ideia de setores reservados para sócio-torcedores no estádio, entre os assíduos, 69% dos sócio-torcedores concordam plenamente, enquanto 31% discordam plenamente dessa ideia. Entre os não sócios, 56% concordam plenamente com essa ideia, enquanto 28% discordam plenamente. Já entre os esporádicos, 70% dos sócio-torcedores concordam plenamente com essa ideia, 15% concordam em partes e outros 15% discordam em partes. Entre os não sócios, 64% concordam plenamente enquanto 30% discordam em partes ou plenamente. Confira no gráfico 6.

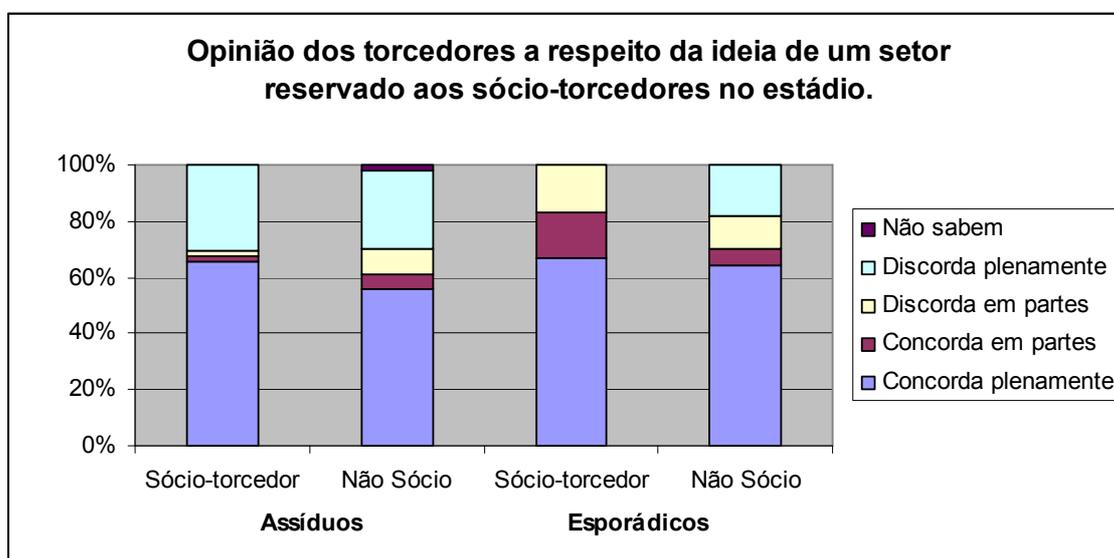


Gráfico 6. Opinião dos torcedores a respeito da ideia de um setor reservado aos sócio-torcedores no estádio.

No gráfico 6, o fato de haver uma considerável parcela dos torcedores que se posiciona contra a ideia de um setor reservado para os sócio-torcedores está ligado à ideia de que para alguns isso não é visto como um benefício, mas como um cerceamento da liberdade de escolha, visto que muitos torcedores já têm seus lugares prediletos no estádio e não gostariam de ter que mudar só por causa de ser um sócio-torcedor, como é o caso das torcidas organizadas, por exemplo, que costumam ficar sempre no mesmo setor do estádio, se um programa de sócio-torcedor limitasse seus membros num setor do estádio longe das torcidas organizadas, dificilmente algum torcedor organizado se tornaria um sócio-torcedor.

Quando questionados sobre bilheterias reservadas especificamente para sócio-torcedores, entre os assíduos, 74% dos sócio-torcedores concordam plenamente e 22% discordam plenamente dessa medida, enquanto entre os não sócios, 55% concordam

plenamente com essa ideia e 38% discordam plenamente. Já entre os esporádicos, 80% dos sócio-torcedores concordam plenamente e 20% concordam em partes. Enquanto entre os não sócios, 74% concordam plenamente e 18% discordam plenamente dessa medida. Confira no gráfico 7.

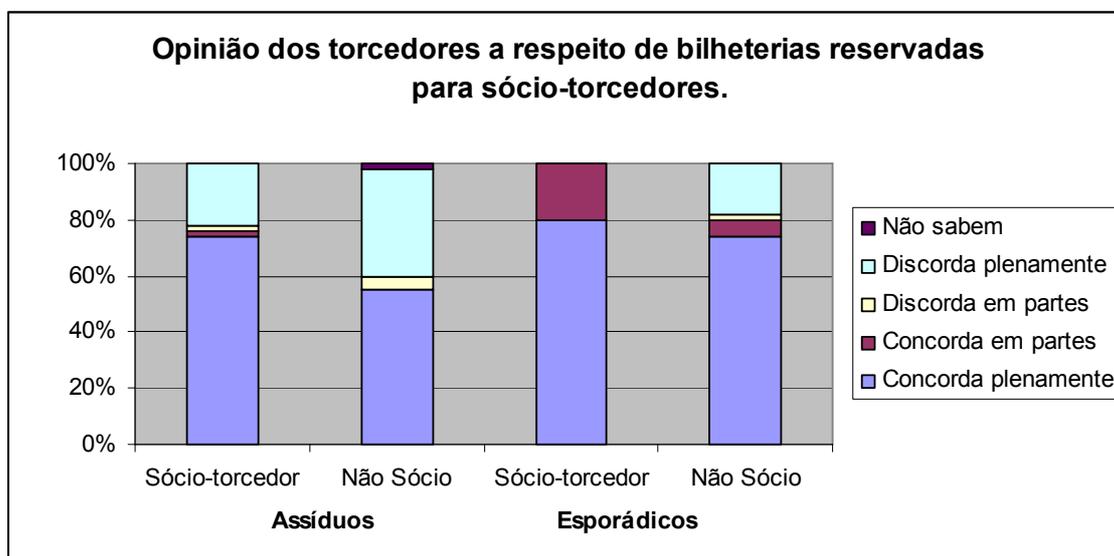


Gráfico 7. Opinião dos torcedores a respeito de bilheterias reservadas para sócio-torcedores.

Uma última questão com relação aos benefícios aos sócio-torcedores foi a respeito da opinião dos torcedores sobre o desconto no ingresso para sócio-torcedores. Entre os sócio-torcedores, tanto assíduos quanto esporádicos, 100% concordam plenamente com essa medida. Entre os não sócios, 91% dos esporádicos concordam plenamente com essa medida, enquanto 87% dos assíduos concordam plenamente com essa medida e 9% discordam plenamente.

Embora o número de sócio-torcedores esporádicos tenha sido pequeno, o que pode ter influenciado na análise proporcional dessa categoria, os sócio-torcedores, tanto esporádicos quanto assíduos, tendem a ter um comportamento similar a respeito das questões aqui levantadas. Por outro lado, entre os não sócios, os assíduos tendem a ter um número maior de torcedores contrários a determinados benefícios dos sócio-torcedores. Muitos dos torcedores que disseram não ser sócio-torcedor mas que pretendem ser um dia, colocaram como maior problema a esse respeito a questão financeira²³⁹. 42% dos torcedores assíduos, não sócios, pretendem se tornar sócio-torcedor, sendo que entre esses 37% discordam plenamente de pelo menos dois benefícios dos analisados aqui. Sendo que apenas 7% desses disseram discordar plenamente dos programas de sócio-torcedor. Não podemos afirmar se esses torcedores estão

²³⁹ Não tenho dados estatísticos referentes a essa afirmação, pude notar isso na fala dos entrevistados durante a aplicação dos questionários.

tendo uma visão crítica a respeito de alguns pontos dos projetos de sócio-torcedor ou se, na verdade, estão desdenhando de algo que gostariam de possuir ou tornar-se parte.

O que procuramos evidenciar nesse capítulo, por meio dos questionários aplicados aos torcedores de três importantes clubes paulistanos, é a opinião desses torcedores a respeito de alguns pontos específicos relativos à modernização nos estádios. Procuramos nos ater, principalmente, às medidas que afetam diretamente os torcedores. Requisitos importantes da Fifa para os estádios da Copa, como espaço interno e externo suficiente para a mídia, tamanho das placas de publicidade, qualidade das instalações destinadas à jogadores e árbitros, não foram levados em consideração nesses questionários por não afetarem diretamente os torcedores que frequentam o estádio. Especificamente o que se pretende elucidar é a existência de uma base material sólida para dar suporte a esse processo de modernização. Justamente os que podem dar essa base são os torcedores/consumidores desses espetáculos.

Os torcedores, em sua grande maioria, concordam com a ideia de construção ou reformas nos estádios para modernizá-los. Mesmo que o ingresso venha a encarecer devido a essas reformas, um bom número de torcedores ainda concorda com elas, esse número é maior entre os esporádicos do que entre os assíduos e a rejeição a essas medidas é maior entre os assíduos do que entre os esporádicos, conforme vimos acima. Há uma boa aprovação na maioria dos quesitos de modernização em ambos os grupos, com exceções para o encosto em todos os assentos do estádio, que tem um alto grau de rejeição, e principalmente, a criação de novos camarotes e áreas vips, que também tem uma alta rejeição e baixa aprovação de ambos os grupos. Embora entre os esporádicos a aprovação seja maior e a rejeição menor.

Dessa forma, com pequenas exceções, esse números podem nos levar a pensar que há uma grande lacuna entre o que desejam e estão dispostos a pagar os torcedores de futebol e o que os clubes, por meio de seus estádios, estão oferecendo a esses torcedores, havendo aí realmente um espaço para modernizações e possíveis encarecimentos nos preços, tanto de ingressos quanto de outros serviços.

No entanto, podemos fazer uma comparação desses números com os relativos aos programas de sócio-torcedor. Conforme pudemos notar, alguns dos benefícios oferecidos aos sócio-torcedores e analisados nessa pesquisa contam com uma aprovação muito grande por parte dos torcedores. Inclusive, há um grande número de torcedores, tanto entre os esporádicos quanto entre os assíduos, que pretendem se tonar sócio-torcedores, sendo o número de torcedores que pretende ser maior do que os que realmente são.

Se, por um lado, os torcedores concordam com os benefícios oferecidos pelos programas de sócio-torcedor e se eles têm vontade de se tornarem sócios-torcedores, por outro

lado, a questão financeira ainda impede alguns torcedores de realizarem esse desejo, conforme notei em conversas informais. Dessa forma, os programas de sócio-torcedor acabaram por angariar um número de torcedores aquém do esperado pelos clubes. Abaixo segue uma tabela de comparação do número de sócio-torcedores dos programas mais bem sucedidos no Brasil e no mundo.

NÚMERO DE SÓCIOS DOS CLUBES 2009

	MUNDIAL			BRASIL	
1.	SL Benfica	Portugal	171.000	Internacional PA	100.000
2.	FC Barcelona	Espanha	163.000	Grêmio PA	53.000
3.	Manchester United	Inglaterra	151.000	Corinthians	46.000
4.	Bayern Munique	Alemanha	146.000	São Paulo	42.000
5.	FC Porto	Portugal	115.000	Vasco da Gama	28.000
6.	Internacional- PA	Brasil	100.000	Santos	25.000
7.	Sporting CP	Portugal	96.000	Atlético PR	22.000
8.	Real Madrid	Espanha	92.000	Cruzeiro	18.000
9.	River Plate	Argentina	82.000	Coritiba	18.000
10.	Schalke 04	Alemanha	72.000	Ceará	10.000

Tabela 1. Número de sócios dos clubes 2009. Fonte: <http://www.futebolfinance.com/o-numero-de-socios-dos-clubes-2009>.

Dessa forma, o fato de muitos torcedores concordarem com a modernização nos estádios e com um conseqüente aumento nos preços, não significa necessariamente que eles irão usufruir desses “benefícios”. Ainda assim, não podemos deixar de levar em consideração que um número razoável de torcedores discorda plenamente do aumento no preço dos ingressos, 29% entre os assíduos e 20% entre os esporádicos.

O fato de a maioria dos torcedores concordar com as novas mudanças não significa que ela dará, necessariamente, a base material para sustentar essas mudanças. Ainda mais se levarmos em conta que a aprovação entre os torcedores assíduos é menor do que entre os esporádicos e a rejeição a essas mudanças maior entre aqueles. Se essa questão fica em aberta no caso de São Paulo, o que dirá de outras regiões do Brasil!

Considerações finais.

Todas as mudanças que ocorrem no campo esportivo guardam relações tanto com fatores internos ao campo quanto com fatores externos, nacionais e internacionais, embora, como o campo cultural se expandiu muito nas últimas décadas, na prática é bem mais difícil de fazer essa distinção entre os campos.

Ainda parece coerente a ideia de que os processos de modernização são, de alguma forma, inspirados em modelos europeus. Isso fica mais claro no caso da modernização dos estádios para a Copa do Mundo, visto que a Fifa designa um padrão internacional que deve ser utilizado em todos os estádios que receberão jogos deste campeonato. Mas também pode ser evidenciado em outras questões, como, por exemplo, a passagem de uma gestão amadora para uma profissional nos clubes. Embora seja correto argumentar que o contexto brasileiro tem suas especificidades que também influenciam nesse processo.

O fato de o Brasil ter sido escolhido como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014, e, ainda por cima, ter sido candidato único no continente sul-americano, deixa dúvidas quanto aos critérios utilizados na escolha e quanto ao peso da influência política nessa escolha, por outro lado, não podemos deixar de mencionar, que o bom momento político e econômico que o Brasil está passando, gozando, inclusive, de prestígio no cenário internacional, certamente influencia nessas decisões²⁴⁰. Uma das consequências presente nesse bom momento do Brasil, e no de alguns outros países em desenvolvimento de uma forma geral, é o aumento significativo da classe média (SOUZA & LAMONUNIER, 2010).

O fato de a cidade de São Paulo e os torcedores dos times da cidade de São Paulo terem sido escolhidos como alvos dessa pesquisa se dá pelo fato da cidade ter sido apontada, desde o início, como a principal candidata a receber o jogo de abertura da Copa, jogo visto por muitos como o mais importante de todo o campeonato, até mesmo do que o jogo final, ao menos em termos econômicos. Em outros termos, o fato de São Paulo ter sido escolhida como cidade alvo dessa pesquisa, assim como a preferência da Fifa e do COL por São Paulo, se dá justamente devido a sua importância política e, principalmente, econômica. A abertura da Copa mereceria um palco, tanto o estádio quanto a cidade, condizentes com a grandeza do evento.

²⁴⁰ Aqui podemos incluir também o fato da cidade do Rio de Janeiro ter sido escolhida como sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

Esse grande evento deve ser realizado em uma cidade que comporte a estrutura necessária, como rede hoteleira, aeroportos, boa infra-estrutura viária, entre outros (FIFA, 2007). Estruturas que ora eram elogiadas pelo COL e ora criticadas, conforme vimos no capítulo 2.

O Produto Interno Bruto (PIB) da cidade de São Paulo é o maior entre todos os municípios brasileiros, chegando a ser mais do que o dobro da segunda colocada, a cidade do Rio de Janeiro, que sediará o jogo de encerramento da Copa²⁴¹. É de se esperar, portanto, que em um país que o número de pessoas na classe média vem crescendo nos últimos anos, que a presença dessa classe na cidade com o maior PIB do país tenha forte presença. Um dos comportamentos das pessoas pertencentes à classe média é justamente o gasto discricionário, no qual se incluem os gastos com lazer, e se insere a Copa do Mundo, assim como frequentar os estádios que serão modernizados devido a ela.

Ter razoável margem de renda para gastos discricionários é usualmente considerado condição indispensável para integrar a classe média. Estima-se que cerca de um terço da renda disponível das famílias que integram essa camada social possa ser destinado ao consumo de bens e serviços, após terem sido efetuados gastos inadiáveis com as necessidades básicas de alimentação, habitação, vestuário e transporte (SOUZA & LAMONUNIER, 2010, p. 31).

Portanto, os projetos de modernização dos estádios devem levar em consideração o anseio dessa população, que futuramente irá frequentar/consumir os espetáculos produzidos nessas novas arenas, ao menos se levarmos em conta a nova dinâmica do futebol-empresa que pretende otimizar os gastos dos clubes buscando aumentar os lucros. Ou seja, se as autoridades seguirem seus próprios discursos. Mas para que esse processo obtenha os resultados pretendidos alguns fatores devem ser observados.

Em outras palavras, o futebol-empresa segue as tendências recentes do esporte-espetáculo, mas são a herança histórica (as tradições), o tamanho do mercado interno, o dinamismo da economia, as condições sociais presentes e os embates políticos que determinam as possibilidades de sucesso do novo modelo (PRONI, 1998, p.244).

Apesar do contexto econômico do país ser importante, assim como o modelo de modernização baseado em padrões europeus, a ênfase que foi dada na análise das questões

²⁴¹ Cf. http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2004_2008/tabelas_pdf/tab02.pdf

relativas as decisões referentes à Copa do Mundo levou em conta a relação de poder existente entre os grupos dentro do campo. Concordando, dessa forma, com a hipótese de Proni (1998).

As transformações que, ao longo dos cem anos, marcam o futebol no Brasil – e principalmente as que parecem nortear a década atual – são condicionadas, em primeira instância, pelas disputas entre grupos que exercem o controle do esporte no país; em segunda instância, pelos contextos cultural, político e econômico que marcaram a sociedade brasileira em cada período; e em última instância, pelo movimento hegemônico do futebol em alguns países da Europa (PRONI, 1998, p. 8-9).

De acordo com os dados levantados por essa pesquisa, portanto, as disputas entre os grupos que exercem o poder no país tiveram um papel fundamental nas decisões e nos critérios para definir as cidades e os estádios que mereceriam ser modernizados devido à Copa, embora outros fatores tenham tido sua margem de contribuição na decisão.

A longa discussão acerca da escolha da cidade para receber a abertura da Copa; a não observância de alguns critérios da Fifa nessa decisão, embora a preferência por São Paulo estivesse pautada em sua força econômica, e por que não política, dentro do cenário nacional; e a dúvida quanto ao estádio que seria o palco dos jogos na cidade de São Paulo são exemplos heurísticos dessa disputa entre grupos de poder.

Da mesma forma, tanto a demora na escolha da cidade palco do jogo da abertura da Copa, como a não observância de alguns critérios da Fifa nessa decisão, assim como a demora na escolha do estádio que sediará os jogos da Copa na cidade de São Paulo, são sintomas do mesmo problema: o jogo de abertura da Copa deveria ser realizado na cidade de São Paulo, essa era quase uma imposição da Fifa, mas a recusa do governo federal e estadual em investir dinheiro público, assim como o repúdio da opinião pública a esse respeito, e a dúvida do investidor privado em ver um retorno financeiro do seu investimento, ou seja, a indefinição a respeito de quem arcaria com o investimento necessário para a construção ou reforma de um estádio nos padrões da Fifa, acabou prorrogando a decisão oficial da Fifa, extrapolando todos os prazos anteriormente previstos.

As cidades, e seus estádios, que optaram pelo uso de recursos privados apresentaram dificuldades, em algum momento, na obtenção desses recursos e acabaram optando por reformas mais em conta²⁴². A grande maioria das cidades e estados, sem apresentar um investidor privado disposto a construir ou reformar um estádio, optou pelo uso de dinheiro público na construção de estádios públicos.

²⁴² Somente em três cidades os estádios, e mesmo assim com certo auxílio do poder público, serão privados: São Paulo, Curitiba e Porto Alegre. Ver capítulo 2.

O uso de dinheiro público na grande maioria dos estádios, ou a dificuldade de se encontrar um investidor privado disposto a construir ou reformar um estádio no principal mercado consumidor do país, a cidade de São Paulo, é um fator heurístico de que a modernização dos estádios e os discursos que a sustentam estão precipitando uma comparação do mercado futebolístico brasileiro com o europeu.

O modelo europeu vem servindo de base para outros modelos de modernização, mas o evento Copa do Mundo parece passar por cima das particularidades de cada país. “Por ser uma atividade vulnerável à competição internacional, o futebol brasileiro é impelido a seguir as tendências do futebol europeu, sob pena de perder seus principais atletas e sua competitividade” (PRONI, 1998, p.242).

Mas, por outro lado, fica claro o papel que o Estado deve, ou deveria, ter nessa nova fase do futebol, “cabe ao Estado não mais subsidiar a atividade esportiva profissional, mas fiscalizá-la e impedir abusos de poder, como em qualquer outra atividade econômica (PRONI, 1998, p.242).

A falta de investidores privados nos estádios pode ser um sintoma da dificuldade que esses estádios terão em se manter viáveis financeiramente após a Copa. O discurso do futebol moderno no Brasil, no entanto, muitas vezes dá a ideia de que o público não frequenta os estádios pois esses não oferecem serviços de qualidade para seus torcedores/consumidores e que a modernização dos estádios virá justamente sanar esse problema. O discurso pode não estar em total sintonia com a realidade.

Recentemente, tem sido dito que a média de público é baixa (se comparada com a de alguns campeonatos europeus, que ultrapassam a marca dos 30 mil) porque os estádios não oferecem conforto, segurança, estacionamento etc. Isso pode ser verdade, mas não é esse o tipo de torcedor que, ainda hoje, lota os estádios nas principais capitais do país nos jogos de decisão de campeonato. Parece haver uma certa precipitação na comparação com os países europeus (PRONI, 1998, p.208).

Alguns pontos dessa “precipitação” aparecem também nos dados referentes aos questionários aplicados. Uma vez que uma parte dos torcedores, especialmente entre os assíduos, se demonstra contrário a algumas medidas de segurança e, principalmente, de conforto.

Algumas medidas de conforto, como, por exemplo, novos camarotes e áreas vips, assim como encosto em todos os assentos do estádio, chegam a ter um número maior de

torcedores que não veem nessa medida importância alguma do que nos que veem ela como ao menos importante.

O mesmo pode-se dizer com relação aos programas de sócio-torcedor, há uma quantidade razoável de torcedores que ingressaram nesses programas, embora sempre aquém das expectativas dos clubes. Por outro lado, há um número expressivo de torcedores que pretendem se tornar sócio-torcedores, e é ainda maior o número de torcedores que concordam com as vantagens e benefícios oferecidos aos sócio-torcedores, no entanto, devido a vários motivos, e destacamos aqui o econômico, como pude constatar em conversas informais, essa pretensão ainda não pode se concretizar.

Dessa forma, a modernização dos estádios para a Copa, assim como o discurso da modernização do futebol brasileiro, empregado para dar sustentação à viabilidade da Copa no Brasil, e a desaprovação de boa parte dos torcedores de aspectos dessa modernização, especialmente se feita com dinheiro público, parecem ser fatores heurísticos de que a Copa do Mundo, ao se basear em padrões internacionais, não leva em consideração muitas das particularidades dos países que recebem esses eventos. Talvez uma análise das consequências da última Copa do Mundo realizada na África do Sul venham a corroborar com essa ideia.

Proni (1998), ao falar a respeito da mudança do esporte amador para o profissional, nos anos de 1930, com o início dos salários pagos aos atletas diz que na época a sociedade brasileira estava pronta para a mudança, com relação a essa nova modernização ele fica em dúvida. “Na época, a sociedade parecia pronta para receber a mudança. Não sabemos ao certo como a sociedade brasileira reagirá, agora, ao novo modelo. Algumas mazelas serão superadas, outros problemas serão criados. A única certeza é que ‘nada será como antes, amanhã’”(PRONI, 1998, p.6).

Ou seja, além de uma consciência característica é necessário que haja também uma base material sólida para que determinados aspectos do futebol moderno venham a se desenvolver no futebol brasileiro.

Referências bibliográficas.

ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa e política: algumas reflexões acerca da investigação histórica*. In: *História em Revista*. Pelotas: UFPEL, v. 7, 2001.

ARAÚJO, José Renato C. *Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. IFCH/UNICAMP, 1996.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

AZEVEDO, Aldo. *Dos velhos aos novos cartolas: uma interpretação do poder e das suas resistências nos clubes, face às relações futebol-empresa*. Tese de Doutorado em Sociologia, UnB, 1999.

_____. (Org.). *Observatório do Torcedor, Mídia e Políticas Públicas no Distrito Federal*. Brasília, Rede Cedes/Ministério do Esporte, 2008.

BARBOSA, Marialva. *Como escrever uma história da imprensa?*. In: Grupo de trabalho História do Jornalismo, II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Florianópolis, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CALDEIRA, Teresa Pires R. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.

CAMPOS, Leandro C. F. & ROMAN, Everton P. *Diferença de planejamento e administração de clubes de futebol da Europa e do Brasil*. Acesso: 15 de março de 2010.

Disponível em:

<http://www.revistamineiraefi.ufv.br/artigos/arquivos/debf9c559d6b85d9030c1b3891d991e8.pdf>

CREPALDI, Daniel. D. *A Rádio Nacional e o Futebol Brasileiro na Década de 50: um estudo do conteúdo político-ideológico das mensagens esportivas*. Dissertação de Mestrado em Sociologia, UnB, 2009.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec: Anpocs, 2007.

DE LUCA, Tânia R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo; Contexto, 2005. p. 111-153.

DOUGLAS, Mary. *Como as Instituições Pensam*. São Paulo: Edusp, 1998.

ELIAS, Norbert. *Ensaio sobre o Desporto e a Violência* In: ELIAS, N; DUNNING, E. A Busca da Excitação. Lisboa: DIFEL, 1992. pp. 223-256.

FIFA. *Football Stadiums: technical recommendations and requirements*. Switzerland: FIFA, 2007.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GONÇALVES, Julio C. S. & CARVALHO, Cristina A. A Mercantilização do Futebol Brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. In: *Cadernos EBAPE.BR*. Vol.1, n.2., Rio de Janeiro: FGV, 2006.

KUMAR, Krishan. *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: Novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LEONCINI, M. P. *Entendendo o Negócio Futebol: um estudo sobre a transformação do modelo de gestão estratégica nos clubes de futebol*. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção. USP, 2001.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

PEDREIRA, Rafael et. al. *Administração profissional em clubes de futebol: o caso do Goiás Esporte Clube*. Acesso: 15 de março de 2010.

Disponível em:

http://www.ead.fea.usp.br/Semead/10semead/sistema/resultado/an_resumo.asp?cod_trabalho=402

PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: Uma História Social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. Tese de Doutorado em História, IFCH/UNICAMP, 1998.

PIMENTA, Carlos A. M. *Torcidas Organizadas de Futebol: violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações societárias*. Taubaté, SP: Vogal Editora, 1997.

PRONI, Marcelo. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Tese de Doutorado em Educação Física, FEF, UniCamp, 1998.

REIS, Heloísa. H. B. *Futebol e Violência*. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

ROMANCINI, Richard. *História e Jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. Anais... São Paulo: Intercom, 2005.

SANTOS, Francisco R. Dos. *O Valor das Torcidas de Futebol: o customer equity dos clubes a partir dos resultados de bilheteria no campeonato brasileiro*. Dissertação de Mestrado em Administração, UFPR, 2008.

SOUZA, Amaury de, LAMOUNIER, Bolivar. *A Classe Média Brasileira. Ambições, valores e projetos de sociedade*. Rio de Janeiro:Elsevier; Brasília, DF: CNI, 2010.

SOUZA, Eliezer Felix de. *A IMPRENSA COMO FONTES PARA PESQUISA EM HISTÓRIA E EDUCAÇÃO*. In: Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação”, 8., 2009. Campinas, SP. Anais do VIII... FE/UNICAMP: HISTEDBR: Campinas, SP, 2009.

SOUZA, Fábio A. P. De. *Um estudo sobre a demanda por jogos de futebol nos estádios brasileiros*. Dissertação de Mestrado em Administração. USP, 2004.

THIOLLENT, Michel *Crítica Metodológica, Investigação Social & Enquête Operária*. São Paulo: Polis, 1987.

TOLEDO, Luiz H. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2000.

TORO, Camilo aguilera. *O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004)*. Dissertação de Mestrado em Sociologia. IFCH, UniCamp, 2004.

ANEXOS

QUANTO AS REFORMAS NO MORUMBI:

Você concorda com a ideia do Morumbi sediar jogos da Copa do Mundo?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Você concorda com as reformas pelas quais o estádio passará?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Se essas reformas encarecerem os ingressos, você ainda concordará com elas?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Qual a importância para você de cada uma das características abaixo, classificando de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante:

Cobertura em todos os setores do estádio: 1 2 3 4 5

Encosto em todos os assentos do estádio: 1 2 3 4 5

Criação de novos camarotes e áreas vips no estádio: 1 2 3 4 5

Câmeras filmadoras em todos os setores do estádio: 1 2 3 4 5

Acesso facilitado para portadores de necessidades especiais: 1 2 3 4 5

Facilidade do acesso ao estádio por meio de transporte público: 1 2 3 4 5

QUANTO AO PROGRAMA SÓCIO TORCEDOR.

Você concorda com o programa de sócio-torcedor do São Paulo F.C.?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Você concorda com a ideia dos sócio-torcedores comprarem ingressos antes dos demais torcedores?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Você concorda com a ideia de setores reservados para sócio-torcedores no estádio?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Você concorda com a ideia de bilheterias reservadas somente para sócio-torcedores?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Você concorda com desconto nos ingressos para os sócio-torcedores?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

PASSAPORTE TRICOLOR

Você concorda com a venda de pacotes de ingressos válidos para toda uma temporada (Passaporte Tricolor)?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Você concorda com a existência de setores reservados para os portadores do Passaporte Tricolor?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Você concorda com os descontos oferecidos nos ingressos a compradores do Passaporte Tricolor?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

QUANTO AS TORCIDAS ORGANIZADAS

Você concorda com a presença das torcidas organizadas nos estádios?

Concordo completamente Concordo em partes Discordo em partes Discordo completamente Não sei

Você concorda com a ideia de um setor reservado especificamente para as torcidas organizadas?

Concordo completamente Concordo em partes Discordo em partes Discordo completamente Não sei

Você concorda com descontos nos ingressos destinados às torcidas organizadas?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Anexo 2.

Questionário aplicado aos torcedores da S. E. Palmeiras.

Dia: Jogo: Campeonato:
Fase: Setor:

CARACTERIZANDO O TORCEDOR:

Você é sócio-torcedor do Palmeiras?

Sim Não, mas pretendo ser Não e não pretendo ser

Você é membro de alguma torcida organizada?

Sim Não, mas pretendo ser Não e não pretendo ser

Com que frequência você vai ao estádio?

Raramente Só em jogos importantes Sempre que dá Quase todos os jogos

Há quanto tempo frequenta o estádio?

Primeiro ano Há pelo menos 3 anos Há pelo menos 5 anos
Há pelo menos 7 anos Há mais de 7 anos

Vem sempre no mesmo setor do estádio? Sim Não

Se não, qual outro setor costuma ir e por que optou por esse hoje?

QUANTO AS REFORMAS NO PALESTRA:

Você concorda com as ideias apresentadas abaixo:

Palestra sediar jogos da Copa do Mundo?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

As reformas pelas quais o estádio passará?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Se essas reformas encarecerem os ingressos, você ainda concordará com elas?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Qual a importância para você de cada uma das características abaixo, classificando de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante:

Cobertura em todos os setores do estádio: 1 2 3 4 5

Encosto em todos os assentos do estádio: 1 2 3 4 5

Criação de novos camarotes e áreas vips no estádio: 1 2 3 4 5

Câmeras filmadoras em todos os setores do estádio: 1 2 3 4 5

Acesso facilitado para portadores de necessidades especiais: 1 2 3 4 5

Facilidade do acesso ao estádio por meio de transporte público: 1 2 3 4 5

QUANTO AO PROGRAMA SÓCIO TORCEDOR.

Você concorda com as ideias apresentadas abaixo:

Com o programa de sócio-torcedor do Palmeiras?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Os sócio-torcedores comprarem ingressos antes dos demais torcedores?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Setores reservados para sócio-torcedores no estádio?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Bilheterias reservadas somente para sócio-torcedores?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Desconto nos ingressos para os sócio-torcedores?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

QUANTO AS TORCIDAS ORGANIZADAS

Você concorda com as ideias apresentadas abaixo:

Presença das torcidas organizadas nos estádios?

Concordo completamente Concordo em partes Discordo em partes Discordo completamente Não sei

Um setor reservado especificamente para as torcidas organizadas?

Concordo completamente Concordo em partes Discordo em partes Discordo completamente Não sei

Descontos nos ingressos destinados às torcidas organizadas?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Anexo 3.

Questionário aplicado aos torcedores do S. C. Corinthians Paulista.

Dia: Jogo: Campeonato:

Fase: Setor:

CARACTERIZANDO O TORCEDOR:

Você é sócio-torcedor do Corinthians?

Sim Não, mas pretendo ser Não e não pretendo ser

Você é membro de alguma torcida organizada?

Sim Não, mas pretendo ser Não e não pretendo ser

Com que frequência você vai ao estádio?

Raramente Só em jogos importantes Sempre que dá Quase todos os jogos

Há quanto tempo frequenta o estádio?

Primeiro ano Há pelo menos 3 anos Há pelo menos 5 anos
Há pelo menos 7 anos Há mais de 7 anos

Vem sempre no mesmo setor do estádio? Sim Não

Se não, qual outro setor costuma ir e por que optou por esse hoje?

QUANTO AO NOVO ESTÁDIO:

Você concorda com as ideias apresentadas abaixo:

A construção de um novo estádio para o Corinthians?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

As exigências da FIFA para ele sediar jogos da Copa do Mundo?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Se as exigências da FIFA encarecerem os ingressos, você ainda concordará com elas?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Qual a importância para você de cada uma das características abaixo, classificando de 1 a 5, sendo 1 o menos importante e 5 o mais importante:

Cobertura em todos os setores do estádio: 1 2 3 4 5

Encosto em todos os assentos do estádio: 1 2 3 4 5

Criação de camarotes e áreas vips no estádio: 1 2 3 4 5

Câmeras filmadoras em todos os setores do estádio: 1 2 3 4 5

Acesso facilitado para portadores de necessidades especiais: 1 2 3 4 5

Facilidade do acesso ao estádio por meio de transporte público: 1 2 3 4 5

QUANTO AO PROGRAMA SÓCIO TORCEDOR.

Você concorda com as ideias apresentadas abaixo:

Com o programa de sócio-torcedor do Corinthians?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Os sócio-torcedores comprarem ingressos antes dos demais torcedores?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Setores reservados para sócio-torcedores no estádio?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Bilheterias reservadas somente para sócio-torcedores?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

Desconto nos ingressos para os sócio-torcedores?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei

QUANTO AS TORCIDAS ORGANIZADAS

Você concorda com as ideias apresentadas abaixo:

Presença das torcidas organizadas nos estádios?

Concordo completamente Concordo em partes Discordo em partes Discordo
completamente Não sei

Um setor reservado especificamente para as torcidas organizadas?

Concordo completamente Concordo em partes Discordo em partes Discordo
completamente Não sei

Descontos nos ingressos destinados às torcidas organizadas?

Concordo plenamente Concordo em partes Discordo em partes
Discordo plenamente Não sei